



REDACTOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém

e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

N.º 46 — 7.º ano

Comp. e Imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Janeiro de 1922

Mais um ano

Acabam de decorrer 7 anos depois que alguém, compreendendo as necessidades dos alunos do Instituto, teve a feliz ideia de fundar entre nós um órgão literário. E ele apareceu, sorriu aos pequeninos escritores que nêle colaboraram e começou a saltitar nas suas mãos quasi todos os meses, continuamente.

Foi grandiosa a empresa, principalmente por nesse tempo estar ainda muito efervescente a organização dêste estabelecimento de ensino. No entanto, façamos justiça aos seus primeiros colaboradores: a parte redactorial não era inferior à de hoje; pelo contrário, era mais interessante, embora a parte scientifica, em geral, fôsse muito reduzida.

Infelizmente, para o fundar e sustentar desde o início, não encontrou a Direcção o apoio em todos os seus camaradas. Ainda antes de sair o pequenino mensário, eles tiveram de lutar com o desprêso daqueles para quem um órgão literário não era mais do que uma simples futilidade, sem proveito algum.

A primeira Direcção, segundo o disseram os seus membros, quasi teve de se nomear a si própria, tal era o pouco interesse que lhe votava a maioria dos alunos. Mas ela soube resistir a tudo isso, conseguiu sustentar o seu ideal acima de tôdas as paixões, pondo a mão

e salvo o periódico, que, semelhante a um frágil barquinho errante no turbilhão dos mares encapelados, parecia querer despedaçar-se inglôriamente.

E, fazendo face a todos os obstáculos que se opunham, derrubando tudo o que o tentava impedir, *O Profissional* foi-se publicando duma maneira mais ou menos regular.

Os anos sucederam-se uns aos outros; e, embora lutando nas irregularidades dos ventos nem sempre propícios, tem conseguido melhorar-se pouco a pouco.

Para se conseguir a sua publicação mensal são dispendidas muitas energias, são necessários muitos esforços, e, sobretudo, uma grande persistência da parte da Direcção. São um sem número de contrariedades que apparecem antes de se publicar um número. E assim todos sem excepção.

Eu conheço tôdas as dificuldades que surgem, pois há um ano já que pertenço à Direcção. O que é para estranhar e para lastimar é que entre os que menosprezam o nosso órgão literário esteja uma ilógica percentagem de alunos. Este facto muito triste, é uma das contrariedades mais terríveis com que nos vemos obrigados a reagir.

Sendo *O Profissional* simples e unicamente dos alunos, e havendo entre estes um grande número não nutrido por ele os carinhos de que elle carece, evidentemente, que isso apenas

serve para retrogradar o caminho seguido até aqui.

Eu bem sei que as tempestades desencadeadas entre camaradas meus contra o nosso mensário, não são a manifestação sincera dos seus sentimentos, mas no entanto servem para atrazar a conduta que nos propusemos seguir, levando-nos por vezes quasi ao desânimo.

Mas não desanimaremos! O nosso esforço, o nosso trabalho, serão cada vez maiores, cada vez mais activos e persistentes.

Empregaremos toda a nossa energia e toda a nossa boa vontade, e, coadjuvados pelos que compreendem a existência de *O Profissional*, necessária, poremos o nosso pouco préstimo ao seu dispor para que ele não sucumba agora, que parece assentar em bases um tanto sólidas.

Torna-se necessário mais do que nunca, que todos os alunos, sem distinção de cursos, concorram com a sua cota-parte para que ele não seja apanágio de alguns, visto que a sua existência já faz parte integrante da nossa vida escolar.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Portugal

Portugal a nossa querida terra natal é uma das mais pequenas nações do Mundo! Foi sempre respeitada, sempre engrandecida desde o começo do seu território até hoje e estou convencido que o será para o futuro. O povo de Portugal tem cultivado bem a sua inteligência. É o povo português um povo trabalhador, honesto e defensor da sua pátria; em tempos, para nós remotos, os nossos avós venceram sempre dando o próprio sangue, para dar o exemplo aos do futuro, da sua heroicidade! «Como quem diz» Caros irmãos!

Dai sempre vosso sangue para defesa do lar da Pátria; mostrai que sois portugueses, e ganhái sempre coragem. Lembrai-vos da Batalha de Aljubarrota em que o grande rei português D. João I auxiliado com o invencível D. Nuno Álvares Pereira conseguiram com as suas reduzidas tropas derrotar os castelhanos; pensai portugueses e ponde no vosso pensamento, se foi ou não um destes casos inacreditáveis! Mas foi verdade e temos para sua prova a linda História de Portugal! Lembrai-vos que descendeis do antigo povo luso; recordai-vos da Gloriosa revolução 5 de outubro-1910 revolução esta que mais uma vez

engrandeceu o nome de Portugal: defendei a vossa bandeira bicolor, vede as suas cores tão lindas, a esfera armilar com os castelos. A cor verde representa esperança e a encarnada representa o próprio sangue! Gravaí estas palavras no vosso espirito; e quando alguém disser mal da nossa querida pátria dai tudo ao desprêso e considerai-os como traidores.

João Maria Pina

1.º Ano Oficial

SECÇÃO LITERÁRIA

As lendas do mar tenebroso

Antes dos descobrimentos dos portugueses o Oceano Atlântico era o terror dos povos antigos, mesmo dos mais civilizados. Os marinheiros europeus navegam somente nas costas do mar do Norte e do Mediterrâneo e imediações. A maior parte da terra era, pois, desconhecida.

Os marinheiros mais ousados não conseguiam dobrar o Cabo Bojador. Para os povos de então, o Oceano era o mar das trevas, da desolação e da morte. Supunha-se ser habitado por monstros fômidáveis e fabulosos. Estas suposições andavam na mente de todos a-pesar das grandes expedições dos fenícios, gregos e romanos. Estas lendas vinham já de há muito tempo e eram constantemente aumentadas com fábulas novas, chegando até o tempo do Infante D. Henrique.

Dizia-se que no mar Tenebroso havia uma grande ilha povoada por animais monstruosos e homens de altura dupla da nossa, vivendo duas vezes a existência humana em grandes cidades com costumes e leis diversas.

Afora estas ainda havia outras, por exemplo a ideia de que em regiões desconhecidas, viviam pessoas malditas de Deus e os marinheiros que destas terras se aproximassem veriam o mar começar a incandescer, inflamando-se a terra. Das chamas das águas sairiam então fantasmas horríveis, plantas extraordinárias que só nessas regiões podiam viver. O temerário que ousasse passar além dum certo limite seria agarrado por monstros que o levariam para lugares incógnitos.

As pessoas mais ilustres e os sábios, seguiam ferverosamente as doutrinas dos padres que eram quem mais pavor incutiam no povo com as lendas cristãs ante as quais tudo pare-

cia atemorizado não conseguindo ninguém desvendar o mistério que envolvia o Oceano.

Existia a lenda da Terra velada que era habitada por gente e animais fantásticos, a das ilhas do Ouro, da Prata, e das Hespérides, antigas ilhas cujos pomares de ouro eram vigiados por um terrível dragão.

Tal era o estado em que se encontravam os povos antigos, cheios de terror por esse longo mar que para eles parecia ser o Inferno, quando os audaciosos navegadores portugueses começaram a sulcar com as quilhas dos seus navios todos os mares desconhecidos.

Sebastião dos Santos Pereira

3.º ano de Instrução Primária Superior

Torre de Belém

Sentinela perdida doutras eras
Porque afrontas sôzinha o Tejo inteiro?

Novas glórias talvez ainda esperas

Das naus possantes ou dalgum guerreiro?

Não se vêem onagres nem canhões;

Ao vento não tremulam já balsões

Sobre as tuas ameias gloriosas;

Só o Tejo teus pés te vem beijar,

Murmurando, talvez a soluçar,

Longas preces, sentidas, fervorosas.

Tua coroa linda e opalina

Não 'smoreceu, ao contrário, brilha mais,

Torre bendita que a mão divina

Ajuntou aos Tejíferos cristais,

Dizendo-te: aos filhos desta terra,

Mostra-lhe a Pátria, o mar, o céu, a guerra.

E tu nos indicaste com vigor

As nossas epopeias tão brilhantes,

De guerreiros, e heróis e navegantes,

Que à pátria tributaram seu amor.

Mil elmos viste, tu, Torre bendita;

Viste as espadas frias denudar

Aos filhos qu'ridos da pátria a'flita

P'ra o marroquino império conquistar,

A nova da derrota te roubou

O teu sorriso que depois findou;

Anos sessenta em cativeiro triste,

A nossa bela pátria tão feraz,

Valente, heróica, sempre a mais audaz

Em longo desespero tu a viste;

Um dia o sol raiou esplendoroso,

O nosso céu tornou-se azul festivo,

E o Tejo então correu mais vigoroso;

Tornou-se o rouxinol menos esquivo,

E no campo mais belas as boninas

Porque a pátria quebrou as ferropieas,

E ao arrebol, sôbre as tuas ameias

Lá estava altivo o pavilhão das quinas.

João Pires Antas

3.º ano de I. P. S.

Sussurros do Oceano

Pela praia estendiam-se as barracas num alinhamento gracioso alvejando aos primeiros ardores do sol.

Grupos de pessoas passeavam pela orla marítima discutindo assuntos cotidianos.

Além, abrigadas num toldo, famílias do país vizinho prescutavam incessantemente o estado da maré, enquanto à beira mar as encantadoras madrilenas se entretinham na areia, aguardando o instante de entrarem na água.

E' o momento. Saltitando, avançam com um sorriso infantil esteriotipado nos lábios para as alterosas ondas que caminham. O mar não as intimida, e saindo fora do amplo recinto destinado a banharem-se, cortam o salso argente nuns movimentos graciosos provocando o riso dos assistentes.

Começam os comentários: oh! tanto frio, murmura uma atraente filha do Ebro sentindo o contacto das águas. Uma donzela olhando distraída a assistência cai bruscamente. Logo um jovem oficial todo taful, carregando o sobreceño diz com ironia: Ah! beldade que te perdes.

Os espectadores que presenciaram o sucedido sorriram aos dixotes do varonil militar.

O astro rei dardejando, atingia o seu zénite.

Pouco a pouco a assistência dispersava-se, e os raros banhistas ultimavam os seus preparativos de regresso.

Volvidos instantes, após uma releição demorada, ei-las que voltam sorridentes às barracas, protegendo-se contra os intensos raios solares.

Crianças divertem-se, e as fascinantes cervantinas entregam-se a distrações infantis, enquanto perto um grupo de portugueses facéticos as olham cubiçosos.

Galante andaluz! quão gentil sois, exclama um protótipo lisbonense a uma menina jogando o dominó. Como resposta, a atingida pelo motejo olhou intencionalmente para a sua parceira nesta expressão: «compreendo, quere conversa».

Os chistes sucediam-se ininterruptos, enquanto um estúrdio da cidade do Mondego, vendo inúteis os seus intentos de colóquio que ansiava ajuntou num tom final: «Estas meninas são peores que os cábilas de Marrocos».

Vendo-se melindradas na sua alma de espanholas, curvaram os olhos numa atitude de despeito, e levantando-se, uma gentil figura andaluz observou com sarcasmo.

Mostra bem que é português!

O Oceano bramia, e as impetuosas vagas

vinham quebrar-se nos penedos solitários, enquanto as límpidas águas espelhando me ofereciam um quadro deslumbrador.

Detive-me pensativo.

Tôda a minha alma estremecia sentindo perpassar uma emoção estranha. Recordava os ingentes vultos do passado, sulcando pélagos infindos nas frágeis caravelas à conquista do desconhecido. Vagos sussurros repercutiam-se pela amplidão, e num liame de epopeia vinham juntar-se os varões decrépitos, no sepulcro dormindo o sono dos triunfos.

Lentamente o sol ofuscava-se para além do forte, e aos reflexos argênteos do Oceano, collegava-se a alma da pátria esplendendo pelo infinito.

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral de comércio



Os pobrezinhos

Como é triste o chorar dos pobrezinhos,
É que tristeza tem o seu cantar!...
Ao romper d'alva, sem nenhuns carinhos,
Lá vão de terra em terra sem parar!...

Quantas vezes cantando, nos caminhos,
—Smente para os outros alegrar—,
Não tentam muito a custo, coitadinhos,
Seu pranto de miséria ocultar!

E assim passam a vida tristemente
Num continuo penar tão comovente,
Sem o mundo os ouvir, os entender...

E êles lá vão cumprindo o sofrimento
Que Deus lhe deu, até que num momento
A velha Parca os venha receber!...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio



Concílio dos deuses no Olimpo

(Lus. Canto I, Estâncias 20-41)

Já navegavam no Oceano Índico as naus de *Vasco da Gama*, quando os deuses se reuniram no Olimpo, convocados da parte de Júpiter por Mercúrio para tratarem da audaciosa pretensão dos portugueses que queriam chegar à Índia.

Num trono de pedras preciosas que adornavam, estava Júpiter o deus onipotente, tendo na cabeça uma coroa e sceptro rutilado. Mais abaixo e por ordem especial, em assentos marchetados de ouro, estavam os outros deuses

que escutavam silenciosos as palavras do deus soberano.

Júpiter então, começou a dizer-lhes que se não, estivessem esquecidos dos feitos heróicos dos portugueses, deviam colocá-los num lugar superior ao dos assírios, persas, gregos e romanos. De entre outros feitos cita êle, as de Viriato e Sertório sobre as legiões romanas, as alcançadas aos castelhanos e finalmente a de numas frágeis embarcações, se meterem a arrastar contra as vagas temerosas e principalmente contra as lendas de tôdas as seitas que fecharam por muito tempo o Oceano às investigações dos mais ousados navegadores, facto êsse que só podia ser cometido por um povo extraordinariamente aventureiro e que merecia por isso a protecção de todos e uma agradável recepção nos portos africanos.

Como isto disse, dividiram-se os deuses em 2 grupos; dum lado o da deusa da beleza, que por ver que os portugueses falavam uma língua derivada do latim a língua do seu amado filho Enéas, favorecia os portugueses; do outro, e em opposição ao primeiro, estava Baco, com os seus partidários. Êste vira que se os portugueses chegassem à Índia a sua gloriosa fama iria pela água do Letes envolver-se nas pregas do esquecimento, e por isso proclamava a revolta contra os portugueses.

Nesta luta de opiniões permanecem os deuses sem nada decidirem, numa discussão barulhenta e colossal qual fero Bóreas soprando demasiadamente na espessuras das florestas e derribando casas e montes. Marte vendo que assim nada se fazia, levantou-se e tomando o partido de Vénus disse a Júiter como era de parecer que se favorescessem os heróis que demandavam o reino do Prestes João, não escutasse mais Baco e desse ordem a Mercúrio para lhes ir ensinar o caminho tão desejado.

Consentiu Júpiter no que disse o valoroso Marte e espargindo néctar sobre os deuses deu a reunião por terminada.

Sebastião dos Santos Pereira

3.º ano de Instrução Primária Superior.



Às pessoas a quem enviamos o nosso mensário que não nos queiram honrar com a sua assinatura, rogamos o favor de no-lo devolverem imediatamente.

A agricultura despresada pelo governo, conservava-se definhada; os campos não produziam um único grão de trigo; a nossa marinha afundara-se no mar Cantábrico, quando da Armada Invencível; as pestes que assolavam o país eram continuas, dizimando milhares de pessoas; a emigração parecia querer esgotar os habitantes; um verdadeiro caos, enfim, assolava Portugal.

Mas, vejamos, foram estas as causas que levaram os nobres a pronunciar-se a favor da revolta? Não! Toda esta série de desgraças e de infâmias que nos arruinavam cada vez mais, não eram suficientes para os grandes do reino procurarem libertar a sua Pátria da escravidão. Não! O que os levou à revolta foram as ofensas ao seu comodismo e dignidade pessoal.

A Espanha chamava-os para irem combater na Catalunha afim de submetterem aquele povo que ansiosamente desejava também

emancipar-se. E foi desde então que sentiram necessidade de se colocarem imparcialmente ao lado da Pátria.

Havia dois caminhos a seguir: ou a partida para a Catalunha em defesa de um povo estrangeiro, ou a defesa do seu próprio torrão natal, sem transpor as portas de casa e sem temer a morte em terra que lhes não pertencia. Ou por egoísmo, ou por que as fibras dos seus corações pulsassem também um pouco, de amor à sua terra, o que é certo é que se decidiram a ficar, começando a conspirar na sombra, em prol da liberdade.

Foi desde esse momento que os fidalgos iniciaram as suas conspiratas nocturnas, decidindo escolher para rei da nação que ia ressurgir, D. João, duque de Bragança. Era a pessoa naturalmente indicada para esse fim, já pela sua nobreza, já pela riqueza e poder da casa de Bragança em Portugal.

Ele, no entanto, procurava furtar-se aos pedidos fervorosos dos fidalgos, respondendo timidamente, imbecilmente, que não podia aceitar tão espinhoso cargo num momento de tal maneira grave e difícil. As respostas do duque quasi faziam desanimar por vezes os conjurados.

Os pedidos sucediam-se ininterruptamente, obtendo sempre as mesmas respostas banais e irrisórias que só prejudicavam o andamento das operações.

O duque preferia escutar os concertos de música que em sua casa se realizavam e divertir-se em grandiosas caçadas nos seus soutos, do que arcar com uma coroa de rei que lhe poderia ser funesta.

Os pedidos dos nobres não cessavam, mas, não conseguindo obter uma resposta favorável do representante da casa de Bragança, resolveram abandonar o seu campo de acção e uma forma de governo diferente invadiu os cérebros dos conjurados. Só depois de D. Luísa de Gusmão dar a conhecer ao duque as suas qualidades ambiciosas, só depois de ser ameaçado de que, caso recusasse seria proclamada a república, se decidiu finalmente aceitar a coroa que havia muito lhe queriam dar. Limitava-se a aceitar o trono que lhe ofereciam, sem um único sacrifício e só depois de estar definitivamente assegurado, é que se decidiu trabalhar, partindo de Vila Viçosa em direcção à capital.

A revolta fizera-se esplendidamente. Num abrir e fechar de olhos tirou-se um trono e pôs-se outro,

A noite de 30 de Novembro para 1 de Dezembro parecera um século. Os conjurados iam dar um golpe decisivo, temendo ainda um resultado infructífero. As forças de que dispunham eram mínimas e alguns deles esperavam ansiosos o momento redentor, sem esperança nenhuma no resultado da façanha. Os principais implicados no movimento mal podiam dormir, escutando atentamente os rumores que lá fora, na rua, se produziam; o menor ruído dava causa a uma vigília angustiada.

A noite parecia não acabar. Todos os corações palpitavam febrilmente, esperando o momento em que se acabaria de vez o jugo horrendo de Castela.

A aurora redentora raiou enfim. Era mais límpida do que as outras. O céu sem nuvens. A brisa que chegava do Tejo era mais suave do que a dos outros dias. Tudo parecia sorrir no dia em que Portugal ia ser livre

mais uma vez.

Logo de manhãzinha, serenamente, sem que alguém desconfiasse o rasgo que se premeditava, as berlindas dos conjurados iam postar-se no Terreiro do Paço, junto dos guardas castelhanos.

Olivares, o déspota português, não suspeitava do que estava planeado pelos fidalgos portugueses. Atribuía as reuniões que eles realizavam, à sua partida para a Catalunha, como era desejo de tão terrível ministro.

De repente, abrem-se as portinholas das berlindas e todos os conjurados saltam a um tempo, derrubando em primeiro lugar os guardas que se encontravam próximos. O palácio é invadido e quasi sem esforço cai em poder dos revoltosos. Miguel de Vasconcelos que se encontrava escondido num armário é arremessado à rua depois de sofrer o ímpeto de seus inimigos. A população implacável, num mometo de fúria e de raiva, esquartera o cadáver do execrando ministro.

O grito «Liberdade» proferido com entusiasmo por um dos conjurados é repetido de boca em boca pela turba impetuosa que enchia as ruas. Ao mesmo tempo de norte a sul do país, era aclamado rei de Portugal, D. João, duque de Bragança.

Dias depois, e ainda a medo, chegava a Lisboa o novo soberano português.

E assim quasi de repente se livrou das grilhetas castelhanas, a nossa pátria oprimida.

E, como em todas as ocasiões difíceis, como em todos os momentos de incerteza, no dia 1.º de Dezembro de 1640, lá estava o amor de mãe sacrificando os filhos pela Pátria impondo-se a tudo e a todos. São dois gestos sublimes que não devemos esquecer nunca: o de D. Felipa de Vilhena e o de D. Mariana de Lencastre. Era tão entranhada a dedicação daquelas mulheres à sua terra, que, no ardor da liça, quando se ia dar um golpe incerto, quasi sem esperanças de vencer, elas disseram a seus filhos, num gesto rasgado e admirável que não voltassem sem a Pátria liberta.

Quem sabe a emoção que sentiram essas mães, expondo os filhos a um perigo tão terrível? a uma dúvida tão dolorosa e cruel? Quem sabe a ansiedade que as invadiu, ao esperarem a volta dos seus filhos sãos e salvos?

Bem pode orgulhar-se a mulher de ter na nossa História antecessoras como aquelas que, de lágrimas nos

Palavras proferidas pelo aluno QUADROS para comemoração do 1.º de Dezembro no Instituto

(Conclui)

olhos, impeliam os filhos para a luta, em defesa da sua terra!

E depois de 60 anos de letargia profunda, mais um dia trapejou altiva a bandeira de Portugal.

Sim: trapejaste mais altiva naquela manhã redentora querida bandeira; tu és a nossa própria alma, és a síntese da nossa vida.

Em ti, bandeira, estão simbolizadas as grandes cidades, as vilas, e todos os lugarejos do nosso país. Nas tuas cores vemos a verdura dos nossos campos, o azul do nosso céu, o amarelo do nosso luar, o branco das nossas águas e o vermelho do nosso sangue.

Tu, bandeira, és tudo o que nos pertence: os nossos vales cheios de verdura, os nossos grandes rios e os pequeninos regatos; representas os grandes prédios das cidades populosas e as cabanas dos pequenos lugares que existem por aí além; és o sol que ilumina os nossos corações.

Quando te vemos flutuar, airoso, as nossas almas sentem-se mais fortes; os nossos espíritos dão mais largas ao prazer que nos inebria e podemos resistir melhor aos embates da vida. Se um dia perigares, correremos todos, pressurosos, salvar-te do perigo, e não te deixaremos tombar senão quando os nossos corpos sejam pasto da morte.

Camaradas, olhai a bandeira; fixai-a atentamente, com carinho, e ouvireis dentro de vós um vago misticismo que vos diz mais do que as minhas humildes palavras. Está ali a Pátria, repara bem, se um dia ela precisar de auxílio, correi, sem mais delongas, corremos todos para que não sucumba o nome de Portugal.

Secção Científica

Fabricação do gás iluminante

A matéria prima, empregada no fabrico do gás de iluminação, é a hulha.

A fabricação do gás, compreende três fases: destilação seca da hulha, depuração física e depuração química.

A destilação passa-se nas retortas, tubos com o aspecto de D deitado, com os cantos arredondados. Estas collocam-se paralelamente umas em relação às outras, sendo aquecidas por hulha ou gás de gasógenos.

Quando o gás bruto sai das retortas, tem uma composição, que se pode dividir em 3 grupos: 1.º, produtos solúveis na água, como águas amoniacais; 2.º, produtos condensáveis pelo resfriamento, como vários hidrocarbonetos; 3.º, produtos não solúveis na água, nem condensáveis pelo resfriamento. Estes, podem ser: combustíveis, como o hidrogénio; incombustíveis, como o anidrido de carbónico.

A depuração física, tem o fim de tirar ao gás bruto, os produtos solúveis e condensáveis pelo resfriamento.

O gás saindo das retortas, passa para o *barrilete*, onde sofre a primeira lavagem. O bar-

rilete, é um longo tubo de ferro, colocado horizontalmente e por cima das retortas com água até $\frac{2}{3}$ do seu diâmetro, onde vão mergulhar os extremos de todos os tubos que ligam as retortas ao barrilete.

No barrilete, o gás perde muitos produtos solúveis na água, como águas amoniacais e alcatrões.

Antigamente, empregava-se em seguida ao barrilete, o *jôgo do órgão*, que era uma série de tubos de ferro, ligados nos extremos superiores, ficando com a configuração de U invertido. Os extremos inferiores ficam apoiados a umas caixas de ferro. Modernamente, este é substituído por condensadores pelo choque (tipo Pelouse e Andonin), e neste caso, tem de se empregar, um extractor para expirar o gás das retortas, visto o condensador só funcionar a uma determinada pressão. O emprêgo do extractor, diminui o depósito de grafite, nas retortas.

Daqui, o gás passa para o *lavador*, uma larga coluna de ferro, cheia de carvão de coque, passando uma corrente de água, em sentido contrário ao do gás. Este, atravessando o lavador, é constantemente refrescado pela água, por isso perde alguma quantidade de alcatrão, ácido sulfídrico, etc.

Actualmente, os lavadores de coque, tendem a desaparecer, empregando-se mais frequentemente os lavadores rotativos.

Nesta depuração, não é conveniente tirar ao gás, todo o seu alcatrão, porque ficaria com um mais fraco poder iluminante, e o gás ficando inodoro, não acusaria a sua presença, podendo dar origem a desastres.

Depois da depuração física, o gás fica com bastantes produtos prejudiciais, como sendo o ácido sulfídrico, anidrido carbónico, etc., os quais é preciso tirar. Para isso, procede-se à depuração química, que se passa numa grade caixa de ferro, fechado herméticamente; esta está compartimentada, sendo os fundos das prateleiras, várias aberturas por onde passa o gás, atravessando uma mistura de sulfato de ferro (caparrosa verde), hidrato de cálcio (cal apagada) e serradura de madeira; esta tem o fim de tornar a mistura permeável aos gases.

Esta mistura, que quimicamente (*tem o fim*) é capaz de tirar ao gás os produtos inúteis, tem o nome de *mistura de Laming*.

O gás, passando através da mistura, transforma o ácido sulfúrico em sulfureto de ferro e o carbonato de amónio em sulfato de amónio, dirigindo-se em seguida para o gasómetro.

Este, é formado por uma grande campânula de ferro invertida e fechada herméticamente.

Os fins do gasómetro são os seguintes:

- 1.º Reünir o gás fabricado durante o dia.
- 2.º Regular a saída do gás para os tubos e contadores, para que esta não seja brusca.
- 3.º Fazer a mistura homogênea dos gases, à medida que se vão formando.

O gás assim fabricado, é composto por hidrogénio, gás dos pantanos e óxido de carbono; o óxido de carbono, dá-lhe o seu poder tóxico, e a pequenas quantidades de acetileno e vapor de bensina, deve êle o seu brilho.

O gás das hulhas, é empregado na iluminação, aquecimentos domésticos e em fornos industriais.

Avelino Guimarães

1.º ano geral de indústria

Superstições

Embora muitos povos se encontrem num avançado grau de civilização, e constantemente se faça uma grande campanha com o fim de suprimir as superstições, até hoje nada se conseguiu.

Em tôda a parte; desde a grande cidade ao mais pequeno e rude lugarejo, tanto no centro das povoações como nos sítios mais afastados e mais desertos, se encontram essas credencias absurdas, embutidas de tal maneira no cérebro das pessoas, que não sei quando desaparecerão completamente.

Até mesmo muitos individuos ilustrados por mais vezes que digam e que preguem aos seus semelhantes a não existência de tais absurdos, alimentam dentro de si o terror, o medo, a repugnância pelas superstições, conquanto o procurem negar. Quantas vezes não se ouvem a colegiais, certos ditos sobre qualquer disciplina, que não são mais do que verdadeiras superstições! No entanto, êsses alunos condenam aquelas fantasiosas imposturas, limitando-se a pôr em sua defesa o argumento, de que foi por brincadeira.

Mas há muito mais gente, de muito mais competência do que alunos de colégio, que também teme êsses absurdos repugnantes. O próprio Napoleão não queria que à sua mesa se sentassem 13 pessoas.

Um dia, passeava nos seus jardins com Mouje, quando lhe vieram anunciar que o jantar estava na mesa. Mouje retirou-se na sua carruagem em direcção a Paris, mas pouco depois um guia que fôra a galope, chamava-o apressadamente para ir jantar com Bonaparte. A causa dêste inesperado convite foi

motivada por estarem 13 pessoas para jantar à mesa de Napoleão.

O nosso imortal Eça de Queiroz era também um supersticioso, rodeando muitos dos seus actos, com um aspecto tenebroso e fatídico.

Sexta-feira é para muita gente um dia aziago, assim como o número 13 é fatal.

Mas êstes dois casos ainda se explicam, por ter sido numa sexta-feira que crucificaram Jesus Cristo e terem sido 13, os convivas da sua última ceia.

Se Napoleão temia o número 13, não admira que eu ouvisse um dia um estudante queixar-se a outro de que realmente a sexta-feira era um dia pernicioso, pois que por sinal nesse dia tinha sempre sciências e matemática...

Para êstas crenças ainda assim encontramos fácil explicação, mas para outras, como sejam as fabulosas aparições que em noites sem luar apoquentam os espiritos leves, faltos duma maior compreensão, parece não haver solução possível.

O galo que canta ao sol-posto é prenúncio de morte próxima, o piar do mocho é um agouro terrível que anuncia desgraças futuras, e um sem número de coisas semelhantes que apoquentam os espiritos ocios, de muitas pessoas.

Nalgumas terras, nas pequenas, principalmente, há sítios onde ao dar na torre próxima a meia noite, monstros horríveis se levantam e se opõem à passagem dos transeuntes, isto quando não lhes fazem outras atrocidades peores. O temor aos fantasmas está arraigado nos espiritos fracos.

E é principalmente de crianças que essas pantomimas começam a avassalar os cérebros das pessoas. Quantas vezes a mãe ou a mãe, não calculando o mal que acarretam à criança, lhe não metem medo com o «papão» e outras coisas assim parecidas, mostrando-lhe o sítio mais escuro da casa? A criança treme, e, se depois a mandam ao sítio indicado, vacila, chora, e não vai lá, porque lhe ensinaram a ter medo de uma coisa que não existe.

E é assim que muita gente ao passar num sítio ermo e escuro, é apoderada de uma grande convulsão nervosa, dum tremor constante, julgando ver no agitar das folhas secas, a cada passo, um fantasma, um lobisomem. E porquê? Porque essa gente desde que viu a luz do dia, desde pequenos, a mãe ou a mãe, sem saberem o mal que fizeram, lhes ensinaram a temer o «papão».

Ê, pois, um dever de quem alimenta os primeiros dias da infância não a atemorizar

nunca com essas coisas, que servem só para atrofiar o cérebro e empobrecer o espirito da criança. Seja esse o primeiro passo para se acabar com aquelas fantasiosas imposturas.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Ecos

Visitou o Instituto no dia 18 do corrente, o Ex.^{mo} Ministro do Trabalho, Sr. Dr. Augusto Alves dos Santos.

Depois de percorrer demoradamente tôdas as dependências, S. Ex.^a assistiu a exercícios de tática militar, ginástica e esgrima de florete, executando a orquestra vários trechos de música.

Como seja honroso para nós, transcrevemos na integra as impressões de S. Ex.^a exaradas no livro de visitantes:

Agradeço reconhecido e profundamente emocionado, o intenso prazer intelectual que me deram mostrando-me este modelar estabelecimento de ensino geral, profissional e técnico, onde tudo está no seu lugar, e tudo revela uma nitida compreensão do ensino. Se não fossem as deficiências dalgumas das suas instalações, esta escola pelo espirito de iniciativa, de precisão de ordem, de disciplina, e de senso prático que revela, seria a primeira das escolas portuguesas de educação. Vou encantado desta visita, como ministro e como cidadão, e também como professor e educador que sou; e tenho a maior satisfação em render ao seu director, aos seus professores, a tôda a direcção do Instituto as minhas mais calorosas homenagens. E faço votos para que os Poderes do Estado, olhem com carinho e com amor, para este estabelecimento, dotando-o com os recursos materiais, de que carece, para exercer integralmente a sua missão. Trata-se dum estabelecimento de educação moderna, que honra a Pátria e a República, e que deve por isso, servir de modelo em Portugal.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1922.

a) *Dr. Augusto J. Alves dos Santos*

Ministro do Trabalho

Foi promovido a tenente, o alferes Sr. Lima, dig.^{mo} oficial de serviço e instrutor de ginástica na 2.ª Secção.

Os nossos parabens.

O Profissional

Entra este mês no 7.º ano da sua publicação o nosso mensário, que um pensamento nobre fundou para os alunos do Instituto.

Esse pensamento que nem sempre tem

sido interpretado como devia ser, é necessário que todos os alunos compreendam, dedicando ao nosso órgão literário um pouco mais de atenção e de carinho. Só com uma compreensão racional da sua parte, poderemos levar a cabo o fim que tinham em vista os fundadores de *O Profissional*. Esperamos, portanto, que cada um cumpra o seu dever.

Permutas

Recebemos *A Paródia* quinzenário que vê a luz em Faro. Agradecemos e vamos permutar.

Apresentou-nos as suas despedidas, em virtude de partir para Moçambique, o nosso presado ex-colega Mário Chaby, que há dias deixou o nosso Instituto, levando o 1.º ano elementar de comércio (curso antigo), correspondente ao 3.º ano dos liceus.

Da mesma maneira se despediu de nós o nosso ex-colega Soares Guilherme que, com o 7.º ano comercial (curso antigo) foi desenvolver a sua actividade em Lorenço Marques. Desejamos-lhes boa viagem e muitas felicidades.

Para que não sejam votadas ao esquecimento as datas gloriosas da nossa História realizou-se no dia 31 do corrente uma pequena festa comemorativa da revolta de 31 de Janeiro de 1891.

Realizou a conferência o nosso presado colega António Baptista da Costa.

Vitimado por uma gripe, finou-se em 24 de Dezembro próximo passado, no seu domicílio, o nosso desditoso camarada João Moraes Sarmento.

Igualmente, atacado de uma tuberculose intestinal, faleceu no Hospital do Rêgo em 31 do mesmo mês, o nosso colega José Rodrigues Perdigão.

As famílias enlutadas enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

A Direcção



QUERER É PODER

O PROFISSIONAL

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

REDACITOR PRINCIPAL
Mário dos Santos

DIRECTOR
Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém
e Rodolfo J. Lô

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho
ADMINISTRADOR
A. B. da Costa

N.º 47 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Fevereiro de 1922

Instituto no Campeonato

Inter-escolar

de

tipo

no ano lectivo

de 1920-21



Taça ganha

pelos

alunos

Humberto S. Perreira

Mário F. dos Santos

Domingos Agostinho

Secção Científica

A Indústria das limas em Portugal

Entre nós, portugueses, filhos desta terra abençoada pela Natureza, dêste mimo florido sem igual, dêste vergel resplandecente ao sol diáfano e risonho que nos encanta e nos acalenta, há uma grande corrente de habitantes, que, parecendo não amar a nossa terra, a nossa Pátria, a nossa independência, vem procurando rebaixar o que é nosso, o que nos pertence, o que muitos esforços e aturados trabalhos conseguiram realizar.

Refiro-me à preferência que se dá geralmente aos produtos de nacionalidade estrangeira. Despresam-se os nossos produtos muitas vezes superiores em qualidade, em fabrico, em perfeição, excedendo em tudo muitos outros, mas, somente porque são portugueses, porquê foram feitos por irmãos nossos, põem-se de parte e adquirem-se outros que são melhores simplesmente por serem estrangeiros. Infelizmente isto é uma simples verdade.

Em quasi todos os ramos industriais nós somos um país atrazado, bem sei, mas temos também alguns que muita gente desconhece e que rivalizam com as indústrias estrangeiras; além disso, protejamos o que nos pertence para não continuarmos na rectaguarda da ciência.

Uma das indústrias que em Portugal se encontra mais desenvolvida e mais aperfeiçoada, competindo em acabamento e qualidade com a congénere do estrangeiro, é a das limas.

Numa pequenina aldeia do distrito de Leiria, existe essa indústria há mais de um século, aperfeiçoando se pouco a pouco duma maneira constante. A resistência da lima depende, é claro, especialmente da ténpera, que os fabricantes preparam com o maior cuidado afim de os seus produtos não perderem a reputação. As matérias empregadas na confecção da ténpera constituem um segredo que os fabricantes somente revelam aos seus sucessores, tornando aquela indústria, como se depreende, apanágio de algumas famílias, que sem excepção, guardam esse segredo dos estranhos.

Visitei há dias uma fábrica. Uma azáfama constante perturba os operários e todos em movimento procuram satisfazer os misteres de que estão incumbidos.

Antes de entrarmos ainda, já se ouve o ruído produzido pelos cinzeis que os destrados epicadores fazem correr vertiginosamente sobre a lima. E todos cantam; em todos os rostos se nota a alegria produzida pelo trabalho; não há naquela gente da aldeia a tristeza dos infelizes nem as preocupações das gentes cidadinas.

A alegria traduzida pela sua fala, pelos seus gestos, demonstram bem a felicidade daqueles entes.

Várias vezes tenho visitado estas casas de trabalho e nunca como desta, senti vontade de lá permanecer mais tempo. Uma vaga sensação agradável convidava-me misteriosamente a escutar o ruído próprio dali. Um bem-estar indizível inebriava-me o coração.

Percorri todas as dependências, enquanto alguém me explicava as sucessivas transformações que o aço sofre e que sucintamente descrevo:

O aço vindo geralmente destemperado e com uma forma mais ou menos apropriada à qualidade de lima a que se destina, começa por ser *talhado*. Se, como às vezes acontece, o aço vier temperado da fábrica, deve, evidentemente, antes de se cortar a lima, ser destemperado. Em certos casos esta operação deixa um resíduo semelhante a uma casca, que se tira mergulhando o aço em ácido sulfúrico diluído.

Depois de lhe ser dada a forma, *safa-se*. Consiste esta operação, em raspar a lima tornando-a mais lisa, e é feita ou por meio de uma lâmina adaptada a um aparelho especial ou simplesmente com uma lima de maiores dimensões.

Em seguida epica-se, primeiro nas quinas a que se dá o nome de *rastos*, e depois nas faces com duas *corridas* em diagonal uma por cima da outra.

E' *desempenada*, *marcada*, e *escova-se* para tirar qualquer impureza que se encontre nas fendas da epicagem.

Depois da lima estar bem limpa é submetida à *ténpera*, operação primordial de todo o fabrico pois é ela que a há de tornar resistente e duradoura. De maneira que, é esta a operação a que os fabricantes dedicam mais cuidado afim de se prepararem para a concorrência. Antes da ténpera, porém, é mergulhada numa massa especial composta de vários ingredientes e expõe-se ao ar até estar completamente seca. A composição desta massa não é revelada a ninguém, como já disse, a não ser às pessoas de família que por seu turno as vão transmitindo aos sucessores. E', no entanto, mais ou menos conhecida por al-

gumas pessoas que assistem à sua preparação.

Escova-se a lima novamente para tirar a massa da têmpera e sofre um *banho* em vários líquidos, entre eles, água de cal, enxugando-se em seguida.

O *espigão*, que se encontra temperado também, é claro, é *adoçado*. Consiste na sua destêmpera para não se partir facilmente.

Nesta altura está pronta a lima; é untada com azeite ou óleo para evitar a oxidação e *empacota-se*, sendo entregue ao comércio.

Foi isto resumidamente o que vi e me disseram na fábrica que visitei.

Esta indústria muito desenvolvida na pequenina povoação da Vieira, tende actualmente para um progresso animador. Até hoje, tem sido exercida em pequenas oficinas, embora isso não influísse na sua esplêndida qualidade; hoje, porém, estão-se instalando num edificio enorme, muitas máquinas destinadas a realizar todas as operações por que a lima deve passar.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio



A criança



Se repararmos nas crianças que passam ali na rua, fixando-as atentamente, vemos de entre elas, um grande número de enfazados, raquíticos, algemados em parte sob a influência do meio que as atrofia e degenera. Os olhos encovados, a cara pálida, magra, parecendo denotar fome embora em suas casas abundem alimentos, o peito deformado, respirando deficientemente.

Cada pequenino ente que passa, nem sempre é uma esperança para a raça; conduz algumas vezes dentro de si, a própria morte. Nalguns casos sofre até as consequências dos pais. Tratados nos primeiros dias, quasi sempre inconscientemente, duma maneira nefasta, são mais tarde atacados por doenças de que não têm culpa e que bem se poderiam evitar.

É no berço que se originam alguns males, tornando-os débeis e fracos, sem aptidões físicas necessárias para arrostarem com as tempestades da vida.

A criança, que, quando chega à idade própria, não anda de galinhas, e não faz os seus movimentos peculiares, tem, naturalmente, contra si, uma acção retrógrada para a marcha do seu desenvolvimento físico.

Há adultos mesmo, que por meio duma prática uniforme e constante daquele exercicio, conseguem, se não curar completamente, pelo menos minorar as dores de rins e intestinos.

As más posições dadas à criança recém-nascida, também influem muito nos seus organismos.

Não deve conservar-se de peito voltado para cima, pelo contrario, é conveniente obstar-se tanto quanto possível isso, deixando em completa liberdade todos os membros abdominais. Se dermos ao pequenino, uma cama simples, sem travesseiro, e o deixarmos repousar naquela posição, favorecemos em parte o seu desenvolvimento progressivo, aumentando-lhe assim a capacidade torácica.

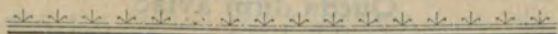
Muitas vezes as mães, amimando exageradamente os filhos, prodigalizando-lhe todos os cuidados que a sua fantasia maternal idealiza, concorrem para que os filhos se enfraqueçam, cobrindo-os com roupa demasiada o que perturba a respiração infantil. Os poros devem conservar-se constantemente numa perfeita actividade, sendo prejudicial uma grande enroupagem da criança.

Outra posição que também deixa muito a desejar, é a sentada. O peso do corpo desloca-se quasi todo para a espinha dorsal, proibindo assim muitos movimentos que a outros animais como o cão e o gato, se dispensam.

E' conveniente, portanto, dar aos recém-nascidos a máxima liberdade de movimentos, evitando-lhes as posições nefastas, e isso concorrerá em parte para que a mocidade de amanhã nos apareça mais forte, mais alegre e mais sadia.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio



Ecoss

General Correia Barreto

Assumi há pouco a chefia do Exército, Sua Ex.ª o general Correia Barreto, pessoa a quem nós devemos todo o nosso respeito e gratidão pela obra que fundou, e à sombra da qual nos acolhemos, afim de recebermos a educação necessária para a nossa entrada na sociedade.

Enviamos-lhe as nossas modestas saudações pelo espinhoso cargo que sobraçou, e que tão acertadamente lhe foi confiado.



Retomaram os cargos de Director do Instituto e Regente da 1.ª Secção respectivamente os Srs. Coronel Fernando Freiria e Major Vitorino Guimarães, que durante dois meses sobraçaram as pastas da Guerra e Finanças.

Alegremo-nos com este facto, pois que já se fazia sentir entre nós, a falta destes dois grandes amigos do Instituto.

A Direcção.

SECÇÃO LITERÁRIA

O Primeiro Beijo

Luísa dás-me um beijo? Te disse eu
Um dia no jardim; ruborizada
Escondeste o teu olhar, onde nasceu
Uma lágrima pura, aureolada;

Disseste-me:— Oh! Não, mas brevemente
Me darás um, talvez de despedida;
E comovida fugiste fremente,
Deixando-me minha alma entristecida.

Dias passados, ilusões perdidas,
Gorgeios findos de aves encantadas,
Águas correntes e correntes vidas
Que num momento foram acabadas;

Tornei a ver-te, às aras de Jesus
O teu vulto celeste era votado,
No teu peito divino, a casta cruz
Bendizia teu rosto maculado;

O beijo futurado ia depor
Na tua face... era a despedida,
E brilhou nova lágrima de dor,
Mas nos meus olhos, triste, dolorida;

A tremer, a chorar curvei-me então,
A outra tarde tendo na lembrança,
Beije, como num sonho, a tua mão,
Tua mão pura, de anjo, de criança.

João Pires Antas

3.º ano de I. P. S.

Queda dum avião

Em férias grandes por uma bela tarde de Setembro, eu tinha ido passear ao campo.

Encontrava-me num monte donde se disfrutavam lindas vistas; defronte dêste, há outro, pelas encostas da qual se estende a linda quinta do Senhor da Serra, e no vale formado pelos dois outeiros, fica a povoação.

Nesta altura, distingo um avião que, pela direcção que seguia, mostrava vir da Amadora. Com o interesse vulgar entre nós, segui-o com a vista. O aparelho dirigia-se para os sitios onde me encontrava. Vinha a mediana altura.

Mal se passava meio minuto que eu o vira, quando o coração se me apertou horrivelmente. O avião inclinava-se todo para o lado direito, e o plano das suas asas fazia com o horizontal um ângulo assustador. Pouco depois começou subitamente a balçoar-se de um lado para outro, ao mesmo tempo que descia rapidamente, tendo esta descida o aspecto,

duma queda. A sua hélice, rodando vagarosamente, já se distinguia com toda a nitidez ante os meus olhos prodigiosamente abertos, e eu permanecia, petrificado, sem nada ouvir, seguindo com a vista aquela máquina que caía, e que na sua queda lembrava uma grande ave ferida de morte. Pensava no que estaria reservado aos pobres aviadores, destinados talvez a serem despedaçados.

No entanto, elles faziam um esforço desesperado, procurando ainda conduzir o aparelho a algum terreno favorável. E o avião avançava ao mesmo tempo que descia; passou assim o cume que me ficava fronteiro, a roçar com as rodas pelas árvores; e, um segundo depois de se encobrir, chegou-me aos ouvidos, amrtecido já, um ruído infernal de madeiras e metais despedaçados!

Não perdi tempo; aquele ruído ecoou dentro de mim terrivelmente reforçado pelo horror; ante os meus olhos passou uma onda de sangue e destroços; precipitei-me pela rude encosta, com velocidade que não conseguiria noutra qualquer ocasião. Atravesei a rua principal da povoação e comecei a subir a outra encosta. O cansaço começou a prender-me as pernas; mas no entanto chego ao cume, e posso então ver, a uns 60 metros mais além, o avião meio despedaçado. Viam-se-lhe as asas descaídas, como as de uma ave caída de bruços. Aproximei-me e vi com alegria os dois aviadores conversando junto dos destroços; à sua volta estava já bastante gente, que os observava curiosamente e os enchia de perguntas. Indaguei aqui e ali; a queda tinha sido resultado do mau estado do aparelho, que por felicidade tinha caído num sitio mais ou menos plano, devendo os aviadores a isso, a sua salvação; a hélice tinha-se partido, e enterrado um pedaço no terreno as peças que ligam as rodas ao corpo, tinham-se partido, e a barquinha assentava sobre a borracha, onde fazia um profundo vinco; a lona das asas rasgara-se toda, e, no intervalo, entre a barquinha e os lemes, havia uma complicada rede de arames emaranhados e paus partidos.

A multidão engrossava; vinha gente de todos os lados e já apertava bastante à volta do aparelho.

Alguém partira já a cavalo para a Amadora a avisar o respectivo grupo. E eu depois de ter examinado os destroços, fui-me embora, tranqüilo com a sorte dos aviadores, um dos quais era o infeliz capitão Gonzaga, que precisamente um mês depois encontrava a morte numa queda desastrosa.

António Marcelino

1.º ano geral do comércio

Recorda-te...

Recorda-te... Quimera... Em Agosto
Num dia esmaecendo, ao sol-posto,
Os dois ao campo fomos passear.
Tudo em repouso. A murmura deveza
Era um encanto, divinal beleza
Que Deus pusera ali p'ra nos mostrar.

Passavam aldeões de enxada ao ombro
Entre as colinas dum pequeno combro
Cantarolando, cheios de alegria;
E mais em baixo, suave, de mansinho,
Por entre giestas, ledô, o ribeirinho,
Sulcava os campos belos e corria.

Corria sempre, sempre, sem parar
O belo riozinho, a murmurar
Uma canção de amor, suave endeixa...
E o merlo escuro, negro, saltitante.
Soltando mavioso o seu descante
Mostrava-nos assim a sua queixa.

Das camponesas, belas, pressurosas,
Com faces purpúreas, cor das rosas,
Sumia-se no ar o doce canto.
O tilintar dos pachorrentos bois,
Zagaias ao lado, eis vinha depois
Completar nosso enlêvo, nosso encanto.

Zumbia a abelha, a velha industrial...
Fugiam pombos dum termo pombal
Esvoaçando-se em torno mansamente.
Enfim, ao pé de nós tudo poesia,
Tudo beleza, tudo alegria,
Que não se exprime conforme se sente.

Vê se te lembras: foi num dia assim,
Que tu sentada mesmo junto a mim
Me falaste de amor a vez primeira.
Jurei, juraste... e tudo foi em vão.
Negaste-me depois teu coração.
E essa fala de amor foi derradeira...

Passaram tempos. Veio o desalento
Que invadiu e venceu meu pensamento,
E eu dêsse dia tenho já saudade.
E ora, cumprir-se aquilo que falámos,
Aquilo que dissemos, que jurámos,
Entre nós quem se opõe? porque não há de

Abílio Quadros

1.º ano médio do comércio



Recordações dum passeio pelos arredores de Coimbra

Era numa linda noute de Setembro!
A Lua com tôda a magestade, corria veloz
na solidão celestial iluminando por completo
a povoação, cujos habitantes repousavam pro-
fundamente, exaustos por um dia de trabalho
esgotante.

Aqui e ali, desenhavam-se irregularmente
as sombras das frondosas árvores, continua-

mente alteradas pela brisa leve que corria e
que servia de enlêvo aos jovens a quem o
amor, furiosamente havia prendido os virgens
corações.

Mas eu, como tinha a consoladora certeza,
de que alguém, que muito adoro, se preocu-
paria no dia seguinte em ganhar o suficiente
para si e para seus filhos, embrenhava-me
alta noute nas ruas tortuosas da povoação,
acompanhado dum outro rapaz, também estu-
dante, que, casualmente, dias antes me tinha
sido dado conhecer!

Entretinha-me êle com interessantíssimas
narrativas e quando tratávamos qualquer as-
sunto, era sempre com graça que acabava as
suas palavras. Falávamos freqüentes vezes da
nossa vida escolar, lastimando-nos injusta-
mente dela, pois éramos concordes em a con-
siderar a mais ingrata e desumana!

Mas os tempos passam e as opiniões mu-
dam!

Conversámos, conversámos muito e assim
caminhámos alegremente, percorrendo bastas
vezes a pequena povoação, quando nos pare-
ceu ouvir ao longe os acordes harmoniosos
duma bela serenata.

Duvidosos, escutámos um momento, mas
breve tivemos confirmadas as nossas suspe-
itas: aquelas notas sentidas e aveludadas ainda
há pouco duvidosas foram progressivamente
tornando-se mais distintas, mais encantadoras,
até que as pudemos ouvir em tôda a sua be-
leza!

E como elas nos encantaram!

E' que a música, tal como os sonhos, dá-
-nos por momentos a ideia dum viver feliz;
a sua harmonia perfuma-nos misteriosamente!

Mas ai, o Destino! Precisamente naquele
local onde nos encontrávamos erguia-se uma
agradável vivenda, balsaminada pelo aroma
de um sem número de flôres, que cobriam
por completo o extenso muro que a circun-
dava; o ambiente daquele alegre retiro era
simplesmente embriagante!

E foi assim, altamente sensibilizados por
tão incedível perfume, que, examinando-a
distinguímos no seu horizonte duas gentis for-
mas femininas escutando o enrêdo daquelas
guitarras!

Entretanto a serenata passara, e, pouco a
pouco, lentamente, extinguiu-se o prazer,
devagar... devagarinho!...

Agora, o que nos enlevaria eram as duas
formosas raparigas que o luar atrevidamente
fazia realçar daquela enorme solidão! Contem-
plá-las era o nosso desejo, para refrigério da
tristeza que sentimos com o lento desapare-
cimento da inebriante guitarrada!

Mas oh! desgraça! As duas belas, a nossa última ventura numa noite limpa e serena, ocultaram-se também, mal aquelas canções nos deixaram arrefecer a alma!

Mário dos Santos

1.º ano médio de comércio



Um soldado

Raiava a madrugada. Na sua languidez matinal, o sol começava espargindo os raios sobre a terra, iluminando o espaço, acalentando os entes, dando vida aos seres.

As avezinhas anunciando o deus da luz, saudando a aurora que esplendia garbosamente, soltavam trinados maviosos, canções que só elas sentem; plangiam no seu cantar, as suas dores e as suas amarguras. De ramo em ramo, saltitando sempre, em busca de alimentos, começavam a sua labuta diária, constante.

Cantara já o galo. Iam iniciar-se os labores cotidianos.

Grupos de camponesas, enxada ao ombro, dirigiam-se aos seus misteres. A alegria corrobora-lhes os rostos, inebria-lhes a alma. Nunca a tristeza encontrou guarida naqueles entes, onde viceja a vida, a santa vida dos bons.

Ouve-se o tilintar dos bois, êsses meditados animais que rompem a terra, sulcam os campos, geram o trigo. Imagens do trabalho sacrossanto, sem saberem o que valem e o que podem, escravizados pela mão do homem, puxam os carros em direcção às quintas. E é sempre o mesmo passo, o mesmo andamento que os anima: quer transportando enormes carradas de milho doirado pelo sol ardente, quer voltando ao redil cheios de cansaço e de fadiga, depois de um dia de trabalho assiduo.

E eles lá vão, guiados pelos seus boieiros, almas puras de rudes lusitanos, onde não se extinguiu ainda a bravura dos nossos avós...

Na rústica habitação que se ergue magestosa entre pomares e campos, banhada pelo astro criador, havia nessa manhã uma estranha preocupação que lhe não era habitual.

Aquela gente, costumada ao silêncio e quietude da aldeia, havia algum tempo que deixava transparecer nos rostos tismados pela aragem agreste, uma certa inquietação por qualquer causa que atormentava a sua vida, o seu sossego.

O fumo da chaminé desdobrava-se em grandes mantas cinzentas, dissolvendo-se mansa-

mente no azul do espaço. Eram as esperanças da pobre família, esvaindo-se, perdendo-se no infinito, donde jamais se torna, onde jamais se chega.

Aprestava-se tudo o necessário para a partida do pai, que se dispunha a uma longa jornada. Uma azáfama enorme preocupava todos, para que não faltasse nada ao velho vianjante.

E o pai, contemplando as espirais de fumo que se evolvam no ar, relembrando as decepções da vida, não consegue evitar duas grossas que lhe banham as adustas faces...

Seu filho, um mocetão, fora chamado à guerra havia já um ano, e desde então a alegria deixou aquela casa, fugiu sem mais voltar.

O pobre pai, repleto de saudades, com uma dor intensa crucidando-lhe a alma, a existência, a vida, resolveu abandonar o lar por alguns dias e abraçar aquele que lhe alimentava as esperanças futuras.

E ele lá foi, dizendo adeus à sua casa, em direcção à Flandres, onde o filho guerreava as hostes dos teutões, em defesa da Justiça e da Liberdade...

Haviam decorrido 12 meses depois que o valente soldado embarcara para França.

Chamado à guerra pela Pátria, cumpria o seu dever como um bom militar. Eram já numerosos os transees difíceis em que se encontrara. Expondo a vida à metralha inimiga desempenhando o melhor possível a sua missão de soldado, tornava-se digno de admiração dos seus irmãos da raça.

A sua aldeiazinha ocupava-lhe o pensamento. Viviam com ele as recordações do seu berço natal.

Quando o repercutir das baionetas se extinguia ao longe, passavam-lhe pela mente, numa fantasia quimérica e idealista, as pessoas das suas relações. E o soldado que momentos antes combatiera denodadamente, com desprêso pela vida, provocando o inimigo numa luta feroz e selvagem, ao terminar a peleja, fitava os olhos no chão, melancólico, triste, e chorava também... No sangue que lhe tingia as mãos, julgava ver a imagem da família distante.

Enquanto o pobre soldado escutava atentamente o ruído das trincheiras, chegava seu pai a França inesperadamente.

Nesse dia, a manhã rompera ao som da metralha, sinistra, tenebrosa, horrenda. Os estilhaços voavam numa barafuda enorme, destruindo tudo e todos.

O jovem lusitano, empunhando espingarda num frenesi de heroicidade e beleza, derri-

bando os inimigos que se lhe deparavam, caiu fulminado também, por um projectil traiçoeiro enquanto a imagem duma velhinha lhe fazia a despedida eterna...

Dias depois, embrulhado numa ampla capa negra, um velho curvado um pouco já ao peso da existência, entrava no cemitério de campanha.

E, ao aparecer-lhe o nome de seu filho gravado numa cruz, ajoelhou humildemente erguendo as mãos ao céu, e resou, resou muito, murmurando baixinho: «morreste pela Pátria; eu te deito daqui a minha bênção de pai.» E as suas lágrimas sentidas, regando a campa do filho, foram o lenitivo da sua dor...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Ideia trágica

(Fragmentos)

Eis-nos chegados a X... Por toda a parte o cenário horrendo da conflagração: árvores trucidadas pela metralha, cadáveres insepultos, um velho Cristo numa ermida bombardeada estendendo os braços para o infinito numa atitude de súplica.

O veículo vai rodando entre os escombros das habitações citadinas, e depararam-se-nos os arrabaldes lúgubres, aterradores.

Um avião inimigo passa entre as nuvens lançando explosivos; os campos tremem, os estilhaços produzem vítimas.

Aclareiam-se as trevas e os primeiros alvôres da aurora surgem num sonho de falaz ventura ao Universo em fôgo.

As lhas portuguesas dormem ainda sob a pesada labuta nocturna. A faina retoma pouco a pouco o seu aspecto habitual; maqueiros passam conduzindo feridos à ambulância; os serventes das bôcas de fôgo procedem à sua limpeza.

De súbito, um violento canhoneio recomeça, confrangendo os espiritos serenos; uma tempestade de fôgo dir-se-ia qualificando o chover da metralha.

As guarnições nos seus postos com um estoicismo admirável respondem ao tiroteio ininterrupto dos adversários. Transmitem-se ordens entre o recrudesce da artilharia, perigando a existência dos adversários.

O duelo cessa gradualmente e o humorismo do soldado acentua-se. Uma guitarra geme entusiasmado os leões da batalha. Agora são as quadras alusivas ao embarque dos soldados para a frente, cantadas com sentimento, tra-

dução lusitana; tudo numa devoção patriótica, inebriando a alma de um guerreiro embebedado pelo troar canhão...

Era o guitarrista um héracles beirão, indifferente à nostalgia do lar paterno, a quem a carnificina, se não lembrara ainda de enviar para o seio da terra.

Alma folgazã, nos momentos de tréguas deleitava os camaradas com fadinhos, dádava encantadora da madrinha de guerra que satisfazia os caprichos do pobre soldado.

Permanecia nas trincheiras durante alguns meses e nunca pedira uns dias de repouso na rectaguarda.

Um dia o batalhão foi mandado regressar. A alegria reinava em todos os corações, e dando largas ao seu contentamento os companheiros observavam-lhe: «Olha lá que a guitarra não esqueça.» E êle muito senhor de si retorquiu-lhes: «Era o que faltava vêr».

Na pelo batalhão uma azáfama interessante preparando as bagagens necessárias.

Iniciava-se a marcha, e já distantes das linhas seguiam absortos, numa melancolia profunda. Um soldado chocarreiro alvitrou «oh! beirão, toca um fado que isto a modos que parece um enterro». Tinha uma acentuação bastante pitoresca a linguagem em que o rapaz se exprimia. O interpelado, arrastando as palavras respondeu num tom de amargura:

«Olha esqueceu-me!». «Esqueceste-te, bradaram em côro alguns companheiros incrédulos.

O rapaz cabisbaixo pediu ao major para ir buscá-la. «Vai e volta depressa para nos alegrares» assentou o oficial compartilhando do desejo dos seus subordinados.

Continua

Aos nossos leitores

A elevada carestia do papel inibe-nos de continuarmos a publicar o nosso mensário pelo preço antigo, vendo-nos, portanto forçados a elevar o seu custo para \$20.

Dêste facto pedimos desculpa aos nossos estimáveis leitores e presados assignantes, mas só desta maneira conseguiremos sustentar a publicação de *O Profissional* embora ainda assim não tenhamos lucro algum, do qual felizmente não necessitamos.

A Direcção

SECÇÃO DESPORTIVA

6 Instituto no Campeonato Escolar de Futebol

Pupilos contra Casa Pia

O primeiro encontro realizou-se no dia 31 de Janeiro último no campo das Laranjeiras, sendo o nosso adversário a Casa Pia, cabendo-nos a vitória por 3-1.

O campo apresentava-se num estado lastimoso, devido ao mau tempo. Às 11 horas alinhavam-se os jogadores e ao apito do árbitro iniciava-se o jogo.

A impetuosidade do nosso ataque, dá lugar a tal desorientação dos adversários, que durante quasi toda a 1.^a parte foram completamente dominados.

Eram passados 18 minutos de jogo, quando um ataque enérgico às rêdes adversárias bem aproveitado pelo nosso avançado centro, dá lugar ao nosso 1.^o goal.

O nosso campo é agora invadido por algumas avançadas inutilizadas pelas defesas, pois os médios à excepção do centro estão a trabalhar mal; regista-se também uma defesa oportuna do nosso guarda-rêde; E assim termina a 1.^a parte.

Após 10 minutos de intervalo o árbitro apita iniciando-se novamente o jogo.

A bola pertence agora aos adversários. É-lhes imediatamente tirada pelos nossos avançados que em menos de 1 minuto a conseguem introduzir nas rêdes. Foi este o nosso 2.^o goal.

Ambos os grupos redobram de energia.

O «Casa Pia» consegue agora algumas avançadas bem conduzidas pela esquerda. Numa dessas avançadas o nosso defesa esquerdo ao tentar aliviar o seu campo, deu origem a que o médio direito metesse mão, de que resultou a 1.^a bola contra nós.

Os nossos desorientam-se colocando-se na defesa.

Algumas bolas bem apontadas às nossas rêdes dão ensejo a boas defesas do guarda-rêde e a uma entrada oportuna do nosso defesa direito que com a cabeça salvou uma bola quasi certa. Faltavam 2 minutos para terminar o desafio, quando o nosso avançado direito numa fugida, consegue a nossa terceira e última bola.

Depois deste goal os nossos competidores

desanimam, acentuando-se novamente o domínio dos nossos elementos.

Maleitas, Domingos e Pires tiveram uma bela manhã. Foram infatigáveis acudindo a todas as situações perigosas.

H. Costa no seu lugar de guarda-rêde, esteve muito regular salvando o que pôde.

Pupilos contra Asilo Maria Pia

Realizou-se no dia 4 de Fevereiro o nosso 2.^o encontro, sendo o nosso adversário o Asilo Maria Pia.

Devido à não comparência do árbitro indicado pela A. F. L. os dois capitães viram-se na necessidade de pedir a um sócio da referida Associação para arbitrar o desafio.

Às 16 horas iniciava-se o jogo, acentuando-se o predomínio dos nossos jogadores, apesar do seu mau jogo.

O vento soprava forte e impedia o jogo, o que por tal motivo pouco interesse despetou.

Eram passados 16 minutos, quando o nosso avançado interior direito, num pontapé bem dirigido consegue o nosso 1.^o goal, que o guarda-rêde adversário por se encontrar deslocado não pôde evitar.

Há seguidamente várias avançadas de parte a parte, uma das quais põe em perigo as nossas rêdes; contudo o nosso guarda-rêde secundado pelas defesas consegue inutilizá-las, embora com dificuldade. Termina assim 1.^a parte.

Às 16,35 recomeça o jogo com mais energia; eram passados 6 minutos, quando nosso avançado centro consegue num remate oportuno o nosso 2.^o e último goal que nos assegurou a vitória.

Os nossos competidores reagem agora conduzindo avançadas infrutíferas às nossas rêdes; numa delas o nosso médio direito pratica uma deslealdade que o árbitro castiga com um pontapé livre contra nós.

Pouco depois, num dos ataques, o nosso avançado centro apanha a bola e na ocasião em que ia conseguir o nosso 3.^o goal, é alvo duma deslealdade originando uma grande penalidade que mal marcada, nada produz.

E assim termina o desafio pela nossa vitória de 2-0.

De um modo geral os nossos elementos jogaram deficientemente, distinguindo-se o nosso avançado centro, Pires, que mais uma vez pôs em evidência os seus conhecimentos do jogo.

Maleitas como de costume esteve bom.

Pinto-Amado

2.^a Ano geral



REDACITOR PRINCIPAL
Mário dos Santos
DIRECTOR
Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, M. D. Sacavém.
e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO
Domingos L. Agostinho
ADMINISTRADOR
A. B. da Costa

N.º 48 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Março de 1922

O Instituto no Campeonato Inter-Escolar de Futebol



O nosso grupo representativo

AOS EX-ALUNOS

Sob o tema «Camaradagem» realizou há tempos no Colégio Militar uma conferência, o 1.º Sargento Cadete e ex-aluno daquela instituição, Sr. Paulo de Brito Aranha, cuja parte final, provavelmente a mais interessante, foi publicada no nosso colega *O Colégio Militar*.

Esta minha referência à brilhante exposição, não pretende por forma alguma menosprezar o seu autor; pelo contrário, pois as suas considerações desenvolvem-se duma forma tão superior, tão soberbamente apresentadas, que as tomei para base do assunto que me propus tratar. E, impressionaram-me tão grandemente que, embora pignieu e muito novo ainda para aconselhar, eu tomo a liberdade de indicar aos ex-alunos do Instituto a sua leitura, cónscio de que lhes será vantajosa.

A propósito, e antecipadamente, dir-vos hei, caros leitores, que se as palavras de B. Aranha me deram grande satisfação, pois é sempre agradável saber-se que nem todos são preguiçosos, o desapontamento que de mim se apoderou após alguns momentos de profunda reflexão, desapontamento só de dor e não de inveja, êsse confesso-o sinceramente, deixou-me em completo abandono de forças, feriu-me bem no íntimo da minha alma de aluno dêste Instituto.

Mas, retrocedamos um pouco.

Depois de demonstrar e fazer sentir bem a conveniência duma camaradagem franca e leal, isenta, portanto, de interesses mesquinhos que só serviriam para desprestigiar os que a praticassem, refere-se aquele Senhor, à magnífica interpretação que até hoje, alunos e ex-alunos do Colégio Militar, têm dado à doutrina, *um por todos e todos por um*, defendendo-se e ajudando-se mutuamente em especial os últimos, para completa vitória na série ilimitada de reveses e contrariedades que são em resumo a vida, a vida humana, terminando por explicar como a têm mantido integral, e afirmando que ela perdurará através dos séculos cada vez mais sólida e inabalável desde que os actuais alunos queiram orientar o seu procedimento no mesmo sentido que os seus antecessores.

Ora é para aqui, para a última parte do meu parágrafo, que eu peço aos ex-camaradas a atenção que ela lhes deve merecer.

Os nossos ex-colegas, -perdoai-me a franqueza- têm, indiscutivelmente, pensado muito pouco no facto de terem sido êles os primeiros que esta casa de educação lançou na vida

prática e portanto de deverem ser êles os ali-cercos da obra grandiosa que o Instituto ansiosamente espera realizar, de criar uma atmosfera favorável às suas aspirações; e o resultado, o resultado de tanta preguiça que sòmente nos tem prejudicado, viu-se, vê-se ainda, e, se os meus pressentimentos me não enganam, ver-se hão durante algum tempo, não só porque é sempre difícil emendar os erros passados, e êsses só se corrigem com grande esforço e dedicação, como ainda porque tenho a antecipada certeza de que os não consigo acordar do primeiro sono que desde a sua saída do Instituto, êles experimentam.

Têm-nos surpreendido, é certo, e de quando em quando, uns pequenos pronunciamentos de trabalho, mas *como diz o vulgo*, é sol de pouca dura; rapidamente se cançam, depressa vem o aborrecimento e por fim sucumbem as suas tentativas.

Evidentemente, e nós sabemos-lo perfeitamente, nada se faz sem tempo, mas essa desculpa não é admissível no nosso caso, porquanto já lá vão... dez anos e as iniciativas têm sido muito poucas.

Se há pensamentos que pela altivez e nobreza dos seus princípios nos devem merecer todo o apoio e mais ainda, dedicação, o da fundação duma agremiação tendente a tornar bem íntimos os laços de amizade que prendem entre si os já numerosos filhos desta grande obra republicana, impunha-se sobremaneira neste momento.

Infelizmente não o têm compreendido assim; e, despreocupadamente, impensadamente, vão-se separando, e confraternizando muito pouco e dando lugar, portanto, à não existência do mútuo auxilio.

A razão de tão estranha conduta, é enquanto a mim, difícil de explicar, muito difícil mesmo; mas, pensando um pouco mais maduramente sou levado a concluir, senão categoricamente, pelo menos com grande probabilidade, que sòmente o pouco interesse lhe tem dado origem.

Eu próprio, já tive ocasião de assistir como representante de *O Profissional*, a uma reunião de ex-alunos levada a efeito na redacção do jornal *O Radical*, e nela pude apreciar como verdadeira a razão que apresento: a maioria dos que a ela podiam assistir, nem lá apareceu, e é triste, muito triste confessar que o fizeram precisamente aqueles que pela sua posição social maior obrigação tinham de comparecer como orientadores que deveriam ser dos mais novos, e, por consequência, mais inexperientes.

Mas... como o artigo já vai relativamente extenso e um pouco esperançado... no vosso esforço, julgo conveniente acabar e que seja a última vez que nas colunas de *O Profissional* apareçam artigos desta natureza, são os votos unâmines de todos nós.

Ide pois, presados amigos, dedicar-vos com atinco na resolução de tão magno assunto e desculpai-me da forma por vezes agreste e violenta como os ataquei. Mas ficai certos: — e juro-vos pelo vosso prestígio — que, se a humilde pena que empunho se decidiu tratar num tão leve esbatido este importantíssimo problema, não lhe imprimindo o vigor e perfeição que lhe daria qualquer outro dos meus colegas: mas como melhor sabia, e deixai-me confessá-lo, pretenciosamente útil, foi porque o julgo dum excepçional merecimento e porque da sua maior ou menor brevidade de solução, depende a meu ver, o nome e em grande parte o futuro dos alunos do Instituto.

Mário dos Santos
1.º ano médio de comércio

O ETERNO CARNAVAL

Já lá vai o Carnaval, o velho truão que mais uma vez nos visitou nos seus dias de folguedo. Dêle restam agora simplesmente alegrias e saúdaes para uns e tristezas para outros.

Desapareceram da rua os mascarados, de vestes escarlates e garridas.

Outras máscaras, porém, embora inadivinháveis cobrem os rostos de muitas pessoas que por contraste não andaram mascaradas naqueles dias de folia.

Enquanto alguns esperam aqueles três dias desejados, para cobrirem os rostos com pequenos bocados de cartão pintado, outros há para quem a máscara é constante, sem nunca os abandonar. Nos primeiros existe geralmente a sinceridade, a boa fé, a honradez, nos outros a mentira, a calúnia, o ódio, a traição. Eis o eterno carnaval da vida.

O Carnaval dá-nos nitidamente a tendência natural do homem. E' um espelho que reflecte duma maneira clara, o pensamento humano, os seus desejos, as suas ambições. Por ele se pode analisar a ideia preponderante que domina as gentes. Conforme ele nos surge nos seus dias, nós podemos avaliar a vida, e em parte, a civilização do povo que o pratica. Ora elegante e airoso, ora estúpido

e sensaborão, o Carnaval não é mais que um retrato cabal de quem passa na rua mascarado.

O nosso povo então, gosa no Carnaval, como gosa geralmente em todos os dias de festa, embriagando-se. Em enormes bambochatas fazendo uma figura triste e horrenda, acompanha cegadas onde a música é assassinada sem dó nem piedade, e assim passa os dias duma maneira estúpida, já coberto de andrajos imundos, já transportando imagens indecorosas, até que os dias de folia morrem, desaparecem, ficando a comemorá-los uma grande estúrdia. Este facto não é para extranhar, pois que a vida é um eterno carnaval.

Lutas, traições, ódios, malquerenças, cinismo, tudo isto constitui o carnaval desta vida; são as máscaras eternas que cobrem as faces dos homens. E assim, o homem tanto se fere em lutas facricidas, como atricoa os irmãos, odeia os semelhantes, diz mal dos amigos, e, clinicamente, cobardemente, vive com todos, ri-se para todos e de todos!... Que velhaco! que imperfeito animal é o homem!... E é esta a vida, é este o verdadeiro carnaval, à sombra do qual os homens se degladiam impunemente, sem serem criminosos, na simples continuação da vida que nos antecedeu.

E é sempre o mesmo; há de ser certamente a mesma coisa para o futuro. A medida que a civilização avançar aumentará talvez a artimanha do homem a lograr o homem, constantemente.

A vida é cada vez mais arriscada e para a vencer teremos de a tautear vagarosamente, com cautela, não vamos nós cair no lõgro que a-par e passo se nos há de deparar. A cada canto, por onde passarmos, encontraremos uma armadilha prestes a prender-nos astuciosamente.

Nos rostos onde julgamos ver, algumas vezes, a amizade sincera e franca, encontra-se sob um sorriso que nos deleita e atrai, a sede de vingança e de traição. No apêto de mão mais cordeal e amigo que imaginamos receber, está o ódio inveterado, que, provindo das mais fundas e maléficas entranhas nos procura derrubar quando a ventura se nos depara sem obstáculos. Nas palavras meigas e ternas que nos inebriam e encantam por momentos, vem às vezes o fel que nos salpica o fato, o corpo, a alma. Resta-nos só a sinceridade, essa nunca nos engana, com que a mãe, afagando o filho, o embala, o adormece com meigas cantigas, acompanhadas pelo abanar monótono do berço que oscila mansamente. Esse amor, essa amizade, não

nos ludibria nunca, jamais nos atraíça . . .

Os três dias do Carnaval êste ano, passaram já, sem graça, sem beleza, como há alguns anos sucede entre nós; mas o outro, o verdadeiro, aquele que nunca nos abandona, cá anda em torno de nós cercando-nos constantemente; nós vemo-lo em algumas das suas fases ridículas e condenáveis . . .

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio



SECÇÃO LITERÁRIA

Espectros do passado

A noite lentamente estende o negro manto.
Sussurros ligeiros vagueiam na amplidão,
Num pálido reflexo cheio de devoção.

Escutai! Alguém geme em copioso pranto.
Será a Pátria? Talvez!... Ah! não... É a voz da verdade,
Rouquenha e convulsiva, clamando piedade.

E a Pátria alucinada, cheia de terror,
Quedou-se pensativa nas sombras do passado,
Ouvindo a voz sinistra, gélida e austera.

Súbito ergue a cerviz. E um grito de'stentor:
Quem és tu, monstro vil que me tens provocado?
Escapou-se-lhe dos lábios em convulsões de fera.

E a verdade divina aprumando a estatura
Volveu com rigidez: Sou a auréola da glória,
Dos teus filhos insignes, há tanto perecidos.

Sabeis ao que venho? Mostrar-tos na agrura
Da gratidão real imersa na história...
Olha, vão a passar espectros ressequidos,

Cantando ladainhas. São eles talvez!

.....
E momentos depois envoltos em sudários,
Passavam lentamente esqueléticos perfis.

Lá vai o Lidador, lá vai com seu arnez,
Albuquerque a seguir e outros centenários...
Entoando Lausperenne ao som dos anafis.

E a pátria olhou aida seus filhos imorfaes,
No triste despertar do sonho sepulcral,
Enquanto lá ao longe as sombras espectrais,
Extinguiam-se no azul co'a voz de Portugal.

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral de comércio

A despedida

—
Aquele hora do dia a pequena mas risonha aldeia de Z. costumava estar silenciosa e quasi triste. As ruas desertas, indicavam que os habitantes na sua azáfama cotidiana procuravam nos campos o pão com que se deviam sustentar.

Era passado quasi um mês que o Outono viera relembrar aos alegres aldeões de que se podia começar a fazer a vindima das parreiras, ao que elles se não mostraram muito rogados. As avezinhas já então começavam a fazer as suas despedidas e procuravam em regiões mais quentes a temperatura que já ali não encontravam.

A escola da próxima freguesia reabriria dias antes as suas portas às criancinhas, para lhes ministrar a instrução que não podiam receber directamente de seus pais, já porque o tempo o não permitiria, já talvez, e provavelmente com mais razão, porque não tinham bases para isso.

Tudo anunciava, pois que o mês de Outubro ia em meados.

No Terreiro — um dos largos de Z. — via-se um grupo de camponeses que conversavam animadamente.

Pela conversa entabulada entre elles, depreendia-se facilmente que naquele dia ia fazer viagem para Lisboa o segundo descendente dum dos mais estimados filhos da aldeia.

Tinha ido com sua mãe e o irmão mais velho a uma povoação próxima despedir-se de algumas pessoas intimas e era aguardado por aquele grupo de aldeões que o deviam acompanhar à estrada onde devia tomar a caminha destinada ao transporte, e que passava a menos dum quilómetro de Z.

— Até que enfim! exclamou uma gentil filha da região.

Efectivamente ao fundo da rua apparecia uma senhora acompanhada de dois rapazi-
tos.

Entraram numa casita modesta mas elegante, onde José, — assim se chamava elle, — fêz os últimos preparativos, e algum tempo depois a estalagem que à beira da estrada fazia desde uns anos antes o seu reduzido negócio de vinhos e tabacos, estava algo movimentada.

Ao longe começava a distinguir-se uma pequena nuvem de poeira que se elevava do meio dos pinheirais que cercavam a estrada. Era o sinal evidente da aproximação do auto que encurtando rapidamente a distância que os separava, appareceu numa curva da estrada elegante e magestoso.

Mais uns momentos apenas e parava em frente da estalagem.

Singular contraste! Aquela criança que alguns instantes antes esperava impacientemente, deixando transparecer no rosto quanta alegria a inebriava por ir ver essa cidade enorme, onde encontraria o pai, e onde a rude vida do campo seria substituída pelo incessante batalhar com os livros, aquela criança que momentos antes aguardava com impaciência a chegada do auto onde devia fazer a primeira parte da sua viagem, como que pressentindo quão amargos deviam ser os dias que ia passar na capital, chorava copiosamente.

A muito custo se desprende dos braços de sua mãe que, embora o quisesse evitar, também não teve força para conter as lágrimas.

E o carro partiu.

Nos rostos de todos os presentes mostrava-se bem claramente a comoção de que se achavam possuídos.

Lá adiante, num cotovêlo da estrada desaparecia finalmente o auto, cujo motor se continuava ainda a fazer ouvir, mas o ruído, diminuído gradualmente, esvaiu-se a pouco e pouco, enquanto que fundamento abatidos, aqueles entes rudes mas bons, abandonavam a estalagem e voltavam à aldeia...

A.

Dúvida

Prevejo-te a chorar tua desdita,
Sinto bater teu coração profano,
E enquanto eu tento desvendar o arcano,
Vais lastimando a alma de contrita...

Chora em silêncio, sim, é teu dever;
Esconde essa alma suja de que passa;
Prefere ao jugo horrendo da desgraça,
As garras o opróbio, antes morrer.

.....
Pode ser que assim seja ou que não seja,
Mas se queres, então não acredito;
Imagino que nada me foi dito,
Mas faze tu com que jamais te veja.

E nós assim os dois ficamos bem,
Serei, como era dantes, teu amigo;
Tu não fazes chorar a tua mãe
E eu esqueço aquilo que te digo.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Ideia trágica

(Fragmentos)

Continuação

II

Caminhando entre as trevas aos ziguez-zagues, correndo continuamente desviara-se das linhas portuguesas internando-se nas trincheiras britânicas. Súbitamente uma figura impassível pôs-se em guarda e perguntou: «Quem vem lá?» O beirão aturdido ficou perplexo, interrogando o pensamento como desembaraçar-se daquele obstáculo. Pensou recorrer à astúcia: Um português, oh, colega! E a sentinela replicou num tom arrevesado: Um português?! Passe camarada.

Orientado por um agente de ligação dirigiu-se às primeiras linhas portuguesas ansioso de encontrar o instrumento querido das horas de melancolia.

Travara-se um duelo de artilharia, expelindo os canhões incessantemente metralha incendiária.

A barbaria da ordem do dia!

Repentinamente um obuz caiu a poucos passos do aldeão.

Mostrando-se resoluto e não intimidado assobiava o seu estribilho, e aos clarões dos foguetões luminosos cruzando o espaço murmurava: *Já travei conhecimento com estes sujeitos.*

A luta prosseguia indecisa, e o viajante nocturno após mil subterfúgios voltava triunfante com a maviosa companheira.

Sorria, olhando com desdém aquela luta fantástica, hedionda, onde todos os elementos da Natureza, modernos apocalípticos se degladiavam num rancor inextinguível.

Como se o destino predestinasse o sucesso fatal ao folgazão combatente, uma granada sibilando explodiu, perfurando o ventre do infeliz.

Um som gutural, rouquenho, saiu-lhe da bôca, exalando o derradeiro suspiro.

Ao romper da alva os maqueiros depararam um corpo desfigurado, enquanto uma das mãos segurava um instrumento.

A morte ceifara-o, e daquele alvitre adveio um trágico epilogo!

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral de comércio

Reapareceu o nosso colega *O Colégio Militar*. Apresenta-se com a excelente colaboração que tem caracterizado os números saídos até à data. Fazemos votos para que tenha muitas prosperidades.

A Direcção

À Bandeira

Juro por minha espada rutilante,
Por meu sangue de antigo lusitano,
Levar minha bandeira sempre avante
Despedaçando as hostes do tirano;

Juro também p'la cruz rubra de Cristo
Que dominou o cabo das Tormentas

Sem nunca vacilar,

Da minha Pátria ungrir as dores sangrentas,
Num louco batalhar;

Terei no coração sempre gravado

A Vésper do teu céu azul profundo,

Num fulgir desmaiado,

O Tejo ameno, o Douro furibundo

De Deus abençoado;

Por minha alma, Deus meu! Por meus avós

A! sombra de ciprestes seculares

Na tumba sepulcral,

Engrandecer teu nome, ó rei dos mares,

Eu juro, Portugal!;

Até que exausto, morto, sem alento,

O meu braço não possa erguer-te bem,

Irás no meu caixão,

E quando entrares nas regiões do além

Fantasmas tremerão.

João Pires Antas

3.^o anno de I. P. S.

Secção Scientífica

A moeda

Origem e evolução

Desde os tempos mais remotos o homem teve necessidade de exercer comércio.

A dificuldade que os trogloditas tinham em obter todos os alimentos de que necessitavam, foi talvez a primeira causa que originou a troca entre os povos primitivos. E assim lentamente, duma maneira progressiva e constante, o comércio conseguiu as enormes proporções que tem actualmente.

De início, a troca fêz-se, como naturalmente se depreende, entre os produtos mais abundantes na préistória. Constitui o período da Economia Natural, visto que não existia ainda nenhuma unidade com que se pudesse calcular a relação de valores entre os diversos produtos.

Este processo, era, portanto, muito rudimentar e apresentava vários inconvenientes, pois que difficilmente se calculava o valor de qualquer objecto. Além disso, quem precisasse de uma mercadoria, nem sempre encontrava alguém que estivesse disposto a cedê-la.

O período da Economia Monetária, tendo como unidade de troca, a moeda, veio suprimir quasi tôdas as deficiências que existiam anteriormente.

Estabeleceu-se um pêso fixo de metal, a que se attribuiu um valor determinado, e todos os outros produtos começaram a ser avaliados em relação àquella unidade. A principio tomaram-se barras de metal, mas qualquer troca que fôsse necessário efectuar, era revestida de umas certas formalidades que simplesmente serviam para atrasar a marcha progressiva do comércio. Havia ainda outro inconveniente maior: as barras metálicas poderiam ter o pêso convencionado, mas a liga nem sempre correspondia à legal, pois a falsificação surgiu immediatamente e a unidade monetária em vez de ser pura, continha muitas vezes um metal mais ordinário, ocasionando isto portanto, grandes irregularidades.

Esta causa deu lugar a que alguns particulares emitissem pequenos cubos metálicos, onde se encontrava gravado o seu carimbo ou punção e que circulavam com a garantia da sua probidade e honradez.

Este processo tinha ainda o inconveniente de se poder cortar às moedas, alguns pedaços de metal, devido à sua forma cúbica, começando então a aparecer as primeiras moedas circulares com relevos gravados, evitando assim que lhes fôsse subtraida qualquer porção de metal.

Os metais preferidos desde o principio, para a cunhagem da moeda, foram o ouro, a prata e o cobre, e destes, os dois primeiros principalmente, não só por serem os metais raros, mas também por serem os que mais facilmente podem sujeitar-se aos tratamentos necessários para o seu fabrico, e os que satisfazem mais cabalmente as condições que ella requiere.

A moeda deve satisfazer às seguintes condições: ter valor pelo metal que a constitui, homogenidade, divisibilidade, duração indefinida, fácil reconhecimento e ser de fácil transporte.

Ora, o ouro, a prata, e o cobre, possuem todos estes caracteres e foi por isso que a preferência para a amodação recaiu sobre estes metais.

Nalguns países, antes do período da Eco-

nomia Monetária, existiu um período inter-médio em que a troca não se fazia como na Economia Natural, mas em que o papel da moeda era exercido por objectos raros, tais como pérolas, diamantes, rubis, etc.

Com a marcha progressiva dos tempos, a moeda metálica começava a tornar-se incómoda nas grandes transações comerciais que necessitavam de enormes quantias em dinheiro.

O transporte das importâncias fabulosas destinadas das pagamentos provenientes do comércio, tornaram necessária a criação de uma outra moeda que satisfizesse dum modo mais completo, as exigências urgentes da troca.

Apareceram então as notas de Banco, e após elas, os processos modernos que estabelecem o crédito na sua mais alta essência.

Tôdas as dificuldades caíram; os obstáculos existentes desapareceram por completo, e o comércio, ocasionando as progressivas evoluções da moeda, alcançou talvez o auge da perfeição.

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

SECÇÃO DESPORTIVA

6 Instituto no Campeonato Escolar de Futebol

Pupilos contra Escola Nacional

Realizou-se em 8 de Fevereiro no campo do Portugal, o desafio entre Pupilos e E. Nacional iniciando-se às 12,30. A Nacional apresentava-se com 2 jogadores a menos estando incluído o guarda-rêde, lugar que foi desempenhado por um outro seu colega.

A bola de saída pertence ao Nacional, que não a conduz com necessária combinação, sendo por tal motivo inutilizada. Após 4 minutos de jogo os nossos avançados numa rápida descida conseguem introduzir a 1.ª bola.

O nosso domínio acentua-se, limitando-se a Nacional a uma defensiva tenaz. Eram passados 17 minutos, quando o nosso avançado centro num pontapé bem dirigido consegue a 2.ª bola. Levada esta ao centro, é imediatamente tirada pelo mesmo, sendo novamente introduzida nas rêdes adversárias, decorridos 2 minutos.

Os nossos competidores realizam agora al-

gumas avançadas que são inutilizadas pelos defesas. Faltavam 9 minutos para terminar a 1.ª parte, quando o nosso interior direito num remate oportuno consegue a 4.ª bola.

O jogo prossegue, mantendo-se equilibrado até o fim da 1.ª parte.

Logo no começo da 2.ª parte, o guarda-rêde adversário tem ocasião de efectuar várias defesas que foram aplaudidas.

O jogo embora que vantajoso para nós, conserva-se agora mais ou menos equilibrado. Cerca de um quarto de hora depois, os nossos elementos conseguem dominar a Nacional completamente, obtendo o interior esquerdo a nossa 5.ª bola.

Decorridos 25 minutos, a 6.ª e última bola era medida pela mesma asa sendo assaz ovacionada.

Salientou-se no nosso grupo o médio centro pela sua boa colocação, o que já não aconteceu com a asa direita que por se encontrar mal colocada não acompanhou os seus colegas no ataque.

Quadro dos pontos referentes às diferentes escolas na 1.ª volta do campeonato escolar

Grupos	Jogos	Vitórias	Empates	Perrotas	Bolas Pró	Bolas Contra	Pontos
Pupilos.	3	3	0	0	11	1	6
Casa Pia.	3	2	0	1	11	4	4
Asilo Maria Pia...	3	1	0	2	11	7	2
Escola Nacional ..	3	0	0	3	1	22	0

2.ª VOLTA

Pupilos contra Casa Pia

Realizou-se este desafio no Campo Grande, no dia 5 do corrente.

Às 13 horas e 45 minutos, o árbitro apita para dar início ao desafio. Os nossos elementos desenvolvem um rápido e combinado jogo, conseguindo dominar o adversário durante algum tempo da 1.ª parte.

Passados 5 minutos num dos nossos ataques às rêdes adversárias estabelece-se uma grande confusão, que Alegria aproveita para introduzir a nossa 1.ª e única bola.

Recomeça o jogo. Os nossos competidores reagem agora conseguindo algumas avançadas; numa delas o interior direito ao tentar tirar a bola a um casapiano, fez com que este caísse na *grande área* pelo que o juiz manda marcar uma penalidade.

A. Costa bem colocado e lançando-se à bola consegue defendê-la pelo que é bastante ovacionado.

O nosso grupo está muito infeliz. O da Casa Pia tem um jogo superior mas violento, equilibrando-se mais ou menos até o fim da 1.^a parte.

Depois do intervalo regulamentar, inicia-se novamente o encontro. Nesta parte fomos quasi completamente dominados, havendo contudo lindas defesas, podendo-se dizer milagrosas algumas delas.

Passados alguns minutos, os nossos defesas e o guarda-rêde hesitam numa bola que lhes foi enviada, hesitação esta, que foi aproveitada pelos casapianos dando lugar ao empate de 1 a 1.

Fazem-se depois algumas avançadas de parte a parte distinguindo-se sobretudo a defesa.

Os avançados combinaram regularmente.

Dos médios somente o esquerdo jogou com acerto e serenidade. Os defesas no seu conjunto jogaram muito bem, devido à sua magnífica colocação.

Pupilos contra Asilo Maria Pia

Realizou-se este desafio em 12 do corrente no Campo Grande. Passados 50 minutos da hora marcada pela A. F. L. o juiz apita e os 2 grupos alinham-se cabendo o pontapé inicial ao Asilo Maria Pia. Os nossos jogadores estão na sua melhor tarde.

Os avançados estão ligando muito bem, pelo que no fim de 7 minutos o nosso avançado centro, Pires, remata dando assim a 1.^a bola a favor do nosso grupo.

Os nossos adversários começam a desorientar-se; dão algumas avançadas mas isoladas sendo por tal motivo infrutíferas.

Uma das nossas descidas é prejudicada por deslocação do interior esquerdo pelo que o árbitro marca um pontapé livre a favor do Asilo Maria Pia.

O nosso ataque conduz-se com segurança e por várias vezes põe em perigo as redes adversárias. No meio da 1.^a parte a asa direita aproveitando uma passagem consegue a 2.^a bola, mantendo-se o jogo mais ou menos equilibrado até terminar a 1.^a parte.

Após o intervalo do costume, iniciou-se a 2.^a parte. Nesta, o jogo torna-se mais enérgico sobretudo dos nossos jogadores.

Os adversários dão-nos a impressão de que estão muito fatigados.

Dominamo-los por completo, limitando-se eles a uma defensiva tenaz.

Decorrido 6 minutos o nosso avançado centro num pontapé forte marca a 3.^a bola.

Levada esta ao centro, é novamente conduzida ao campo adversário, tornando a ser introduzida, pelo interior direito, numa recarga.

Nos últimos 10 minutos da 2.^a parte o nosso grupo marca mais duas bolas, sendo uma delas originada por uma grande penalidade e outra por um remate oportuno, conduzidas respectivamente pelo avançado centro e asa esquerda.

Dos avançados destacaram-se, Pires, Martins e Alegria, não desmanchando os restantes, contudo, o conjunto.

Duma maneira geral jogaram muito bem, sendo digno de referência, o trabalho, por vezes extenuante, dos defesas e do guarda-rêde.

Pinto-Amado

2.^o ano geral

Ecos

Promoções

Por disposição da *Ordem do Exército* n.^o 4, 2.^a Série de 16 do corrente, foram promovidos no Instituto;

Por decreto de 11 do corrente:

A major, o capitão do estado maior de Infantaria, Carlos Alberto Alves, Dig.^{mo} professor de curso de sargentos na 2.^a Secção.

A capitão, o tenente do estado maior de Infantaria, Henrique Perestrelo da Silva, Dig.^{mo} oficial de serviço na 2.^a Secção.

A capitão, o tenente do estado maior de Infantaria, Costa Andrade, Dig.^{mo} oficial de serviço na 1.^a Secção.

Nos termos dos art.^{os} 1.^o e 2.^o da Lei n.^o 1239 de 24 de Fevereiro último:

A enente coronel médico, o tenente coronel médico graduado. Dr. Lino Ferreira, Dig.^{mo} clínico e professor de Higiene na 2.^a Secção.

A tenente coronel, o major supranumerário de Infantaria, Jaime Augusto Pinto Garcia, Dig.^{mo} professor de Matemática na 1.^a Secção.

A tenente coronel supranumerário de Infantaria Júlio César Ferreira Dig.^{mo} professor de Matemática na 1.^a Secção.

A tenente coronel, o major do serviço de Administração Militar, David Alberto Branquinho, Dig.^{mo} professor de Comércio na 2.^a Secção actualmente no Instituto F. de E. e Trabalho.

A major, o capitão supranumerário ds Infantaria, Francisco Nunes Claro, Dig.^{mo} professor ds Desenho na 1.^a Secção.

A capitão capelão, o tenente, Dr. Vitoria Chamiço, Dig.^{mo} professor de Direito na 2.^a Secção.

A capitão capelão, o tenente, Oliveira Moraes, Dig.^{mo} professor de Português na 2.^a Secção.

A todos os nossos parabens.

A Direcção



N.ºs 49-50 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pap. do Exército

Abril e Maio de 1922



General Correia Barreto

Fundador do Instituto Profissional do Exército

O PROFISSIONAL

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

REDACTOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém

e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

ONZE ANOS!

E' tarefa altamente espinhosa e difficil falar sôbre a fundação do Instituto, tanto mais que nos acolhemos ainda à sombra desta obra redentora que nos educa e ensina. O que escrevermos, no entanto, palavras singelas e sem nexo, não são mais que um pálido esbatido da alegria que nos encanta, ao imaginarmos quão foi grande o pensamento altruista que a fundou.

Obra grandiosa, erigida ainda sôbre os alicerces indecisos e frágeis duma moral perversa e degenerada que há anos assolava o país, obra que veio estabelecer um maior equilibrio na instrução, provando que nem só os grandes eram capazes de se illustrarem, mas que os pequeninos também são dignos de aprender as sãs doutrinas que na escola se ministram, obra que se impôs pela sua conduta disciplinada e obediente, na qual os alunos cumprem à risca os seus deveres, afim de honrarem a Pátria e a República que a fundou, será eternamente digna de amor e carinho por parte de todos os portugueses, há de ter o respeito de todos os que se presam de amar a nossa Pátria.

Onze anos apenas são decorridos depois que entre as escolas portuguesas surgiu o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército. E nestes poucos anos, subiu, transpôs obstáculos que apareceram, e ultrapassou muitas outras que primavam pelas suas qualidades esplêndidas de ensino. Nestes onze anos de labuta constante e de progresso animador, o Instituto tem lançado na vida prática rapazes cheios de frescor e de vida, aptos a resistirem a tôdas as intempéries e a tôdas as procelas do mar que estruge afora as portas desta casa. E êsses rapazes têm provado que isto é simplesmente a verdade.

Em todos os cargos que exercem, sejam elles quais forem, sabem mostrar àqueles que não conhecem esta obra, que cá dentro se trabalha, se aprende, e que esta escola não é

como um sem número de outras que infelizmente só servem para sobrecarregar o orçamento do Estado.

Onze anos! Neste curto espaço de tempo que foge veloz, o Instituto tem sido digno dos carinhos que lhe têm dispensado, e, como recompensa, prepara dezenas de rapazes que na prática da vida, fazem o possível por honrar a casa educadora.

Bendita obra ante a qual ficamos perplexos, extasiados, pela forma como tem sido interpretada a necessidade que há de trabalhar, pondo de parte o espirito rotineiro da preguiça. As nossas almas embriagadas pela simplicidade e beleza, encanto e ternura, que aqui dentro viemos encontrar, emudecem-se enternecidas ante a grandeza do gesto que criou o Instituto. Evolam-se de nossos lábios sorrisos de ventura entrecortados por soluços de alegria, ao admirarmos com respeito e devoção o muito que devemos à República carinhosa que fundou e fez um estabelecimento modelo, onde os pobrezinhos, os desprotegidos da fortuna, podem receber as lições do belo e do sublime.

E as nossas penas de humildes principiantes - inebriados mais por fantasias pueris do que por ideias concretas e práticas -, deslisando sôbre o papel timidamente, não conseguem mais do que exarar um leve reflexo da admiração e muito respeito que dedicamos ao Instituto.

Só mais tarde, quando a nossa vida abandonando as teorias infantis, enverede pelo caminho da prática, poderemos então apreciar cabalmente o muito que devemos a quem nos educou, porque nesta data titubeamos ainda ao escrever estas palavras de louvor e respeito, embora elas sejam sinceras e francas.

Instituto! sê tu através das épocas a prova evidente das verdades que hoje aqui deixamos gravadas, continua progredindo como até agora, sem recuar um passo no trilho que sempre tens seguido, que será isso, mais tarde, quando a idade visitar os nossos lares, a melhor recordação dos nossos cabelos tornados brancos pelo andar dos tempos.

A Direcção

Isidoro José de Brito

Isidoro José de Brito foi daqueles rapazes que nos deixaram uma profunda e indelével saudade e tão profunda e indelével que o recordamos neste dia de doces e tristes apreensões para prestarmos justa homenagem ao seu precioso carácter.

Só os que conheceram a fisionomia mórbida de Isidoro, as suas preocupações de espírito e a constante agitação da sua alma, agitações que se patenteavam nas rugas mais acentuadas que lhe sulcavam longitudinalmente a fronte, só esses poderão sentir, avaliar da intensa commoção que estas palavras, podem traduzir, que muito dizem, mas mais ainda deixam para adivinhar!

E' que elle não merecia morrer! Trabalhador como era, ponderado e duma subtilidade excepcional, aliando a estas belas qualidades uma enorme intelligência que se lhe revelava na vivacidade dos olhos e se não desmentia antes comprovava com um conhecimento posterior, por assim ser, elle devia eternizar-se, pois é de vontades inflexíveis e de homens com hábitos laboriosos que a Pátria muito necessita!

Alma de virtuoso, verdadeiro espirito de poeta, Isidoro era uma esperança para seus pobres pais, para o Instituto, para nós todos!

Mostrara desde bem moço uma natural predilecção pela poesia e os seus escritos acusavam uma observação tão cuidada que todos os professores lhe rendiam os mais dignificantes elogios! Tudo levava a crer que bem cedo veria as perspectivas da immortalidade e Isidoro seria no nosso pais um notável vulto literário!

O coveiro, a trança etc., poesias da sua autoria e que quando aluno, publicou em *O Profissional*, são ainda hoje justamente

procuradas por todos quantos tiveram a boa sorte de conhecer a enorme sentimentalidade do nosso desditoso colega, as quais não sendo um verdadeiro primor literário, são porém comprovativas duma elevadissima concepção, se atendermos à pouca idade que elle tinha quando as escreveu!

Leal amigo que hoje dormitas numa rude campa, sem a magnificência dos mausoléos, mas com a poesia da tristeza! Tu, simples romântico que te escondes por entre as sombras

tenebrosas dos cipreses, confundindo o grito louco dos gaios com o gemer melancólico das rôlas e o piar agoirento dos mochos! Tu ó ente ideal e discreto que o destino levou por achar demasiado formoso para este mundo de ignominia e descrença! Porque foste bom, dócil e amigo, vives em nossas almas, puro e santo, para objecto das nossas preces, para alivio nas nossas angústias!

Amaste a Verdade, o Belo, o Simples! Enlevavam-te os quadros superiormente lindos idealmente formosos! Mas morreste com elles, abraçando-os em fraternal comunidade, cantando-os com a alegria da tua mocidade!

Iludiram-te os 20 anos, com os sonhos encantadores e a beleza ideal e quimérica das tuas doces imaginações!

Foi uma morte poética!

Mas revigora-os agora, já mais experimentado, torna-os mas propriamente reais, enquanto nós te lembramos a Vida e bendizemos a Morte, cobrindo-te a sepultura com as flôres lindas e perfumadas dos nossos corações!

Descança, pois, em paz, leal amigo porque o foste e bem sincero!

Mário dos Santos

1.º ano médio de comércio



Isidoro José de Brito

SAUDADE

A Morte! o desfêcho final das esperanças que nos alimentam enquanto a vida nos bafeja a alma, a triste realidade dum sonho que nos embriaga desde que vimos a luz do dia, a hedionda megera furibunda e maldita que assola os lares humanos onde reina a paz e a alegria, chamou a si mais um ente que nos era querido e que sempre dedicou à santa causa da instrução o maior disvêlo e o mais acendrado carinho.

A nossa vida descuidada e idealista, vagueando ainda no vergel mimoso da ilusão infantil, foi abalada por uma dor cruciante que nos dilacerou a alma profundamente. Fimou-se o nosso antigo professor, senhor Pedro de Oliveira, um dos verdadeiros amigos que entrou neste estabelecimento de ensino e prodigalizou aos seus alunos as mais acrisoladas atenções e cuidados, ministrando-lhes um sábia instrução que de principio se propôs aqui levar a cabo.

Ao ser conhecida no Instituto a triste notícia do seu falecimento, imediatamente nos rostos de todos aqueles que o conheceram, se notou uma profunda consternação só própria de quem nutria por êle uma franca e sincera amizade. E todos nós, magoados por tão nefasta má-nova, lastimámos a sorte do nosso desditoso professor.

Ê-nos completamente impossivel expressar a tristeza dos seus antigos discípulos, para os quais êle teve sempre, enquanto a morte o não chamou a si, demonstrações de verdadeira amizade, porque nós só sabemos ainda dizer coisas sem nexos, mas que são verdadeira fulgurações do nosso sentir.

E êle era nosso amigo, sabemo-lo muito bem; tivemos ocasião de o observar; para êle os alunos do Instituto eram mais alguma coisa do que simples discípulos, e nós cremos ter-lhe retribuido sempre a sua amizade para connosco, tributando-lhe a nossa dedicação e o nosso respeito.

Deixara o nosso convívio o ano passado, porque se lhe tornara impossivel a sua continuação no Instituto, e, ao deixar-nos, enquanto abraçava os nossos camaradas mais velhos, num fraternal abraço de bom amigo, as lágrimas afloraram-lhe aos olhos, verdadeiramente emocionado e entristecido, por nos dei-

xar. Era, sincera a sua despedida, e por isso, comoveu-nos altamente na nossa humilde modestia, o modo como um professor se separou dos seus alunos, a quem amava.

Exercera entre nós o cargo de professor de ginástica sueca, que sempre dirigiu com muita proficiência, vendo coroado de êxito o seu trabalho em prol da educação física à qual êle tanto dedicara o seu esforço. Últimamente fôra o nosso professor de esgrima, cargo para o qual acertadamente foi escolhido, visto que era um dos nossos mais distintos mestres de armas. Basta dizer se que êle foi professor da Escola de Mafra e que a maioria dos nossos grandes esgrimistas militares foram discípulos de Pedro de Oliveira.

Morreu! Descançar já o último sono, o sono da eternidade. Vive outra vida mais doce, mais suave, acima das paixões humanas e dos partidarismos do mundo... Morreu de pé — disse alguém —, pugnando pela causa a que dedicara o melhor da sua atenção e do seu tempo.

Acompanhámo-lo à sua última morada; cumprimos um dever que se nos impunha. E o motivo de termos conhecido tão tarde a desditosa notícia, originou que simplesmente seguissemos entristecidos o cortejo fúnebre ao mesmo tempo que em nossas almas vegetava a dor que invadiu o seio de uma família.

E hoje, modestamente, enquanto com respeito enviamos à família desolada o nosso sincero e sentido pêsame, prestamos ao illustre extinto esta singela homenagem, verdadeira expressão do nosso sentir magoado...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

N. da D. — Tendo-nos sido completamente impossivel conseguir até à saída do nosso mensário um retrato do nosso malogrado professor que foi Pedro de Oliveira, não podemos, como ardentemente desejávamos, prestar-lhe a derradeira homenagem que pensáramos, vendo-nos portanto forçados a desistir, embora isso muito nos custe, de publicar a sua fotografia.

Ao mesmo tempo pedimos desculpa dos incômodos que demos ao nosso professor Sr. Cap. Luís Alberto de Oliveira afim de que êle nos arranjasse um retrato, o que não conseguiu devido à partida da família de Pedro de Oliveira para Mafra

Uma festa no Instituto Feminino

Promovida pelas nossas colegas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, realizou-se no dia 21, a Festa das Flôres, já conhecida pelo brilho que nos mais anos a tem revestido.

Eram 14 horas quando se iniciou a festa com a assistência dos Ex.^{mos} Ministros da Guerra, Marinha e Comércio, altas individualidades em destaque e bastantes convidados.

A festa decorreu muito animada tendo S. Ex.^{as} os Ministros visitado tôdas as dependências do edificio e pronunciado palavras de louvor para com os trabalhos que se encontravam expostos e destinados à Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Abrilhou a festa a Banda dos Bombeiros Voluntários de Odivelas.

Aqui deixamos gravadas as nossas palavras de reconhecimento pela maneira como fomos recebidos tanto pelo Ex.^{mo} Director, Coronel Sr. Frederico de Simas, como pelas alunas dêsse modelar estabelecimento de ensino.

Alberto da Silva Freitas

3.^o ano official

À MOCIDADE ESCOLAR

Não sou positivamente um optimista na verdadeira aceção da palavra, mas julgo-me bastante mais adepto desta forma de apreciar do que da outra perfeitamente oposta — o pessimismo. Todavia, há verdades tão amargas que nem o mais perfeito tipo de homem moderado, poderá — desde que lhes dedique a devida atenção —, considerar de meras futilidades e jamais quando delas podem resultar importantes, senão radicais modificações no meio em que vivemos.

Evidentemente, não é meu propósito, lançar o terror com as singelas apreciações que seguem; mas como patriota que me preso de ser, eis a razão porque me apresento, não a ventilar esta questão, porque demais ela tem sido tratada e por indivíduos duma tão alta envergadura que não podia com as minhas palavras trazer-vos novidades, mas tão somente

a renová-la embora sem erudição, mas intencionalmente útil.

A nossa terra, a jóia de mais valia que até hoje o Universe criou, tem uma História tão gloriosa, está tão literalmente cheia de tudo quanto é belo, que seria desolador, colocar paralelamente aos grandes feitos que a adornam, a mancha duma decadência vergonhosa.

Os nossos antigos, se nos legaram todo êsse primor pátrio que é a admiração do mundo inteiro, foi não só para engradecer o Portugal que adoravam como também para que nós, seus sucessores, verdadeiramente inspirados no ardor com que para Ele êles trabalharam, ficassemos obrigados a dignificá-lo também.

Por um lado, a Vida, manifestando-se como sempre a mais odiosa inimiga do homem; depois, o cansaço do momento actual, absolutamente exgotante por um Guerra formidável que trouxe o abandono quasi geral e por fim, a deficiência dos nossos processos educativos, por tudo isto e pela congregação de tôdas estas causas, o português tem vivido um pouco esquecido do que é e de quanto vale, alimentando se exclusivamente do prestigio maravilhoso de outras eras.

Se êsse mesmo povo, conseguiu em épocas remotas impor-se à consideração e respeito do mundo, quer pelo seu trabalho, quer pela perseverança e fé na vitória final de que sempre dispunha nos seus inúmeros empreendimentos, não seria justo nem agradável que agora abandonasse tôdas essas excelentes qualidades que o fizeram grande entre os maiores, para seu brio se amesquinhar.

E a culpa, a grande culpa de todo êste esmorecimento temo la todos devido à maneira pouco criteriosa como em Portugal e nomeadamente Lisboa, se educa e se recebe educação. Longe de estar por completo ao abandono, a educação em Portugal, é — pode bem dizer-se — muito desinteressada, isto é, nem educadores nem educandos se preocupam com os defeitos que advêm da pouca efficácia do ensino e aprendizagem.

Não se pode exigir, é evidente, que todos se notabilizem com descobertas ou inventos maravilhosos, neste ou naquele ramo scientifico, não! que essas distinções só são concedidas a individualidades altamente cultas; mas o que sem excepção, a todos é lícito cumprir, são os seus deveres cívicos, caridade, complacência, dedicação, amizade, etc., que nos não tornam universalmente conhecidos mas que dão inteira satisfação e alegria às nossas consciências.

Presentemente, a mocidade de Portugal não se preocupa em firmar o seu carácter, educá-

lo, dignificá-lo; as únicas pretensões que individualmente todos alimentam, são primeiro: a de se tornarem aos olhos do mundo umas criaturas pródigas, esbanjadoras, mas sobretudo — e essa é a grande glória de qualquer rapazola nos tempos que vão correndo — entrar numa revolução. Ah! o prazer, a honra enorme de ter sido revolucionário, isso é importante. E depois, a vaidade, o orgulho acriançado com que radiantes se dirigem àqueles que acertadamente abandonam essas tristes manifestações: — medrosos, não têm coragem! nós é que somos valentes porque fomos para a revolução!...

É bem o que se chama «fazer gala na miséria».

Mas não nos iludamos! A satisfação que com prazer podemos ter é que esta fúria de destruir, de aniquilar, há de extinguir-se porque não consegue vencer!

Através dos séculos, quem sempre se impôs foram aqueles que souberam lutar com a Vida, mas com dignidade, aqueles que pelas suas virtudes a todos merecem distinção. O crime, a vingança, a maledicência, foram em todas as gerações àperamente condenados e deram origem a severos castigos. Compete, portanto à mocidade escolar apressar uma hora de renovação porque lhe cabe a maior parte, do muito que há a fazer para competo desaparecimento desta onda de sangue.

Um facto palpitante e bastante recente nos deve ter servido de preciosa lição; refiro-me à empreza heroica dos gloriosos aviadores que com tamanha galhardia, tal como vigilantes sentinelas, com um fortissimo *Alerta*, oportunamente nos anunciaram a presença d'este terrível inimigo. Eles devem ser duplamente abençoados, pois além da brilhante vitória pessoal que alcançaram, esclareceram-nos a vantagem que temos de pôr termo a esta longa série de desvairamentos e lutas irritantes e iniciarmos uma nova aurora de paz e de consciente administração.

Que todos nós vejamos em Sacadura Cabral e Gago Coutinho como que os dignos precursores dum futuro brilhante para a nossa Pátria engrandecida pelo vigor dos seus filhos.

Mário dos Santos

1.º ano médio de comércio

Visitou-nos os *Ecos do Instituto*, revista das nossas gentis colegas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho.

Agradecemos muito penhorados esta interessante visita.

A Direcção

Secção Científica

Carácter predominante da nossa população

Exercício de Geografia Económica

Revelar-nos hão as estatísticas oficiais que o Instituto dos Pupilos tem nesta data, o carácter predominantemente agrícola da economia portuguesa?

Em caso afirmativo qual a sua percentagem?

Há algum dos dados d'este problema que revele a tendência para o urbanismo?

Censo	População agrícola	População total
1900	3.697.199	5.443.132
1911	3.440.076	5.960.056

Anos	Exportação total especial
1907-1911	34.064\$80

Exportação agrícola

De 1907 a 1911

Animais vivos	3.943\$00
Matérias primas	5.530\$00
Subst. alimentícias	15.894\$00

Analizando os dados sobre a população, fornecidos pelas nossas estatísticas, nota-se o carácter predominantemente agrícola da população portuguesa.

Com efeito:

Em 1900 havia 3.697.199 habitantes que tinham como principal ocupação a agricultura e 1.735.933 que professavam outros ramos da produção.

Em 1911 havia respectivamente 3.440.076 e 2.519.980

Esta diferença revela-nos nitidamente a preponderância da agricultura.

Para satisfazer à outra parte do problema tem que se determinar as percentagens da população agrícola sobre a restante.

Obtém-se facilmente pelas seguintes regras de três:

Em 1900

5.433.132 hab. — 3.697.199 agric.

100 — x

$$x = \frac{369719900}{5433132} = 68,4$$

Em 1911

5960056 hab. — 3440076 agric.

$$100 \quad \text{---} \quad x$$

$$x = \frac{344007600}{5960056} = 57,7$$

Ainda em face dêste resultado se conclui o carácter predominantemente agrícola da população portuguesa.

Para analisarmos melhor a preponderância da agricultura sobre os outros ramos de produção, basta achar a percentagem das exportações totais sobre as agrícolas.

Pela seguinte regra obtém-se o valor das exportações agrícolas em 100 da exportação total.

1907-1911

34.064\$80 — 25.367\$00

$$100 \quad \text{---} \quad x$$

$$x = \frac{253670000}{3406480} = 74,4$$

Já vimos que os índices da população agrícola sobre a restante eram:

Em 1900 68,4

Em 1911 57,7

Logo, a população agrícola diminuiu desde 1900 a 1911.

Qual a razão?

Evidentemente, foi o Urbanismo a causa desta diminuição.

Mas as nossas estatísticas só nos dão êstes valores até 1911, porque depois disto o Urbanismo que tem arrancado as populações do campo aglomerando-as nas grandes cidades. Também a emigração tem feito enormes desfalques na nossa população agrícola.

E, talvez as estatísticas de 1921 nos demonstrem mais nitidamente esta baixa porque na época que estamos atravessando as populações têm-se deslocado progressivamente para as cidades, abandonando o campo onde por vezes se nota a falta de braços.

Estará então Portugal em qualquer outra fase que não seja a agrícola?

Evidentemente que não, pois não tem ainda nesta data condições para viver noutra.

Se Portugal estivesse noutra fase, esta seria certamente a industrial. Ora êle podia ter ótimas fábricas e bons produtos, visto ter condições, como minas, quedas de água etc., mas

estas condições o que não estão é ainda convenientemente aproveitadas e exploradas.

Logo, conclui-se que Portugal tem um carácter predominantemente agrícola.

Mário Loureiro

2.º ano geral de comércio

Sucessões

Exercício de Direito Civil

A, viúvo, sem descendentes, fêz testamento cerrado em 1907 e morreu em 5 de Agosto de 1921 com 90 anos de idade. Teve 3 filhos: B, C e D.

B morreu em 1911 e deixou 2 filhos: E e F.

C é vivo e tem 3 filhos: G, H e I.

D morreu em 1914 e deixou um filho, J, que morreu em 4 de Agosto de 1921, deixando 2 filhos: L e M.

O testamento de A é concebido nestes termos:

«Os meus bens valem um milhão de escudos. Deixo três quartos dêsses bens ao Ministério da Instrução para edificios escolares, e um quarto a meus filhos. Procedo assim pelo amor que tenho à instrução e porque os meus filhos têm sido ingratos para comigo».

Pergunta-se:

Podia A fazer essa disposição testamentária?

Os herdeiros legitimários querem reivindicar os seus direitos. Quais são êsses herdeiros legitimários?

O que recebe cada um?

O Ministério da Instrução tem direito a alguma cota-parte da herança? Se tem, qual é essa cota-parte?

Respostas:

1.ª, A não podia fazer aquela disposição testamentária, visto que o testador actualmente só pode dispor de metade da herança, quando tem descendentes ou ascendentes no 1.º grau. Ora neste caso não existiam ascendentes mas existiam descendentes do 1.º grau — os filhos. Além disso, ao tempo em que o testamento foi feito — 1907 —, o testador só podia dispor nas circunstâncias de A, de $\frac{1}{3}$ dos bens.

2.ª, Os herdeiros legitimários devem portanto reivindicar os seus direitos, em virtude das considerações apresentadas na 1.ª resposta.

Os herdeiros legitimários são: C, E, F, L e M.

Pela ordem legal da sucessão, a herança transmitir-se-ia aos descendentes em 1.º grau,

que são: *B*, *C* e *D*. Mas, como *B* e *D* morreram depois de o testamento já estar feito, a herança transmitir-se há aos seus descendentes, ou seja: o quinhão de *B* ficará para *E* e *F*; e o de *D*, para *J*. Ora, como este morreu também, a sua parte transmite-se da mesma maneira, aos seus descendentes, *L* e *M*.

Estas sucessões dão-se em virtude dos art.^{os} n.^{os} 1980-1981-1984 e 1985 do Cód.^o Civil, que dão o direito de representação aos vários descendentes, e, quando há vários representantes do mesmo indivíduo, mandam repartir igualmente entre si, a parte que caberia ao representado se fôsse vivo.

3.^a, Os herdeiros legitimários devem receber:

<i>C</i>	166.666\$66
<i>E</i>	83.333\$33
<i>F</i>	83.333\$33
<i>L</i>	83.333\$33
<i>M</i>	83.333\$33
	499 999\$98

O máximo que o testador pode dispor são 500.000\$00.

A cada filho caberiam 166.666\$66; mas como *B* e *D* morreram depois do testamento feito, receberão, *E* e *F* como filhos do primeiro, 83.333\$33 e *J* como único descendente de *D*, 166.666\$66, mas como *J* morreu deixando 2 filhos *L* e *M*, cada um destes receberá 83.333\$33.

4.^a, O Ministério da Instrução tem direito a uma cota parte da herança, visto ser esse o desejo do testador, mas só metade, o máximo de que ele podia dispor por ter descendentes do 1.^o grau.

Benfica, 28 de Março de 1922

Abílio Quadros

1.^o apo médio de comércio



Comércio e Indústria

Uma das mais freqüentes discussões entre os alunos é a da maior importância do Comércio ou da Indústria. Tal discussão é absurda desde que se tenha a verdadeira noção da palavra *indústria*.

Indústria é por assim dizer, o conjunto dos ramos da actividade humana, ou, especializando, qualquer ramo da actividade humana.

Ora, por esta definição supõe-se a criação de riqueza pela actividade humana.

Analisemos o comércio.

Segundo os fisiocratas as operações comerciais reduzem-se simplesmente a um acto urídico: comprar para vender. Não se supõe

portanto criação de riqueza, antes pelo contrário, o indivíduo que o pratica pode ganhar muito dinheiro mas não junta nada à riqueza geral.

Ora isto não é bem assim. Vejamos o que se passa no facto de comprar para vender: um comerciante compra a outro, uma grande quantidade de mercadorias e conserva-as durante muito tempo sob a forma de aprovisionamento. Estas mercadorias que na mão do comerciante são inúteis, podem num dado momento tornar-se úteis, vendendo-as a quem necessitar.

Logo, este facto deve ser considerado como produtivo visto tornar útil uma coisa inútil.

Em face da conclusão a que chegámos podemos sem errar dar o título de indústria a uma operação comercial, visto que todas elas têm por fim tornar útil uma coisa inútil.

Por outro lado, a indústria comercial não se separou ainda dos transportes. Ainda hoje os comerciantes são os directores dos transportes do mundo. Ora não se pode negar o título de indústria a este ramo da actividade humana.

Poder-se há perguntar: haverá alguma diferença entre o produto no ponto de partida e no ponto de chegada?

Evidentemente que há. Pois se não houvesse, de que serviria a extracção da hulha, o derrubamento das árvores, se não existissem marinheiros e condutores que os trouxessem onde devem ser aplicados?

Se a indústria manufactureira é o complemento da indústria agrícola a indústria dos transportes é o complemento indispensável destas duas.

De tudo isto se conclui que a indústria comercial bem como a indústria dos transportes são tão necessárias à vida como as indústrias manufactureira e agrícola.

Estabelecamos um confronto entre a indústria comercial e todas as outras. Imaginemos uma grande árvore cujos ramos são as diferentes indústrias. A seiva dessa árvore será a indústria comercial.

Isto quer dizer que nenhum ramo da actividade humana pode viver sem o comércio assim como este não pode viver sem todos os outros. Isto explica-se facilmente. De que serviria a produção de móveis, géneros alimentícios, artefactos, etc, se não se pudessem trocar ou vender?

Cair-se-ia fatalmente numa crise de abundância aliada à maior miséria porque o produtor de móveis não poderia trocar com o de géneros alimentícios e vice-versa. É o que está sucedendo com os Estados Unidos

da América do Norte. Devido à diferença de câmbio entre essa nação e os outros países o comércio exterior é quasi nulo em relação à sua produção. Os produtores não tendo saída para os seus produtos vêem-se obrigados a reduzir a produção e até mesmo a fechar as fábricas; ora se houvesse o comércio nada disto acontecia e a produção de riqueza seria colossal.

De tudo isto se conclui que a indústria comercial não pode viver sem tôdas as outras e estas sem aquela.

Portanto, caros colegas, que tanto vos empenhais nesta discussão, vêde por aqui quão absurda ela é, e praza a Deus que de hoje para o futuro não continueis, pois que além de acirrar as inimizades entre os dois cursos, irritam.

Mário Loureiro

2.º ano geral de comércio

SECÇÃO LITERÁRIA

Longe!...

À memória de Isidoro José de Brito

Longe, mui longe, na região do Além,
Dorme, descança, a paz do Infinito.
E hoje só a saudade, — o nosso mito —
Da campa a sombra a iluminá-ia tem.

Longe, mui longe, num sonho bendito.
Dorme, descança. A Lua frouxa vem,
E ténue, e branda, — carinhosa mãe —
Beija-lhe a lousa onde jaz sopito...

Almas, orai, enquanto a vida passa,
À memória daqueles que a desgraça
Arrastou no seu seio cruelmente.

Almas, orai; será mais doce a vida,
Recordando aqueles que perdida
A tiveram sem dó precocemente...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Pela Beira

Ora através de extensos pinheirais, ora por entre rampas escarpadas, ou através dos campos, o combóio na sua marcha célere ia deixando ficar sucessivamente para trás, todos os variadíssimos e pinturescos contrastes que a paisagem beirã nos pode apresentar com

todos os seus aspectos característicos, em que a vida se sente, a alegria reside e a felicidade seriapossível.

À minha vista vão aparecendo as populosas e encantadoras vilas de S. Pedro do Sul e Vouzela; além a S.ª da Nazaré com a ermidazinha alvejando na sua brancura a meio da encosta do monte; mais além V. com o seu histórico castelo, cujas ruínas lá estão como que relembrando o seu passado, em que sobre elas viram brilhar ao fogo de cem combates as espadas sempre vencedoras, em que se reflectia toda a perdurável vitalidade, duma raça de heróis, cuja decadência, elas, esquecidos e velhos esqueletos do passado, sentem e lamentam.

A paisagem vai-se renovando constantemente e cada vez mais eu a admiro e lhe encontro maiores atractivos. É que realmente não sei que encantos há naqueles verdejantes campos da Beira, que sombreados pela rudeza granítica e negra dos seus montes ou rodeados pela orla verde escura dos pinheirais têm um tom um pouco melancólico, mas agradável e formam um conjunto tanto mais interessante quanto é certo, ser precisamente na sua rusticidade que reside todo o seu encanto.

O combóio nas suas freqüentes paragens vai deixando e recebendo grande número de passageiros, em cujos semblantes, rudes, mas francos e confiados, parece reflectir-se o aspecto tristonho das suas montanhas denegridas e grosseiramente talhadas. As mulheres são geralmente bonitas e graciosas e debaixo dos seus trajos singelos adivinham-se as formas culturais duma beleza característica. Se quiserdes ver o perfeito tipo de beirã, aconselho-vos caros leitores, a que o não procureis nas cidades ou vilas e suas proximidades onde o facho da civilização já chegou destruindo com tôdas as suas inovações o tipo genuinamente tradicional. Podê-lo heis procurar de preferência no extenso vale de Lafões ou de Bes-teiros, ou nas povoações edificadas nas encostas ridentes do Caramulo e nas aldeias sertanejas, onde ainda não chegaram as exigências do Progresso, e a vida se vive numa atmosfera quasi casta e honesta.

Estamos em Setembro. É a época das vindimas. Grandes ranchos alegremente, por essas vinhas que ladeiam o caminho de ferro, se ocupam nesta tarefa colhendo o precioso fruto em cujo sumo, causador de tantos dramas e desgraças, muitos procuram um lenitivo para as suas mágoas e outros o alheamento e esquecimento completo desta cousa estúpida a que chamamos vida, para irem morrer no ca-

tre dum hospital ou na feliz tristeza dum manicômio.

E o comboio na sua marcha de todos os dias, já parece olhar sem reparo a Natureza que à sua passagem sorri, revendo-se no Progresso sãbiamente dirigido pelo homem, a sua melhor obra, o seu braço direito e verdadeiro intérprete e executor dos seus mais elevados pensamentos.

Chiando, um carro de bois sobe a encosta. Pastores que apascentam os rebanhos, com a sua manta ao ombro, varapau na mão, olham o comboio que passa rapidamente; e os seus olhares mostram momentaneamente uma expressão de tristeza, talvez, pela vida que passam e de inveja pela daqueles que cotidianamente vêem passar e que provavelmente julgam mais felizes.

Mal sabem eles o que ali vai de desgraças!... E mal sabem eles também que por cada um que se possa dizer feliz, há milhões e milhões, cuja desgraça se patenteia por tal forma que não precisam dizer-se desgraçados. A vida, este caminho lamacento e intransitável está cheio de tantas e tantas contrariedades que tornam quasi por completo impossível a felicidade.

E realmente a vida não está mal organizada assim, porque sem contrariedades ela tornaria-se sem dúvida, ainda mais estúpida do que realmente é.

E de que resulta a felicidade? Não é precisamente do vencimento dessas contrariedades?!... Sem dúvida. E quanto mais difíceis forem essas contrariedades de vencer, tanto maior e mais completa será depois a nossa felicidade. E' apenas uma felicidade momentânea e passageira, é certo, mas é felicidade!...

Embevecido nestes pensamentos já olhava quasi sem ver a paisagem que à minha vista se ia desenrolando.

As aldeias com os seus velhos campanários; as montanhas nuas e negras tocando o azul do céu; os campos cobertos de vegetação; a vinha em toda a parte predominando agora com os seus cachos dourados luzindo ao sol; os sôtos de castanheiros com os seus ouriços verdes e protectores; os densos pinheirais com as suas ramadas ondulando ao sabor da brisa matutina; os rios e os regatos correndo em doces murmúrios por entre os amieirais; os pomares onde as árvores dobram ao peso dos frutos.

E tudo isto passa e tudo isto se repete...

Imperceptível e apáticamente encontrei-me na antiqüíssima e histórica Viseu.

O céu azul toldado agora por grossas nu-

vens que o nordeste arrastava para a cidade, ameaçava mau tempo, e em breve uma chuva miudinha mas persistente caiu durante algum tempo, impossibilitando-me de admirar, mais uma vez, as belezas históricas e naturais da formosa cidade de Viriato, coração da Beira.

Graciano de Matos Vilarigues

1.º ano médio de comércio

O mendigo

Meia noite; tudo negro; a rua deserta. Só o vento que gira em torno se faz sentir.

Junto a um candeeiro emitindo uma pequeno fio de luz, no meio da imensa toalha escura da noite, jaz um mendigo adormecido, sobre as pedras da calçada, onde uma leve camada de geada começa a depositar-se. Não sibilam os apitos das fábricas; não reboam os ecos dos martelos nas oficinas; não se ouve aquele barulho próprio de uma cidade em movimento.

O mocho pia nos ciprestes do cemitério próximo; os cães que guardam os portais ladram de vez em quando, ao agitar constante da ramaria.

E o desgraçado dorme, dorme, enquanto a brisa da noite lhe fustiga as faces enrugadas. Nada lhe quebra o sono pesado. E o cão vagabundo, que anda de porta em porta, à procura de alimentos, fareja-lhe o saco que contém as duras côdeas de pão e afasta-se dêle com tédio. Passa a ronda e lançando-lhe um olhar de desprezo, afasta-se também. E aquela almassem lar e sem abrigo, enquanto outros dormem plácidamente em aveludadas camas, repousa sobre as lages frias da rua enregelando os nervos, já cansados duma vida tão desgraçada. Espera que a noite passe depressa, para logo ao alvorecer iniciar a sua labuta constante, — pedir.

O sino da torre próxima bate meia noite, e as badaladas escoam durante alguns momentos de monte em monte.

O mendigo, acordando algumas vezes durante a noite, enquanto ela avança silenciosamente, vê passar por êle os mais felizes, aqueles para quem a sorte não foi tão cruel. Eles lá vão embrulhados nos seus fartos agasalhos com as golas levantadas, bem resguardados do frio. Olham o desgraçado de revez como quem olha as ondas tenebrosas que vêm quebrar-se contra os rochedos. Alguém que passa mais perto dêle, sem olhar à sua desgraça lança-lhe vitupérios, escarnecendo a miséria em que êle se encontra.

E o mendigo, dorme descuidado, cheio de esperança, porque no dia seguinte, estenderá a mão à caridade, essa mão cadavérica, que alguns acolhem com carinho e amor, e que outros repelem com desdém e crueldade.

O vento sopra fortemente, por entre a ramaria das árvores assobiando dum modo sinistro umas melodias tenebrosas. A luz do candeieiro, que imperou durante a escuridão da noite, empalidece agora aos primeiros alvôres da madrugada que vêm despertar o pedinte.

E éle, o pobre dos pobres, lá se pôs a caminho da porta da Igreja, onde começou a receber as esmolas.

E sempre assim, tendo por companheiros ou as pedras geladas da rua, ou as nuas cantarias dessas portas de Igreja, o mendigo acabará a sua existência, entrecortada por lamentos e gemidos, aos quais só responderá o eco dos sofrimentos...

Jorge Galvão

3.º Ano Oficial

Nazareno!

à Catedral de Reims

Silenciosamente a meia-noite soa
Na torre da cidade, Mudez sepulcral
Cortada p'lo bramir do vento que ecoa
Em fero sibilar na velha catedral.

Dos negros carocheiros rasgados p'la metralha
Avulta alucinado o mártir redentor,
Enquanto lá ao longe, atea-se a fornalha
Da negra Humanidade em sinistro labor.

Olhai: negra expressão do rosto conflagrado
Do pobre Nazareno. Como éle sente
Ao olhar o clarão do horrído brasido!

E põe-se a meditar aquelo atroz cenário.
Recorda a sua dor há tanto persistente
—A negra ingratidão na noite do Calvário.

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral de comércio

Ela...

Ela era a esperança dos pais, uns velhos desafeitos aos caprichos da vida, corpos humanos chegados quâsi ao têrmo da jornada, batidos já pelo vento dos cemitérios que carcome a existência, para dar, não sei se diga, se a conversão real do sonho em que se viveu, se a paz aos excessos que nos atormentaram.

As feições duma suavidade extrema a realce

com o cabelo dum louro ondeante, estavam a-par da contornuosidade do corpo de linhas subtis e harmoniosas dando-lhe o reflexo misterioso de princeza das lendas encantadas.

Muito raramente como nela, se encontra por êsse mundo uma construção física tão cheia de graça admirável, aliado a um coração imaculado e santo. A si própria se reconhecia de só fazer o bem, e, talvez por isso, lhe nascesse a inconcebível sensibilidade que a obrigaria a restringir as relações com a pessoa próxima que faltasse ao mínimo meneio da boa educação; felizmente jamais essa represão que sem dúvidas a viria molestar, saíra de sua parte, porquanto ela era uma dessas criaturas que de raras belezas tão fora do vulgar, tanto de inspiradoras, nos embutem os sentidos sempre perturbados em descrenças favorosas num mundo celestial, fazendo-nos ficar com uma tal força de incerteza em as crermos como pertencês da Terra, que nos obriga a termos por elas o grande acanhamento resultante do respeito e de veneração.

Os velhinhos formavam o lar, e ela era o Sol a iluminá-lo com a nostálgica luz dos olhos dum azul notívago, sempre cheios de unção mística e embalsamadora; era a flor a adocicá-lo com o aroma balsâmico, tempêro das palavras, saídas em voz cristalina e gorgear pela boca relativamente minúscula emoldurada duns lábios finos e escarlates, não deixando, todavia, anotar o conjunto de suma perfeição; era finalmente, o anjo a divinizá-lo na sublimidade dos objectos, nos mimoséios dos gestos e na castidade das acções.

Como eu gostava de contemplar êsse quadro tão humilde no aspecto e tão soberbo em sentimento: «A mãe, com os cabelos de neve a reluzirem à luz santa do dia, outrora negros como a negridão da noite; cobrindo-lhe a cabeça persuasiva e tentadora; de óculos assestados no nariz que lhe apontavam a vista roubada pelos anos, sentada a uma banca, manejando (?) a roca com as mãos esqueléticas e esguias. O pai, um velho simpático, seguindo a olhar, apreensivo, ora as espirais do fumo do cachimbo desconjuntarem-se em outras espirais mais indefinidas, tal como a vida a esboroar-se pelo tempo até desaparecer, ora a filha que adorava, rejubilando num sorriso contentador o orgulho de lhe caber essa obra tão perfeita que movia em lutas de ciúme a rapaziada lá da terra!»

—Mas ai! Um dia, a praga a que tudo está sujeito, brutalmente caiu naquela casa desfazendo seu idílio sacrossanto.

E o tom alegre e romântico que a revestia em breve desapareceu.

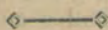
Nunca mais por ali passaram em noites de luar as serenatas, ou em dias de verão revoadas de passarinhos chilreando ao desafio!

Tinha morrido a bela, e pouco depois, no curto espaço dum ano, por falta do carinho que só ela sabia proporcionar na languidez do olhar, na meiguice dos modos, e na sagrada suavidade das palavras, morriam os dois velhinhos!...

E lá está triste, abandonada, onde pelas janelas e portas sempre fechadas e paredes cobertas dum musgo verde-escuro, mostra a quem por ali passa, a solidão profunda que em si reina...

Ovídio Vito de Oliveira

3.º ano de I. P. S.



L. M.

Se o vento açouta o pinheiral frondoso
A assobiar dum modo desusado.
Eu não me sinto fraco nem medroso
Porque invoco o teu nome, tão amado;

Se sobre mim a ira de Jesus
Em trovões faz 'stalar o céu cinzento.
Vou de joelhos oscular a cruz
Na qual vejo o teu rosto, e tomo alento;

Se vejo o mar arremessar as vagas
Que em vão se quebram contra enormes fragas.
Eu tremo, tremo, e fico mudo então.

Julgando ver, do teu cabelo, as ondas.
Um mar profundo, que não teme sondas
E onde naufragou meu coração.

João Pires Antas

3º ano de I. P. S.



A noite no Instituto

A noite estendeu há muito o manto sobre a terra. No céu as e-trêlas scintilando iluminam o espaço tênueamente. A Lua temerosa brilha também, alumando o caminho aos namorados...

O silêncio envolve tudo e todos. Uma cálida aragem evolva-se no ar, ouvindo-se simplesmente o piar do mocho entrecortado de quando em vez pela ramaria oscilando ao sopro da viração.

Contemplo o céu. Vejo as estrêlas tremeluzindo, tremendo inconstantes; vejo o azul puríssimo do firmamento, e vejo mais: o ignoto, o desconhecido.

O meu pensamento atravessa veloz o insondável dos homens, percorre dumra maneira extraordinária a abóbada celeste, idealizando, fazendo hipóteses, defendendo teses, e cai por

fim derrotado, vencido ante a matéria, curvado à evidência pelo Destino, esmagado pelas leis da Natureza, abatido pelos axiomas que os sábios ainda não demonstraram.

E fico-me pensativo mais uma vez, meditando absortamente, sem achar solução plausível para a minha causa primitiva...

E o Universo, continua a sua marcha constante...

A ronda passou já, perto de mim, em direcção à quinta. A noite avança lentamente e cada vez o silêncio é mais profundo e sepulcral.

São horas de descanso. Dirijo-me ao meu quarto. Atravesso apressadamente a camarata onde descansam, desprendidos da vida, os meus camaradas de estudo. Uns, estão acordados ainda; recordam factos idos, coisas que passam, fragmentos de vida que a mocidade sorve a grandes tragos nos momentos de alegria e descanso; outros dormitam simplesmente, enquanto alguns se entregaram já de corpo e alma às garras de Morfeu.

Encontram-se perto de mim, mas os seus pensamentos, ora percorrendo regiões misteriosas, ora fixando-se em sombras idealizadas e discretas, viajam longe, muito longe.

Oh! a vida de estudante, vida de concepções e quimeras.

O tempo que passa lentamente é uma esperança continua do dia de amanhã. Não vive senão de esperanças, o estudante: ora fantásticas e irrealizáveis, ora moderadas e concretas. Em geral, porém, a sua fantasia enredando largos espaços de ventura, diminui à medida que a idade avança, ensina e carcome o corpo humano. Enquanto novo, vive para a esperança depois de velho, é ainda a recordação das suas antigas esperanças fugidias que lhe reanima a alma.

E' isso o que semelhantemente sucede aos meus camaradas que se encontram a dois passos de mim. Estão acordados ainda, iluminados pela luz indecisa da camarata, mas não pensam: sonham. Sonham, sim, e eu adivinho-lhes os sonhos; encontram-se ali só materialmente porque a sua fantasia há muito os transportou espiritualmente a outros sítios. Os seus sonhos são muitos complexos e tanto se fixam nos entes que lhes deram a vida como em deidades que lhes souberam cativar os corações juvenis; tanto se estendem às terras que lhes deram o berço, como se embrenham nas suas desejadas profissões. Os mais pequenos, êsses com certeza sonham simplesmente com as suas brincadeiras quer passadas quer futuras...

E enquanto êstes sonham... acordados, outros, embriagados pelo etéreo, pelo indefinido,

viajam nas celestes alturas do infinito, e os seus sonhos neste caso são os mais fantásticos que imaginar se podem.

E a noite assim vai passando silenciosamente, sendo esta monotonia às vezes profanada, pelo ressonar de algum aluno cujo sono é mais pertinaz.

Pouco a pouco o sono vai-nos prostrando a todos, e após um dia de trabalho escolar, repousamos finalmente algumas horas destinadas ao descanso...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

Profugos do Cativoiro

(Fragmentos)

Meses de luta, e nem um anjo mediano intervia entre os beligerantes cessando as hostilidades. A conflagração recrudesce de violência, e os países neutros agitavam-se temendo a carnificina. Paris dorme nas trevas coberta de luto e dor, onde os horrores da chacina impressionam fortemente os habitantes.

A cada momento deparam-se lares incendiados, pontes destruídas, tudo num aspecto desolador que a civilização teutónica implantou.

A caminho! O veículo aos solavancos galga a distância que nos separa do poente da batalha em poucos minutos.

Surge-nos a rectaguarda das linhas.

Um labirinto alojando milhares de trogloditas modernos com todos os dispositivos especiais de combate: campos de aprendizagem do manejo de armas, etc., tudo ali se nota, atestando o progresso do glorioso século XX.

Chega-se às primeiras linhas! Um humorismo curioso se observa nos soldados franceses a quem a peleja levou indiferentes; fumam tranquilamente alheios aos mil perigos que os cercam numa despreocupação curiosa! Oficiais superiores transmitem ordens, maqueiros passam desempenhando a sua nobre missão, soldados procedem à limpeza cotidiana, todos havendo-se no seu árduo mister numa azáfama grandiosa.

Um toque de clarim soa.

Os homens reúnem-se nas suas unidades mantendo uma cordura impreensível.

A voz vibrante de um capitão faz-se ouvir: «Alguém deseja oferecer-se para um reconhecimento?» Ainda o jovem oficial não findara a pergunta, quando quatro mancebos avan-

çam, e perfilando-se fazem a continência militar. Inteiramente comovido ante aquele acto de abnegação, o oficial abraçou os exclamando: «Muito bem rapazes!» E deu-lhes as informações necessárias para intentarem o plano estudado.

Eram onze horas. Pela amplidão cerúlea estrelas scintilavam. Quatro vultos saltam o talude da trincheira rastejando ao campo inimigo com o máximo sigilo. Ei-los no sitio premeditado observando-o cautelosamente. Decorreram alguns minutos. Um dos vultos num sôpro de voz ordena a retirada.

Os dois espiões afastam-se imperceptivelmente enquanto os outros companheiros ávidos de bisbilhotice prosseguem na sua missão.

Pelo infinito um foguete luminoso denuncia a presença de estranhos. Os dois amigos baixaram-se num movimento furtivo. «Marvel! exclama um companheiro, estamos engaiolados» «Acreditas?» retrocou o outro muito incrédulo. Como para o afirmar uma patrulha de hulanos avançou para o grupo dos retardatários. «E' verdade murmurou Prévost num tom facético, caímos no laço». Esta frase foi proferida de uma maneira tão pinturesca que os dois amigos perante tão trágicos instantes riram perdidamente do chistoso dito. O espírito fanfarrão do soldado gaulês era bem confirmado.

Conduzidos à presença do comandante depois de largamente interrogados o conselho de guerra impôs-lhe a pena de reclusão num campo de prisioneiros.

Após uns dias de marcha forçada avistaram finalmente o cativoiro onde milhares de infelizes aguardavam ansiosos a hora de libertação. Ali encontrariam talvez lenitivo nos seus irmãos de armas e o tormento nos seus adversários.

Bem cedo começou o martirio nos trabalhos árduos a que eram obrigados. Para eles um prisioneiro de guerra, era o joguete dos seus perversos planos, o escravo dos seus desejos!

Um dia sentados na barraca os dois reclusos confessaram mutuamente os seus projectos de futuro. «Tens algum plano de fuga?» inquiriu Marvel. O interlocutor sorriu e respondeu-lhe: «Eu? convenci-me que é impossível tal.» Marvel encolheu os ombros num gesto significativo e disse-lhe: «Nada é impossível no mundo» Julgas isso? tornou Prévost estupefacto? Oh! sim, o problema está solucionado. Prévost olhou Marvel perplexamente e meditou durante alguns momentos. O companheiro estava realizando impossíveis. Sorriu-se interiormente e num tom irónico mur-

murou: «E que tentas então?» «Ouve» E acercando-se do camarada numa voz imperceptível, contou-lhe o que dispunha para a evasão. «Belo! És um sujeito original» comentou Marvel num tom chocarreiro. Prévost retrucou: «Esta noite, hein?» O companheiro gravemente respondeu: Tudo pela nossa terra!

Os foscos raios solares escondiam-se no poente sobrevivendo a noite num manto de tristeza. Tôda aquela população cosmopolita arrancada aos braços carinhosos das famílias agitava-se lembrando os entes longínquos.

—Quantos corações derramavam lágrimas de dôr sentindo a nostalgia da pátria querida!

(Continua)

Carlos Lopes Antunes

2º ano geral de comércio

Avé Maria...

Nesse dia triste e pesaroso, com o azul limpo do Céu oculto por nuvens opacas e tenebrosas, a cuja vista nos fenece a esperança, único sustento da paciência na espera dum facto bem melhor, que pròdigamente nos recompense a vida gasta em tão ruim atrito, êle, o pobre António, o vencido da vida, o rapaz dos olhos garços nas sombras da tristeza, como as raparigas o conheciam, mostrava uma mais profunda melancolia nas feições simpáticas e pálidas, uma mais profunda abstracção, do ver sem reparar as coisas dêste mundo, a que êle votava de há dois anos o maior indiferentismo!

Porquê? Ninguém o sabe; e não queira saber quem tem coração para o sofrimento, o motivo que arrebatou na alma torturada, o espírito da matéria!... deverá ser triste, muito triste!...

Nesse dia pesaroso, como disse, eu presagiava, de sua manhã de côr tão baça funérios desenlaces... e para mais tinha sonhado — oh! o meu sonho! —, que assistia aterrado à cruciante e dolorosa morte de Jesus, vendo-o caminhar a açoites de azorrague, de enorme e pesada cruz ao ombro, sôbre os abrolhos semeados pelo caminho ingreme e sinuoso do Gólgota; tinha ouvido os seus queixumes suaves, em voz martizada pela sêde, por entre o gargalhar infame dos algozes judeus, e o piar soturno dos mochos, vindo dos olivados! E adivinhei; que êsse dia memorável se tornou com o ocorrido drama que ai vai:

Dobravam lânguidamente os sinos às Avé-Marias: A luz crepuscular suave e fugidia, dava uma nota poética às verdejantes campinas que para ocidente se estendiam. Do fron-

doso arvoredo, que estava perto, a brisa agitava mansamente as cerradas ramagens, produzindo um sussurro misterioso e gradual; iam chegando dos campos os crentes lavradores, silenciosamente guiando os bois pachorrentos e hercúleos que conduziam os carros gementes do carrêgo...

Lá ao longe, na vila os sinos tinham acabado de tanger a última oração em holocausto ao Criador, quando o dobre de finados, nêles, avisava o desprendimento duma alma voando às regiões do ignoto...

Os que regressavam dos trabalhos, fora da povoação, condoidos do infeliz já abatido pelo destino cruel ao rol dos vivos, receosos de mêdo, temendo ser algum dos mais chegados, apressavam o andamento, ruminando orações de paz ao que iria, em breve, baixar à terra fria!

Quem era? A si mesmo, assustados perguntavam.

Rapidamente se espalhara correndo de boca em boca o acontecido.

Êle, o rapaz dos olhos garços nas sombras da tristeza, foi encontrado abraçado à concauidade duma campã, inerte e frio, com a perfuração dum tiro, junto à fonte, donde lhe saia um laivozito de sangue, arrastado pela fuga rápida da vida tão sacrificada pelo desgosto, que por ali se lhe ivadira dando entrada à negra morte, em que há tanto cogitava como prognóstico, refrigério à existência torturada e triste!...

Porque morreria? Ninguém o sabe e não o queira saber quem tem coração para o sofrimento...

Que descanse em paz o pobre António!...

Ovidio Vito de Oliveira

3.º ano de I. P. S.

Em Alcobaça

Depois de termos subido e descido alguns montes e transposto a tortuosa estrada que parte da estação, achamo-nos na vetusta Alcobaça, que, com os pinturescos arrabaldes que a circundam, a tornam sem dúvida, um dos recantos mais aprazíveis do nosso Portugal. Está situada, junto à confluência dos rios Alcoa e Baça, donde lhe provém o nome. Os frutos desta região, tornaram-se afamados especialmente os da Vestiaria.

Dedicamos porém, especial referência aos monumentos, passeios, enfim, tudo o que nos desperta a atenção sob o ponto de vista artístico e beleza natural, que passamos a des-

crever: No que diz respeito à arte e à história, resplandece e surge altivo o mosteiro de St.^a Maria de Alcobaça. Foi mandado construir por D. Afonso Henriques; passa-lhe por baixo um veio de água que abastece todo o edifício, sobretudo a cozinha. Esteve este mosteiro, muito tempo doado aos frades cistercienses, isto é, aos religiosos da ordem de Cister.

O que primeiro se destaca à entrada, é a grandiosidade dos pilares que sustentam as abóbadas; logo à direita, a sala dos Reis, na qual estão colocados sobre pequenos pedestais, os bustos de todos os reis da 1.^a dinastia, e alguns da 2.^a, e no meio ainda podemos admirar o célebre caldeirão de cobre dos espanhóis que foi tomado na batalha de Aljubarrota. Depois segue-se a capela-mor, notável pelos paramentos e outros ornatos religiosos que ostenta, e ainda por um órgão monstro, hoje deteriorado.

Afora outras, nota-se a sala onde se encontram os restos mortais, em esplêndidos sarcófagos, dos românticos amorosos D. Pedro e D. Inês de Castro.

As artísticas linhas que os contornam e adornam, revelam bem um melancólico pensamento, cheio de esperanças, revelando ainda mais, a frase que em caracteres góticos se lê no túmulo de D. Inês, e que diz:

ATÉ A FIM DO MUNDO

Nos túmulos, duma perfeição quasi inextinguível, nota-se que o de D. Pedro está mais bem acabado.

A forma é de duas arcos onde dois leões em cada túmulo lhes servem de apoio.

Por cima vêm-se as estátuas jacentes de D. Pedro e de D. Inês.

À volta e em pequeninos túmulos estão os infantes, frutos do amor de D. Inês. Além doutras salas que não descrevemos, o que certamente seria ocioso, diremos em poucas linhas o que é o «Retrato do Céu»: Esta sala não sobressai em arquitectura, a não ser no pórtico que é em estilo manuelino, e além disto pela disposição das figuras sagradas que tem é que tomou o característico nome de «Retrato do Céu». Pela maneira como as imagens estão dispostas, não podíamos deixar de apreciar esta pequenina sala, e afora isto há a notar que todas as imagens tinham, no peito, jóias, valores monetários e reliquias que para nós têm tanto valor bem como os santos que lá estão. Os franceses nas suas invasões levaram as jóias e deceparam muitas imagens.

Mas não pensem que foi somente esta saal

que sofreu com o impeto do vandalismo e da destruição francesa; não, foi todo o mosteiro porque até os próprios túmulos de D. Pedro e D. Inês foram violados e saqueadas as suas jóias e preciosidades.

Saímos deste monumento verdadeiramente encantados, e, como o dia estava lindo fomos dar um passeio para um dos muitos sítios que esta pequena vila possui e resolvemos ir até a mata dos frades, que fica num extremo da vila pois que não podíamos deixar de admirar uma beleza natural. Ali, sentimo-nos levar por um meditar profundo, que a cada momento era interrompido pelas melodias dos rouxinóis, e pelo delicioso perfume, exalado pelos abetos e outras árvores, e o chão era outra maravilha, matizado de toda a espécie de flôres campestres. Os medronheiros com os seus carnudos e vermelhos frutos, faziam tentação, à qual não pudemos resistir. E continuando a seguir, fomos entrar no sítio mais frondoso da mata, pelo qual não há saída.

Finalmente, resolvemos retirar-nos e com verdadeiro assombro, daquela maravilha da natureza. Era ali aonde os frades iam passear e recrear-se.

Possui Alcobaça ainda um posto agrário digno de ser visitado no verão, e uma fonte de águas cloretadas térmicas, que segundo a opinião de muitas pessoas tem dado bons resultados.

Estas simples frases, estão muito longe do que nós desejávamos, pois que com uma visita é que o leitor se elucidará melhor do que temos aqui exposto.

António da Silva Carvalho

Aluno de I. P. S.

ECOS

25 de Maio

Passou no dia 25 do corrente o 11.^o aniversário da fundação do Instituto.

25 de Maio de 1911, data que jamais esqueceremos, pelo muito que devemos à República que tanto tem auxiliado o Instituto na sua luta constante em prol do nosso bem, e que ficará gravada até a morte, nos nossos corações reconhecidos.

E ao seu fundador, General Correia Barreto, actualmente Ministro da Guerra, que pela sua alta inteligência mostrou uma tão revelante prova de carinho pelos pequeninos,

enviamos as nossas humildes e respeitosa saudações.

Foi promovido a major, o capitão de Artilharia, Snr. Freire Temudo, nosso digníssimo professor de Química e lente da escolar Militar. Os nossos parabens.

A comissão organizadora dos festejos no Instituto, em honra dos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, está preparando uma grandiosa récita digna de comemorar o feito arrojado daqueles dois cientistas.

Espera-se que assista S. Ex.^a o Senhor Presidente da República prometendo por isso ser revestida de um extraordinário brilho, tanto mais que a encenação é feita pelo Sr. Cap. Tenente Miguéis, que há tempo se havia afastado do teatro.

De acôrdo com a Direcção de *O Profissional* a comissão fará sair também nesse dia um número especial dedicado aos dois sábios portugueses que estão honrando o nome da nossa terra.

Terminaram no dia 6 do corrente, com grande entusiasmo, as provas escolares de educação física, em que o Instituto se fez representar também como estava naturalmente indicado.

Não podemos descrever minuciosamente as diferentes provas de per si visto não termos assistido a todas elas porque se nos tornou completamente impossível. Aqui deixamos, no entanto, exaradas, as classificações finais por pontos relativamente a todas as escolas que concorreram e que mostram que, embora não ganhássemos, obtemos um lugar que muito tem de honroso para nós.

2.º agrupamento (12 a 16 anos):

1.º Colégio Militar	37 pontos
2.º Intit. Profis. do Exército	16
3.º Liceu Pedro Nunes	16
4.º E. P. Superior de Sintra	5
5.º Liceu Camões	4

3.º agrupamento (16 a 18 anos):

1.º Colégio Militar	56 pontos
2.º Instit. Profis. do Exército	20
3.º Liceu Pedro Nunes	13
4.º Escola de Reforma	10
5.º Liceu Passos Manuel	4

Como se vê, conseguimos o 2.º lugar nos desportos atléticos, vindo-nos a caber, segundo cremos, a taça *Liberdade* de futebol e a taça de luta de tracção.

Em benefício dos famintos russos e caboverdeanos, realizou-se no Coliseu dos Recreios em 26 de Maio último, um grandioso sarau, ao qual prestaram valioso concurso: o ilustre poeta e escritor, Dr. Jaime Cortezão, que pronunciou um belo discurso e no qual salientou o dever que se impunha aos portugueses de promover tão altruista festa, neste momento, — disse — em que o mundo inteiro lhes dedica especial atenção; o não menos inspirado poeta Sr. Augusto Casimiro que recitou, uma poesia da sua autoria, dedicada aos gloriosos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho; as nossas colegas do Instituto Feminino de E. e Trabalho, que ouviram fartos aplausos; o primoroso barítono D. Francisco de Sousa Coutinho; e a banda do Comando Geral da Guarda Republicana, a qual, sob a regência criteriosa do maestro Fão entusiasmou a numerosa assistência.

O Instituto prestou também o seu humilde Concurso, com alguns números de canto coral.

Em virtude da elevação do preço do nosso mensário que nos vimos forçados a fazer por motivo do aumento do papel, rogamos aos nossos amáveis assinantes, o favor de renovarem as suas assinaturas, com o que muito nos obsequiarão.

Arrebatado cruelmente do nosso seio, faleceu no dia 19 do corrente vitimado por uma meningite, o nosso dedicado colega Alberto Isidro Pereira.

O extinto, que frequentava o 2.º ano oficial, era muito querido de todos pelos seus excelentes dotes de carácter, deixando-nos a sua morte profundamente abalados.

O féretro saiu às 16 horas do Hospital Militar da Estrela onde o finado se encontrava em tratamento, dirigindo-se para o cemitério dos Prazeres acompanhado por todos os alunos e officialidade do Instituto. O 3.º pelotão da 2.ª companhia de alunos, armado, prestou as devidas honras militares, fazendo-lhe o nosso colega Mário dos Santos as últimas despedidas junto à campa em que ficou repousando.

A família enlutada enviamos os nossos sentidos pêsames — A Direcção.

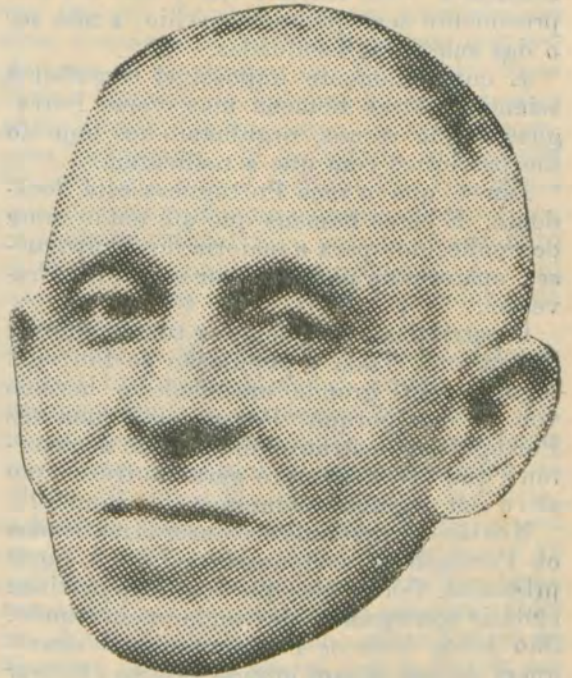
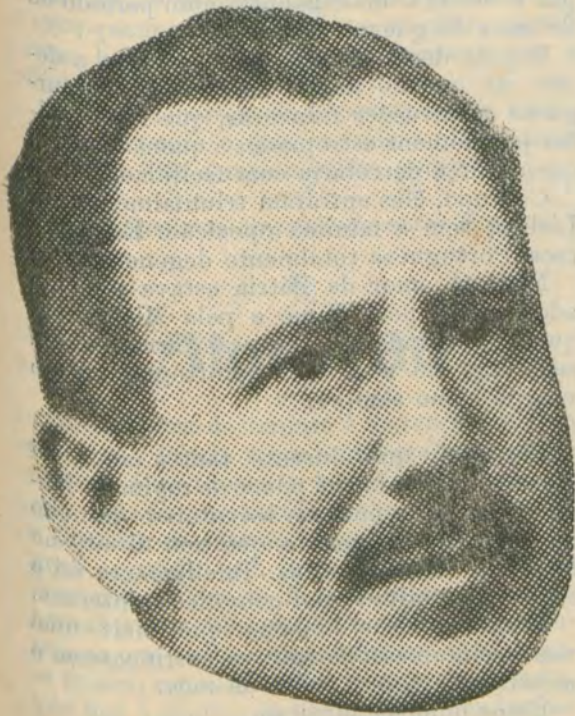
Preço mínimo \$20



N.º 51 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Junho de 1922



Glória aos Heróis

Lisboa, 2 - IV - 1922

Rio de Janeiro, 17 - VI - 1922

O PROFISSIONAL

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

REDACTOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém

e Rodolfo J. Lô

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

ASAS REDENTORAS

As velas de Pedro Álvares Cabral, êsse marinheiro destemido que levado pelas afirmações de Colombo queria descobrir a passagem que pelo Ocidente o levasse à Índia, renasceram nos nossos dias nas asas de um frágil aparêlho, tripulado por dois homens cujo valor tem qualquer coisa fora do vulgar.

Mas o que sobretudo os nobilita, é a forma científica como levam a efeito êsse voo surpreendente sem qualquer auxílio, a não ser o das suas altas faculdades.

E completamente impossível conceber a ciência dêsses homens mas, como Portugueses que somos, orgulhamo-nos hoje do fim patriótico com que a realizaram.

Diz-se que a raça Portuguesa está decadente. E êsses homens que até então eram desconhecidos para a maioria dos Portugueses, appareceram para realizar a heróica Travessia.

O patriotismo acendeu-se e tomou enorme incremento. Tôda a população de Portugal seguiu com grande ansiedade o heróico voo. E isto porquê? Porque mais uma vez Portugal demonstrou ao mundo que não morreu e que viverá sempre gerando frutos que são o seu orgulho e admiração do mundo!

Nos descobrimentos e aventuras marítimas os Portugueses ocuparam sempre o lugar primacial. Foram êles que com uma pertinaz audácia conseguiram desvendar meio mundo. São ainda hoje os Portugueses que conseguem depois de um grande esforço efectuar uma empresa destas. Que diferença entre esta e as antigas! Tanta ciência e cálculo na actual como audácia e aventura nas de outrora.

A época que passamos realça mais o feito. Num dêstes períodos de degeneração, de interesses e de vícios, êle é um sinal de resurgimento.

Na nossa História encontra-se disso, porque como todos os grandes países, Portugal

sofreu as suas vicissitudes. Também como nenhum, soube lutar e vencer. Sempre appareceram homens que com desinteresse o souberam defender e levantar.

Portugal a quem mais de meio mundo prestou vassalagem, deixou-se enfraquecer e anulou-se no tempo dos Felipes. Mas, quando se viu em risco de se submergir para sempre, surgiu um punhado de homens que em poucos minutos redimiu as misérias de 60 anos de escravidão. E Portugal voltou a ser grande. O gesto dêsses homens repercutiu-se em tôda a nação, o que deu lugar à derrota dos espanhóis num período de 28 anos de guerra.

Depois dêste esforço a raça tornou a decair até que no tempo de D. João VI surgiram as invasões francesas, que foram feitas por homens estropiados a quem uma pequena força derrotaria com facilidade.

Contudo, êles entraram triunfalmente em Lisboa, sem a mínima opposição. Estaria a raça Portuguesa totalmente degenerada?

Não! O amor da Pátria estava somente adormecido pela Fome e pela Miséria. E quando os franceses quiseram armar-se em senhores, êle acordou, e Portugal lutou e venceu como sempre.

Portugal, que durante tantos anos foi monarquia, mudou há pouco de régimen. Mudou, para que pudesse levantar-se de novo e conquistar o lugar a que tem direito no meio das nações cultas. Infelizmente foi e está sendo agitado por convulsões internas.

Eram precisos homens que mais uma vez desinteressadamente se sacrificassem e mostrassem bem o valor da raça.

Êsses homens surgiram.

Esboçaram os seus primeiros gestos nas terras de Flandres e da África combatendo com denodo.

A guerra acabou e Portugal preparava-se para entrar em vida nova. Assim o demonstrou o acendrado patriotismo e a comunhão de ideias manifestadas na ocasião da consagração do Soldado Desconhecido Português.

Mas, infelizmente novas perturbações in-

ternas vieram ameaçar o futuro ridente de Portugal.

Novamente Portugal precisava para o seu ressurgimento de homens que se sacrificassem.

E eles apareceram!

São os homens que glorificamos hoje.

São eles que nos mostraram as pérolas existentes no nosso belo Portugal.

São eles para quem vai o assombro das nações estrangeiras e o entusiasmo da nação nossa irmã.

São eles que movidos pelo amor da Pátria trataram de unir corações e lançar a primeira pedra no grande edificio da harmonia social.

E assim, nós querendo manifestar o nosso reconhecimento e amor áqueles que nos fizeram recordar muitos séculos de história, promovemos a pequena festa que hoje se realiza.

É muito incompleta, sem dúvida, porque tratando-se de homenagear dois grandes vultos a quem a Pátria vota um reconhecimento sem limites, necessário se tornava que a festa fôsse em tudo digna deles.

Estamos certos de ter cumprido o nosso dever fazendo o que em nossa mão estava para lhe dar o maior brilho possível.

A Comissão Organizadora dos Festejos



Alocução

Nesta hora de triunfo e de ressurgimento em que a Pátria vibra numa emoção que já talvez há séculos não sentia, nesta hora em que dois sábios heróis acabam de recordar a façanha de Cabral, descobrindo o Brazil uma segunda vez, é verdade que tôdas as homenagens que se lhes tributem, tôdas as honras que se lhes confiram, tôdas as recompensas que se lhes proporcionem, serão muito pouco; e muito menos esta modesta festa, que fica a perder de vista, em esplendor, ao lado das imponentes e grandiosas homenagens que por aí se lhes prestam; nem nós poderíamos fazer mais. Mas não vale menos por isso; embora singela, ela é a expressão do nosso sentir, é a manifestação viva e comovente do nosso patriotismo e da nossa fé, é verdadeiramente o nosso reconhecimento manifestado aos heróis. Esta festa é nossa, por nós foi com muito amor preparada e posta em execução. O glorioso retrato

que ali vêdes e que acaba de ser descerrado há de perpetuar no Instituto a memória de dois Portugueses que pertencem à história e cujo feito é admirado em todo o mundo como a primeiro dos de tal espécie até hoje realizados. Gago Coutinho e Sacadura Cabral hão de perdurar através dos séculos, estou disso certo; o seu feito passou já à categoria daqueles que os cataclismos não fazem esquecer. Sacadura, o homem de alma antiga e pulsos de bronze; Coutinho, o Pedro Nunes do século XX, eles completam-se na imensa glória. São ambos, sem distinção, dignos de passarem à imortalidade. Eles, dentro do seu aparelho, formam por assim dizer: a Esperança dum povo! a Glória duma Pátria!

Está enfim acabada a travessia do Atlântico. Está enfim mostrado ao mundo como se pode navegar no espaço, com rara precisão. Oh! Se isto não nos parece ainda uma quimera, uma ilusão!... Mas é a realidade, é a Glória. Salvé, heróicos Nautas! Ficai certos de que durante o vosso gloriosíssimo voo, nossos corações vos seguiram com esperança e fé, águias de Portugal! Ficai certos também de que nas horas de perigo e de horror que passastes, os nossos corações palpitarão de ansiedade e angústia imensa pelo vosso destino! Por isso agora quando vos vemos no cume da apoteose nos regosijamos tanto! Sim, porque o vasto feito é o sinal do nosso ressurgimento, é o sol nascente duma nova era de esplendor e de prosperidade.

Sempre a Marinha Portuguesa! Sempre aquela brilhante Armada! Aquela que já rasgou os mares em áureos tempos, e que numa época de devassidão, de interesses e de lutas mesquinhas, sempre sedenta de glória, dá o sinal de ressurgimento da Pátria, e fazendo esquecer politiquices e interesses rasga os ares, num voo surpreendente! O águia triunfal! Tu devias certamente, levar nas tuas brancas asas aquela máxima sublime das rodas do leme dos nossos Navios de Guerra: *A Pátria honrai, que a Pátria vos contempla!*

Ilustre chefe da Nação que vos dignastes vir assistir à nossa festa! Permiti que humildemente me dirija a vós em especial, que estais actualmente à frente da nossa Nação. Eu vos saúdo, Senhor! Deverá ter sido motivo de alegria para vós o terdes assistido, do alto da cadeira do Poder, a esta empresa. E das mais altas da nossa História, e provam-no os numerosos telegramas que tendes recebido dos Chefes de

Estado estrangeiros, que souberam, pondo de parte invejas, apreciar devidamente essa grande Epopeia. E Sacadura Cabral e Gago Coutinho mereceram-no e merecem muito mais. O matemático sábio e preciso e o piloto arrojado e sereno, são dois heróis. Chegaram ao Brazil em três aparelhos; que importa? Não demonstrastes vós, em belo e eloquente telegrama que dirigistes aos aeronautas, que isso nada valia? Que vale, na verdade, que um paladino mude de corcel durante uma batalha, como vós muito bem comparastes? Nada. Aumentou talvez a glória, porque aumentaram os trabalhos e os perigos. Ilustre Presidente, vou terminar, e, em nome dos meus camaradas, tenho a honra de vos saudar, envolvendo na mesma saudação os ilustres membros do Ministério que nos honraram com a sua visita, e agradecendo-a penhorados.

E agora vós, meus camaradas, que quiseis mostrar o nosso patriotismo desta maneira nobre e bela, que quiseis participar um pouco da santa alegria que lavra por Portugal, ajudai-me, para terminar, nestes brados:

Vivam os aviadores!

Viva o Ilustre Presidente da República!

Viva Portugal!

António Marcelino
1.º ano geral de comércio

CRENÇA DA EPOPEIA

Quatro séculos de epopeia onde a alma lusitana viveu — encarnação sublime da heroicidade — são na sua essência o fastígio da vitalidade da raça.

Talvez a complexidade de sangues, aliada à comunhão de sentimentos, vinculando na história pátria, páginas refulgentes, fôssem o complemento dessas virtudes austeras secularizadas através dos tempos.

No caminhar da Humanidade fraquejou ante a cobardia real, na insensatez dos seus dirigentes despidos de amor pátrio, ela determinou reveses nos grandes cometimentos.

E quando o soberano tímido, cedia às exigências estrangeiras, era ela que se manifestava na plebe contra o monarca protestando daquelas ignomínias que o arrastavam à decadência.

Mostrou-se a propulsora das soberbas façanhas concebidas por um ínclito Infante

na Escola de Sagres. E mais tarde perante os mitos que a fantasia popular criava dos mares tenebrosos, hesitando-se ainda na empresa a tentar, ela chamava-os ao dever, e lá seguiam intrépidos a quebrar os encantos de pélagos infundos.

Dominava a fé!

Talísmã místico dos heróis e paladinos, seguia-os nas batalhas, nas peregrinações, como a resguardá-los das arremetidas dos adversários e infiéis.

Através das eras, ela acompanhava a raça nas vicissitudes confirmando a sua eficácia. Patrocinava-os debaixo da sua égide, alentando-os na hediondez da peleja. Portugal engrandeceu-se desse subtil perfume na temeridade e nas tréguas. Vive na robustez da seiva de seus filhos, — trabalhadores, nautas, sábios, — na existência do afecto e do carinho.

Recentemente no épico feito dos gloriosos nautas aéreos — Sacadura e Coutinho — seguiu encarnada na veneranda cruz do Mártir de Gólgota dando-lhe a tenacidade, a esperança na empresa a comer.

E a Providência que a coadjuva tradicionalmente nos lances perigosos.

Na eminência do naufrágio da linda «mensageira» enquanto os aeronautas olhavam o trágico finalizar da travessia, interiormente alentava-os no desfazer desse sonho tentador — amplexo de amizade dos povos comungando no mesmo pensamento.

Essa essência divina, haurida no consumo dos séculos, será a consolidação da independência nacional cimentada com a perseverança da plebe.

Basta que todos compenetrados da sua missão no porvir, cooperem no revigoreamento dessa unidade, síntese de todas as esperanças, lenitivo das nossas mágoas, o expoente do alto valor perpétuo — Pátria.

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral do comércio

Devido à abundância de original, vemo-nos forçados a retirar um artigo do nosso condiscípulo Abílio Quadros, em virtude de se nos tornar materialmente impossível publicá-lo neste número. Procedemos assim atendendo simplesmente às conveniências na boa confecção do nosso mensário, e fê-lo hemos, no número imediato, apresentando ao autor as nossas desculpas. A Direcção

Cap. ten. Serra Guedes

Não podemos deixar de prestar neste lugar as nossas mais calorosas homenagens e sincero agradecimento ao ilustre oficial da marinha de guerra sr. capitão-tenente Raul Máio Serra Guedes, distinto lente da Escola Naval, que tão gentilmente acedeu ao convite que lhe fizemos, para numa conferência com que honra o nosso Instituto, mais uma vez pôr em relêvo o grande mérito dos heróicos aviadores e dos seus rigorosos processos de navegação aérea.

O ilustre professor, que tão brilhantemente rege a cadeira de navegação da Escola Naval, evidenciará a sua especial competência, explicando àqueles que tiverem a honra de assistir à sua conferência, o valor científico e a brilhante audácia de tão alto feito que, enchendo de heroísmo dois Portugueses, enchem igualmente de orgulho a nossa Pátria, pelo verdadeiro assombro que êle tem causado em todo o mundo culto.

Por isso aqui consignamos estas singelas palavras acompanhando o retrato do distinto oficial como prova da nossa gratidão.



Cap. tenente Serra Guedes

Lente da Escola Naval

alegria de que nos achamos possuídos porque o feito que os nossos sábios e arrojadados aviadores acabam de praticar é tão formidavelmente grande que chega a parecer um sonho.

O nosso orgulho está satisfeito. Portugal tem homens nos quais se encarna ainda duma forma bem clara o grande patriotismo característico da nossa raça e a arrojada iniciativa dos nossos antepassados que desvendaram e ensinaram ao mundo os seus próprios segredos.

Os portugueses, almas sonhadoras e apaixonadas, com um acrisolado amor à terra

que os viu nascer, logo desde o berço que manifestaram predilecções pelas grandes empresas e feitos extraordinários, escrevendo as assombrosas páginas da sua História soberbamente iluminadas pela auréola épica das suas façanhas.

Viriato, o rude montanhês dos Hermínios, amante da sua terra, formidável lutador, escreve com o seu cajado a primeira página.

Afonso Henriques, com o seu pesado montante, talha e fortalece o nosso juvenil Portugal, guiando os seus primeiros passos já seguros e desembaraçados, no caminho aberto pelas suas vitórias.

Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestável, o anjo bendito da Pátria, cimenta o patriotismo sobre as sólidas bases que o levam a dominar o mundo.

O Infante de Sagres, atira para o mar cheio de mistérios e de perigos a Alma portuguesa que há muito para êle se sentia atraída. A sua escola de Sagres gera toda essa Pléiade de arrojadados navegadores, que, em busca do desconhecido, se lançam à ventura em frágeis caravelas arrostando mil perigos e arriscando mil vezes a vida, dando mundos novos ao mundo.

*

Os Gamas, os Cabrais, os Albuquerque e os Camões; navegadores, conquistadores, poetas e soldados, todo um povo de heróis que deixa a sua alma romântica e sublime, repartida em pedaços pelo mundo, a cada

TRAVESSIA DO ATLANTICO

Dias há, que parece não mais se apagam da nossa memória, dando-nos a impressão de que os vivemos mais do que uma vez. E na verdade assim é, pois, a luz que projectam, estendendo-se até às regiões do Porvir, não mais se apaga no decorrer incessante e sucessivo das gerações.

O dia que passa é um desses dias. Hoje todos os portugueses nos sentimos orgulhosos e não sabemos mesmo como expandir a

momento atestando tôda a sua prodigiosa e perdurável vitalidade.

E são agora Gago Coutinho e Sacadura Cabral, fazendo reviver no seu feito tôda a formidável grandeza do nosso passado gigantesco; dignos filhos dessa raça gerada nos Herminios, dada à luz em Ourique, fortalecida em Aljubarrota e Valverde, engrandecida pelas descobertas e conquistas, que vai adormecer, viciada em Alcácer Quebir escrevendo com o seu generoso sangue mais uma página de heroísmo, para acordar depois num leonino arranco de bravura.

Nos portugueses não há simplesmente a heróica temeridade que lhes deu o domínio do mundo; há também a poética ingenuidade que faz com que eles não aproveitem dos seus feitos os ensinamentos, que deram fortuna e bem estar a muitas nações.

E é assim que eles ao passo que arriscar constantemente a sua vida, na árdua tarefa de engrandecer a sua Pátria e o mundo, comunicam também aos outros povos os seus profundos conhecimentos geográficos, astronómicos e náuticos que aprenderam nas rudes lutas com o oceano, abrindo os grandes horizontes ao mundo.

E é hoje, também, quando ninguém o esperava, que aos olhos do mundo que assombrado os contempla, surgem rodeados por uma auréola de glória os vultos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, elevando-se na sua nave, em cujas asas a Cruz de Cristo que serviu de emblema aos empreendimentos da Europa ocidental, põe uma nota harmónica, tocando ligeira e serena no azul do céu onde os anjos surridentes lhe profetizam glória eterna. Inabaláveis, formidáveis de tenacidade e energia levando consigo a alma da Pátria que neste momento pulsa em unissono com os seus corações, eles ensinam ao mundo com a sua ciência e arrojava intrepidez os segredos do importante problema da navegação aérea, que preocupava tôdas as capacidades científicas mundiais, e que eles foram os primeiros a desvendar duma forma admirável.

*

Gago Coutinho e Sacadura Cabral no seu aparelho não iam completamente sós, ouvindo apenas o ruído monótono do motor e sentindo o ar frio regelar-lhes os membros. Não, eles não iam sós. Acompanharam-os sempre na sua marcha verdadeiramente triunfal, fendendo os ares, a grande alma nacional que havia acordado assombrada ante o gesto altivo e intrépido dos seus heróicos filhos e cujas pulsações se su-

cediam mais rápidas do que as rotações vertiginosas da hélice.

E foi assim que nós em êxtase de ansiedade exultámos de alegria ao recebermos a nova da chegada do avião às Canárias e depois a Cabo Verde, alegria que já não sabíamos como manifestar quando da sua amargem nos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo onde chegou com uma precisão matemática depois de uma travessia de 900 milhas.

Estava demonstrada a precisão dos seus inventos, produto da sua ciência, do seu trabalho, do seu estudo, e bem assim a indómita coragem da nossa raça. Mas ainda não era tudo, eles queriam mais. E é assim que depois de vários episódios eles chegam ao Brasil, um pedaço da alma do nosso Portugal, que nós fizemos, regámos com o nosso sangue e engrandecemos, como comunicando-lhe todo o fogo da nossa grande alma, depois de terem realizado a mais célebre travessia sôbre os mares, o nosso orgulho o assombro, do mundo.

Mas a travessia não termina ali.

O avião fende ainda os ares. Olhai!... Olhai bém!...

Vai ali a alma da Pátria, vai Portugal inteiro vão nêles os filhos de uma raça de heróis.

E Portugal que vive. E a alma de um povo que procura o corpo de quem esteve afastado e que amorosamente o abraça depois de uma longa ausência.

Arquitectando mil sonhos, entoando mil cânticos ele voa... Voa sempre... e na sua marcha, serenamente toca o céu no seu voo de água rápida e deslumbrante, fugindo para a história que sedutoramente lhe sorri chamando-o ao seu seio.

O avião vai passando!... e, na sua esteira luminosa, Gago Coutinho e Sacadura Cabral abrem mais o sulco de glória em que Portugal orgulhosamente recorda e vive todo o seu passado de heróis abnegação e bravura.

Graciano de Matos Vilarigues

1.º ano médio de comércio

A Direcção de *O Profissional* associa-se aos festejos que o comissão organizadora está preparando em honra dos dois gloriosos aviadores portugueses, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, arautos dum Portugal maior, pondo ao seu dispor os poucos préstimos que possui e fazendo votos para que a festa que têm em vista, seja digna do alto valor e ciência fecunda dos dois homenageados — *A Direcção*.

Ho Despertar...

Um corpo ergue-se além nas brumas do passado,
A vista corre ao longe absorta e pensativa...
Tem a cabeça branca, o rosto macerado,
O scintilante olhar parece chama viva;

De súbito estremece o peito em convulsão,
Alevantou a fronte, e o mar ao vê-lo assim
Alteroso avançou, rugindo qual leão,
Até beijar-lhe os pés num beijo sem ter fim.

Portugal! Portugal! Ao longe brame a serra,
Despertou, outra vez o mundo vai vencer,
Com muito mais amor o sol beijou a terra
Que vinha a despontar, num novo alvorecer.

Ao informar o mundo, o velho lusitano
Que de novo a glória o ia bafejar,
Viu surgir no horizonte, ó desconhecido arcano!
A águia tão veloz imperatriz do ar.

No nosso qu'rido céu, raiava a glória, a luz,
A águia ao levantar o voo rutilante
Que a iria levar à velha Santa Cruz,
Em cada asa mostrou um nome fulgente;

A Pátria ajoelhou de súbito fremente
Um nome, uma legenda, um acto de bravura
Parou o salso argento as águas de repente
Nas asas leu-se enfim... **Coutinho! Sacadura!**

João Pires Antas

3.º ano de I. P. S.

H Caminho da Epopeia

Começa a alvorecer. Manhã brumosa e fria,
Tecida de mil sonhos em seio primaveril,
E o sol surgindo além, quebra a monotonia
Dô dia que desperta ao despontar de Abril.

Dormita ainda o nauta. Ondulam brandamente
As águas Neptuninas à fraca viração,
E em cada pensamento palpita veemente
O Ideal sagrado da Ressurreição.

Pouco a pouco o silêncio quebra-se na alvura
Da matutina lide. Horas de ansiedade!
Vão dois homens ousados tentar numa aventura
Unir pátrias—irmãs num elo de amizade.

Lá vêm a sorrir. Olhai que confiança,
Vive naquelas almas c'o perigo a vencer,
E que em Sacadura existe a segurança,
Conhece-se em Coutinho a expressão do saber.

Vão partir finalmente. Fria despedida
Duns corações serenos. E a ave mensageira,
Balança irrequieta na água adormecida,
Sentindo-se apartar da Pátria derradeira.

A Cruz do Nazareno, o talisman devoto,
Realça no seu dorso. E a Crença como dantes!
Com-êles vai também demandando o ignoto
Qual símbolo de fé, dos velhos navegantes!

Partem! Num magestoso voo surpreendente
Ascendem à amplidão. Num comovente adeus!
E passados momentos esconde-se no poente,
À mercê do acaso entre mares e céus.

E lá partem sòzinhos alheios a procélas
Buscando novas glórias nesse mar profundo
Como outrora Cabral em frágeis caravelas
Lá chegara por fim desvendando-a ao mundo!

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral de comércio



Preito aos Heróis

Nesta hora grandiosa e comovente
Em que Aeronave triunfal
Acaba de chegar à capital
Do Brazil, que a aguardava impaciente,

Nesta hora, em que o nosso ardente olhar
Resplandece de orgulho e de alegria
P'lo êxito da bela Travessia
Que tanta Glória a Portugal vem dar,

Eu venho aqui, singela e humildemente,
Mas de Fé cheio e de Patriotismo,
Pestar meu Preito, comovidamente
Aos dois filhos dilectos do Heroísmo.

Coutinho e Sacadura, são chamados;
Grão serviço prestaram às Nações.
Que fiquem êstes nomes bem gravados
Para sempre nos vossos Corações

Bem o merecem êstes dois Heróis
Que mostraram, com risco da Existência
Buscando outros climas e outros Sóis,
O que pode o Valor junto à Sciência.

E, ao findar esta minha saúdação,
Que me acompanhem todos em geral,
Neste brado que sai do Coração:
Glória aos Nautas! Viva Portugal!

António Marcelino

1.º ano geral de comércio



Por um Portugal maior

Neste momento da vida que passa, todos os
corações de bons portugueses, vibram, unâni-
mente de alegria, ao acompanhar o rasgo
heróico e audaz, que dois filhos de Portugal,
empreenderam nas mais difíceis circunstân-
cias.

Trata-se do *raid*, Lisboa-Rio de Janeiro, le-
vado a efeito pelos dois ilustres aviadores almi-
rante Gago Coutinho, e, comandante Saca-
dura Cabral.

A sua arrojada iniciatiava por todo o país
foi bem acolhida, e têm-se-lhe tecido os maiores
elogios.

Cala pois, profundamente no ânimo do povo, que apenas anseia pelo momento do seu regresso para os saúdar efusivamente.

A partida súbita de Lisboa, dos intrépidos aeronautas, em demanda de terras brasileiras, é um facto que todo o mundo certamente não deixa de registar nos annis da sua aviação.

Para nós êsse feito simbolisa mais. Êle vem estreitar cada vez mais os laços de fraterno amizade, que unem as duas repúblicas irmãs.

Ao mesmo tempo, parece vir rejuvenescer-nos, porque decorrido um sonho tão heróico, vem como que transportar-nos a uns séculos atrás, ou seja à época das descobertas e conquistas.

Pois, como nessa época partiu Pedro Álvares Cabral numas frágeis caravelas, balançando-se ao sabor das ondas, animado apenas por uma ardente fé patriótica, em busca do continente americano, assim levantou voo, essa tão gloriosa e magestosa nave branca, mais tarde chamada *Lusitânia*.

Partiram assim num voo de águia para a realização dum bendito sonho de glória, êsses heróis que constituem a guarda avançada dum Portugal maior.

Foi porém, Portugal, a primeira entre as nações que da fase épica das conquistas marítimas ensinou aos povos a viajarem por « mares nunca dantes navegados ».

E, que surge agora novamente, grande como outrora, a ocupar o seu lugar de destaque na era das audaciosas e conscientes conquistas dos ares, a quem cabe os louros da travessia aérea do Atlântico.

E' a D. Henrique que se deve o implusado às descobertas que encheram Portugal de glória.

Neste momento porém, é a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral, êsses heróicos aviadores que simbolizam uma Pátria altiva, a quem se deve a conquista dos ares, pela sua inegualável coragem.

Êles tem seguido o caminho delineado pelos seus irmãos antepassados que nessas frágeis caravelas foram os primeiros que aos povos ensinaram a sulcar as águas do oceano.

Impuseram-se desta forma, perante todo o mundo, alcançando uma glória jamais imorredoura, porque a sua tentativa levada a efeito é a primeira no género.

Read, em 1919, quando partiu no N. C. 4 da Terra Nova para Lisboa, via Açores, não teria malogrado a sua aventura se não fôsem as imensas precauções adoptadas nos mares pelos americanos, tendentes a orientar os aviadores e a socorrê-los em caso de sinistro, não obstante o percurso ser menor.

Brown quando partiu da Terra Nova para a Irlanda após a conclusão do *raid*, ignorava ainda a parte do globo em que encontrava. E, portanto, certamente que será inegalável, e não se lhe poderá atribuir o valor que se dá aos aviadores portugueses.

Já o mesmo não aconteceu com essa nave branca que caminhou impávida e serena na sua rota, volvendo as suas asas abertas para o céu como se fôsse um semi-Deus.

A contemplá los ficaram alguns milhões de pessoas participando da sua tão grande empreza. Glória aos dois heróis do ar.

António Baptista da Costa

1.º ano médio do comércio



Glória aos Heróis

Enfim! Está concluído o mais glorioso e brilhante feito do Século XX.

Sacadura Cabral e Gago Coutinho, depois duma luta cujas fases emocionaram todo o mundo culto, chegaram ao Rio de Janeiro, *terminus* da sua viagem.

Portugal, de norte ao sul do país, desde a capital à mais remota aldeia, vibra de entusiasmo, um entusiasmo comovedor, como se fôsse percorrido por uma corrente eléctrica de intensa voltagem. Ouvem-se morteiros, estalegam foguetes... Tudo é a mesma manifestação.

Os dois povos de além e aquém Atlântico, que já outrora constituíram uma mesma metrópole, saúdam assim aqueles dois Portugueses que, em prol do bem da Humanidade, arriscaram a sua vida realizando um feito sem um navio a comboiá-los, sem ao menos um ponto de apoio que não fôsse a cabeça de Coutinho e as mãos de Cabral, para em caso de desastre poderem comunicar com todos aqueles que lhes seguiam avidamente os movimentos.

Por duas vezes sossobraram. Mas à terceira tentativa chegaram à Terra de Vera Cruz, como no princípio do Século XVI os Portugueses, também sob a direcção dum Cabral tinham chegado.

E realizando-se hoje no nosso querido Instituto uma singela festa com o mesmo fim com que outras imponentíssimas se estão realizando lá fora, eu termino agradecendo a S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, a honra que nos concede, dignando-se assistir, e bem assim a todos os que a ela comparecerem.

José Coelho da Fonseca

2.º ano geral do comércio

Preço mínimo \$20



REDACTOR PRINCIPAL

Mário dos Santos

DIRECTOR

Abílio Quadros

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, M. D. Sacavém

e Rodolfo J. Ló

SECRETARIO

Domingos L. Agostinho

ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

N.º 52 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Julho de 1922

OS NOSSOS FARDAMENTOS



O ANTIGO



O ACTUAL



O FUTURO

A Festa de hoje

Pela primeira vez — e já onze anos são passados — o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, vai realizar uma festa fora do Instituto.

Quem não conheça de perto o que foi e o que é o nosso Instituto, achará talvez ridícula a propaganda que dela se fez. Porém, aqueles que tenham seguido dia a dia o desenvolvimento sempre crescente da nossa escola, que começou por uma pequena casa de protecção aos filhos dos militares, esses, poderão avaliar do esforço que representa para todos — professores e alunos — a conquista de há um ano em que um decreto o conseguiu enfileirar no pequeno grupo de escolas médias do país.

Nem que mais se não fizesse de futuro, bastavam êstes onze anos de vida laboriosa, para demonstrar quanto vale uma educação metódica, acompanhada de um desejo ardente de trabalhar.

Mas não, não sucederá assim! E o Instituto que hoje realiza uma festa no Teatro Nacional, conquista mais alguma cousa de útil, porque os estabelecimentos militares seus congêneres já as estabeleceram como norma a seguir em todos os anos e mal parecia que êle, o não fizesse também.

Mas finalmente...

Inútil será afirmar que todos os corações que vivem nesta casa pulsam e vibram numa alegria estonteante e que dá vida!

E que vamos triunfar, pois adivinhamos já o êxito da nossa tentativa! E tal certeza nos absorve neste momento, tão convictos estamos dum successo que de antemão nos expandimos alegremente, para vos patentear a nossa imensa satisfação!

E demais, não é ela, própria daqueles que apenas vêem no dia que passa, como que uma ridente esperança a iluminar-lhes o caminho da vida?

Não pertence ela ao numeroso grupo de adolescentes para quem tudo é poesia e encanto e meiguice e amor?

Pois se o é, nada justificaria se a não tivéssemos e jamais neste dia glorioso para nós e duplamente belo, pois encerra uma glorificação à nossa Escola!

Atentai bem — vós que não sois dos Pupilos do Exército — e vêde que prazer, quando num lar entristecido pela ausência de alguém que era os seus encantos, êsse alguém reaparecia jovial e folgazão! Reparai que loucura não sentiriam aqueles que, — como eu — não

escutam já o santo carinho duma mãe, e que de chofre, como que misteriosamente, lhes ouviam as suas meigas palavras, aquelas mesmas palavras que lhes tinham embalado a infância! Se assim pensardes, repito, tereis perfeitamente definido o entusiasmo dos alunos do Instituto; apenas há divergência, em que, êsse alguém que reaparecia no lar entristecido está agora simbolizado numa festa que vem pela primeira vez; a voz das nossas mães... essa oculta-se distante!

Afastamos, é claro, — e para bem longe — a triste ideia de que julguem as nossas frases envolvidas de um orgulho falso. Não estão, não! Existe em nós um coração agradecido que sabe reconhecer o que se tem feito em seu favor.

E' justo dizer-se, que se a festa é dos alunos, tôdas as pessoas que trabalham pela nossa Instituição, nomeadamente professores e oficiais a podem considerar e muito legitimamente, sua também.

E' pois, uma confraternização!

O Instituto Feminino de Educação e Trabalho e o Colégio Militar já o fizeram primeiramente, — dirão: mas qualquer dêstes estabelecimentos de ensino, data de há muitos mais anos e ainda que assim não fôsse, não havia agora motivo para tisteza, pois se o não realizámos ainda, estamos talvez a poucas horas de o fazer, e lá diz o ditado *mais vale tarde que nunca*.

Se é melhor, se é peor, isso também não importará muito; é somente necessário que seja boa como a dêles e que em tudo se veja correcção; ora disso, temos nós a consoladora e antecipada certeza!

Não se exhibirão na verdade, artistas consumados a competir com as nossas capacidades teatrais, nem músicos admiráveis ou esgrimistas famosos a querer suplantar os já existentes; mas ver-se hão amadores conscienciosos e correctos em qualquer dos ramos: teatro, arte ou desporto. Mesmo, que os alunos do Instituto aprendem apenas a ser guarda-livros inteligentes, engenheiros conscientes ou hábeis profissionais; em tudo o mais, são curiosos e por isso mesmo estão sujeitos aos defeitos da sua não aprendizagem. No *Profissional* desejávamos trabalhos excelentes que pudessem concorrer com as obras dos escritores de reconhecido mérito; no teatro, muito gostaríamos de obter um desempenho excelente; na música, em tudo, queríamos ser primorosos. Mas não pôde ser, apesar da muito boa vontade de todos e contentar-nos hemos com o que resultar desde que seja admissível a sua aceitação.

E' portanto, necessário — torno a dizer

— que tudo decorra com um máximo de correção e que o Instituto venha desia festa, se não com mais renome, pelo menos com o que se lhe deu até hoje com uma considerável soma de trabalho.

Mário dos Santos

1.º ano médio de comércio

RESSURGIMENTO

A Gago Goutinho e Sacadura Cabral

«Pátria! Imagem sacrossanta do nosso trabalho, redentora sublime do nosso povo, concepção ideal das nossas aspirações, fruto heróico da nossa bravura, visão encantadora das nossas empresas, sonho doirado da nossa vida: ergue-te, surge esplendorosa, e bela, e aureolada, recorda da História as páginas de audácia escritas com o sangue dos nossos avós, e caminha, e progride, e mostra ao mundo que és livre, independente.

Julgam-te abatido, prostrado, decadente, leão das outras eras; mas é falso, é impossível. Tu, Pátria querida, heróica e lutadora, vives ainda, jamais sucumbirás, enquanto um português, um só, puder erguer a espada da Razão e empunhar um facho luminoso que nos guie na estrada do Progresso, da Bondade e da Justiça.

Pátria! Tu que embarcaste em frágeis naus, e sulcaste os mares incógnitos, e domaste as ondas alterosas, e destruístes a lenda, e descobriste o mundo, tu, que em busca de glória mostraste aos povos as paragens desconhecidas do oriente, fazendo no Oceano uma estrada segura, abrindo à Humanidade num rasgo de audácia e de heroísmo o caminho marítimo da Índia; sê hoje mais uma vez o guia intemerato das outras gentes e prova assim que a nossa terra é santa, bafejada pelo amor divino, imorredoura, eterna...

Recorda mais uma vez os teus maiores de outras eras, e, aspirando o aroma delicioso que exalam as suas façanhas aguerriadas, titânicas, sobrenaturais, prova que és digna daqueles que por ti se sacrificaram, mostra que a virilidade da nossa raça ainda não se extinguiu e jamais se extinguirá.

Parece-me já ver ao longe erguerem-se assustados os fantasmas esquelidos dos teus heróis... Agitam-se em frenesi, loucamente, pedindo compaixão, misericórdia, para o seu valor que julgam obscurecer-se...

Pátria! Ergue-te do marasmo em que parecees dormir descuidosamente, que eles tornarão ao seu repouso a descansar, confiados na nova aurora que te iluminará a fronte. Precisas dar-lhes sossêgo eterno, enaltecer a sua memória, levantá-la ao apogeu em todo o mundo, em todos os corações, do norte ao sul, nas cidades enormes, nas vilas, nas aldeias, nos lugarejos ínfimos, em toda a parte, enfim, para que Portugal, — este mimo florido de boninas e papoilas, onde os mal-me-querer predizem alegrias, e mágoas, e desânimos, e deixam saudades nas almas enganadas e tristes; este recanto onde o mar, de côr esverdeada, vem beijar as faces adustas da areia lânguidamente, rojando-se ante a grandeza do teu ser: onde o sol enche de luz e vida os campos verdes e os pomares fecundos; onde a lua é de prata e não falta uma noite a alumiar o caminho dos apaixonados, dos poetas, dos desprotegidos da alegria; onde o céu é azul, dum azul puríssimo, dum azul celeste, dum azul divino, sem nuvens que se nos oponham à expansão da vista pela imensidade do espaço — para que Portugal, mais uma vez, levantando a fronte altiva, arrogante, possa ensinar novamente a Humanidade...

Era o vento que trazia ante a sua força, esta prece do infinito, prece que veio bafejar as faces enrugadas do velho Portugal. Alguém a escutou.

.....
E certa manhã em que as águas do Tejo eram mais cristalinas, mais serenas, ergue-se magestosamente, impavidamente, num rasgo de audácia, de beleza, de graça, a esvoaçar-se no ar, sorridente, triunfal, qual sonho de heroicidade a acalantar-nos a esperança quasi chegada ao termo, essa ave côr de neve, rasgando os ares, fendendo as nuvens, sulcando o espaço.

Reapareceu a Fé; surgiu a Esperança. E a ave branca, muito branca, partiu, desapareceu na imensidade do ar, abençoada pela crença na vitória, em busca de horizontes novos, horizontes largos, entre o mar e o céu, unindo duas nações irmãs, estreitando os seus laços de amizade, reavivando os feitos dos antigos nautas do oceano tenebroso. E a ave caiu, e tornou a erguer-se, e caiu novamente, para, num voo decisivo, final, alcançar o seu fim, transpor os obstáculos que as leis da natureza lhe opunham na sua passagem e descer finalmente, embora sem cansaço, sem fadiga, no ponto que havia destinado como objectivo, coroada de bênçãos e de flôres, acariciada pela alegria

sincera que invade todos os corações neste momento de glória e de orgulho para a nossa gente!

Sublime gesto! audácia arrebatadora e destemida só própria da nação de Camões, e de Cabral, e dos Gamas, e dos Albuquerque. Esta epopeia de glória traçada no azul do firmamento por uma ave branca, levando consigo a cruz rubra de Cristo, aquela mesma cruz que animava os navegadores austeros de outros tempos em luta com as vagas alterosas, constitui a vaidade da nossa gente e o assombro da Humanidade inteira!

E a Pátria rejuvenesce, renasce novamente guiada lá do alto pelos dois sábios vencedores do ar, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que no seu voo heróico e científico tiraram à águia a primazia das alturas.

Prestemos homenagem a êsses dois arautos contemporâneos, remidores das nossas culpas e das nossas faltas, que a nossa Pátria, devido a êles, vai mais uma vez tornar ao esplendor de outrora...

Abílio Quadros

1.º ano médio de comércio

SECCÃO LITERÁRIA

O regresso

Era uma tarde bela, o sol já declinava
Numa hecatombe d'oiro, à brisa lentamente;
Enquanto uma velhinha exausta soluçava,
O enorme navio descia lentamente.

Chorava a infeliz o filho que partia,
Que a batina ideal trocara pouco havia
P'la farda e partira: seu pai, morto também
Morrera num ataque à Terra de Ninguém
E por isso chorava a mãe estremecida
Julgando ver do filho o terminar da vida.

Lá foi... Porta bandeira êle era muito audaz,
Por todos estimados, alegre, bom rapaz,
Cantava ao empunhar com ardor a bandeira
Que tremulando altiva, alegre e pranzenteira,
Sem uma hesitação e como o pensamento
Surgia onde o p'rito estava, solta ao vento;

Mas num golpe de mão um dia o regimento,
Envolto na metralha, informe, já sangrento,
De vagar sucumbiu perante as divisões
De inimigos que vinham, centenas, milhões,
Esmagando um punhado de heróis que sem temer,
Stoica e lentamente caíam p'ra morrer.

Ao ver-se perseguido, os olhos a brilhar,
Por mais já dum Prímto o sangue ia brotar
Que ao tingir o terreno amostraria ao mundo,
Que o português é nobre, é leão furibundo,
E não podendo mais, vergou, fugiu-lhe a luz,
Caíndo a beijar uma pequena cruz.

Soergueu-se afinal, num esforço, de repente.
Arrancando da lança a bandeira, fremente,
'Scondeu-a junto ao peito e sem um ai, caiu.
O mocho ia soltando o solitário pio;
Sôbre o campo estendeu o luar arraial
Lembrando as virginais noites de Portugal...

As noites em que ela, a pobre mãe, velhinha,
Chorando amargamente o filho que não vinha,
O filho, o seu amor, seu sangue, a sua vida,
De quem nada sabia, esp'rança fenecida...
E tôdas as manhãs punha com devoção
Um ramo todo branco à Virgem Conceição.

Um dia de manhã, enquanto no azul
Bandos de andorinhas fugiam norte a sul,
A pouco e pouco o sol seus raios dardejava,
E numa torre esguia, um sino repicava
Alegre, cristalino, numa alegria franca
Talvez como o arrolhar de casta pomba branca;

Só ela estava triste, imóvel, a sonhar,
Extranha excitação tentava afugentar
E prosseguindo sempre na costura insana
Deixava-se arrastar, melancolia arcana
A alma lhe envolvia outrora tão risonha,
Mas ouve de repente algazarra medonha!

Cornetas e tambores soltavam seus bramidos.
O batalhão chegava, e todos comovidos
Olhavam os heróis, os sabres tão brilhantes
Com mil scintilações, heróicas, fulgurantes,
Daqueles seus irmãos cuja vida oscilou,
Muita gente também, partiu... e não voltou...

De repente, ela, a mãe, ergue-se da cadeira;
Um pano golpeado ariava, era a bandeira,
Suja de sangue e pó, furada pelas balas;
O mãe não choras tu? Não ris, nem mesmo falas?
É porque quem trazia o velho pavilhão,
Era o teu bravo filho, indómito leão...

À tarde, enquanto o sol descia lentamente
Beijava a pobre mãe o filho loucamente...

João Pires Antas

3.º ano de I. P. S.

Tristesas da aldeia...

Era a hora do Crepúsculo.
Lá em baixo no sopé da montanha, estava
a pequenina aldeia.

No vale corria mansamente o pequenino regato. Dum e outro lado, nas searas, o milho, na última fase da maturação apresentava já uma côr amarelada.

O vento soprava brandamente enquanto que as águas do pequeno regato, no seu caminhar incessante, serpenteando por entre as pedras e os seixos, produziam aquele ruído monótono que nos chegava vagamente aos ouvidos.

A romaria da N.ª S.ª da Graça que naquele ridente domingo de Agôsto se havia realizado

numa freguezia vizinha, fôra bastante concorrida, motivo porque raros aldeãos se viam nas hortas que circundavam a pequenita aldeia.

Caminhamos despreocupados ao longo das campinas, quando de repente distinguimos numa das eiras mais próximas um aldeão ocupado a guardar a fôlha do milho, já sêca, no interior.

— Boa tarde, tio Pedro.

Um oh! de admiração sai do peito do an-

Mas o bom aldeão, falando assim, procurava trair-se a si próprio, pois dizia o que não sentia. De que serviria estarmos a ouvir pronunciar aquelas palavras se sabíamos que não vinham do coração? De mais conhecíamos nós o verdadeiro motivo porque o tio Pedro não tornara a ir a qualquer das romarias que habitualmente freqüentava.

— Para que diz isso? Ser-lhe hemos acaso alguns desconhecidos?

Vantagens do novo fardamento



Actualmente



De futuro

ção quando depara connosco. Abandonando imediatamente o trabalho, dirige-se para nós a abraçar-nos.

— Já há tanto que cá não vinheis, exclama.

E depois de algumas demonstrações de alegria, perguntamos-lhe:

— Que há de novo pela aldeia?

Tudo é já sabido por vós... nada de anormal sucedeu...

E fazíamos tôda a espécie de perguntas, as mais desencontradas e diferentes que se pode imaginar.

— Então porque não foi à Graça?

— Já não sirvo para essas cousas. Estou velho e cançado e não me seduzem os divertimentos da mocidade. Isso é bom para vós que sois novos.

Tio Pedro olhou para uma casa da aldeia, e baixando os olhos responde:

— Tendes razão... para que vos hei de ocultar a verdade?

E em poucas palavras contou o que se passara no ano anterior com a família Gouveia, sua vizinha, e que de resto já conhecíamos, terminando:

— Desde então nunca mais me falaram... mas não faz mal.

Nós subíamos lentamente a ingreme ladeira, dirigindo-nos para nossa casa, numa aldeia vizinha. O nosso passo, como a situação o demandava, era vagaroso. A sombra envolvera já de todo aquela região.

Era aquela a hora em que terminavam as

alegrias e folguedos da N.^a S.^a da Graça. Era, pois, a hora em que a mocidade daquelas aldeias se recordava com saúde das doces horas que passara no arraial, e, quem sabe, dalguma imagem mais querida que sobressaía das outras, qual estrêla de primeira grandeza brilhando com fulgor no firmamento.

E enquanto a vida assim corria descuidada e tranqüila, e nós iam subindo lentamente o outeiro, no fundo do vale, as águas do regato, caminhando, caminhando sem cessar, produziam aquele ruído monótono que pouco a pouco ia desaparecendo.

.....
Eis-nos no cimo da encosta.

Na eira do tio Pedro já se não vê ninguém. A porta está aberta.

— Deve estar lá dentro, pensamos.

E dispúnhamo-nos a prosseguir o passeio interrompido, quando de súbito vemos um grupo de aldeãos correndo para a eira.

— Que será? preguntamos sobressaltados a nós próprios. E apesar da grande distância que nos separa, parece-nos ver, estendido sobre as lages, o corpo do venerando tio Pedro.

Num momento transpomos essa distância e achamo-nos junto d'ele, onde a família e um grande número de aldeãos o rodeiam já. Os seus rostos denotam claramente a comoção de que se acham possuídos.

Um crime acabava de ser praticado: tio Pedro fôra a vítima.

— Êles... pronunciou num gemido, o último.

E expirou.

Triste fim de festa para a pequena aldeia.

.....
No dia seguinte realizou-se o funeral. Era comovente o aspecto daqueles aldeãos que acompanharam o fêretro ao cemitério.

Saúdoso momento foi aquele em que cada um lançou um punhado de terra sobre o caixão, já no fundo da sepultura.

E durante muitos dias foi este o assunto forçado de tôdas as conversações. Todos estavam convencidos de que os assassinos foram os dois bandidos, pai e filho, da família Gouveia, com quem no ano anterior tio Pedro tivera uma rixa, de que saíra vencedor.

— E aquela palavra «Êles!...» pronunciada por tio Pedro no momento de expirar, foi quasi a confirmação da opinião mais geral.

.....
Num dia tempestuoso, já nos fins do Inverno, o vento bramava lá na serra, furioso; as nuvens cerradas, desfaziam-se continuamente em chuva.

Já não era um pequeno regato que no fundo do vale serpenteava por entre as pedras e os seixos, mas sim uma ribeira caudalosa.

Numa das casas da aldeia, duas pessoas vestindo luto rigoroso, estavam sentadas à la-reira. Uma delas tem na mão uma carta tarjada de preto. Qual não seria o estado da sua alma, a angústia da pobre mártir a quem dois bandidos roubaram o marido, e a quem Deus acabava de levar o filho único, tão longe do lar...

Anos depois, já quando a lembrança daqueles factos estava quasi apagada na mente daqueles aldeãos, foram encontrados, numa manhã fria de Dezembro, dois corpos abraçados e estendidos sobre a sepultura do tio Pedro!...

José



A alguém

Eu tinha um anjo a quem idolatrava.
Era um tesouro meu, um meu amor;
Pobre de mim quando p'ra ela olhava...
O' como é vil a alma do traidor...

Minha ventura ao vê-la, era infinita:
Chorava e ria, que triste ilusão;
Aquela cara alegre e tão bonita
Obedecia a um feio coração.

Rasgou protestos dum amor eterno
Calcou os juramentos sem ter dó,
Transformou-me o céu puro num inferno,
As ilusões fugiram... tudo pó...

Alberto S. Freitas
3.^o ano oficial



Profugos do Cativeiro

II

Pelo acampamento estendia-se um silêncio aterrador. As forças de segurança alternadamente rendiam as sentinelas.

Bateram duas horas. Duma barraca duas cabeças ansiosas assomaram à porta prescrutando o campo. Com o máximo sigilo os dois vultos envoltos em cobertores dirigiram-se para o recinto de arame farpado.

Eram os dois amigos. Preparavam-se para dar começo ao plano concebido, quando um ruído súbito lhes chamou a atenção. Marvel olhou para o lado, e a poucos passos uma sentinela deparava-se-lhes encoberta por um poste. «Olha!»! murmurou dum modo intencional ao seu confrade. Depois carregou o sobreceño e sorriu diabòlicamente. O outro

deu-se por entendido e lestamente dirigiu-se para o perigoso obstáculo.

Num movimento furtivo atracou-o pelas costas cravando-lhe um punhal. O desventurado soltou um rugido macabro entregando a alma ao criador.

Passados alguns momentos de incerteza terminavam a difícil operação com feliz êxito. Abraçaram-se comovidamente dando largas à expansão da sua alegria.

Transpostas as defesas, os dois profugos empreenderam a marcha através dos bosques ocultando-se nas sinuosidades do terreno, e após três dias de caminho onde o receio e o temor imperavam, avistaram finalmente a torre da catedral de Stutgard.

Internaram-se nos arredores da cidade e pela noite adiante os leitos noutivagos continuariam na sua fuga até a liberdade, e quem sabe, ao cativoiro!?

Chegavam os fugitivos depois de mil subterfúgios a Colmar, quando se ouviu o ritmar das badaladas na torre da cidade. Tôdas as recordações ali vibraram num misticismo pátrio! Abrigaram-se numa mata e após uma ligeira refeição frugal procuraram conciliar o sono por algumas horas.

No bosque as avezinhas soltavam melodiosos trinados saúdando os novos hóspedes. Tôda a doçura daquela canção sensibilizava-os profundamente fazendo-lhes renascer a esperança.

Refeitos um pouco do cansaço reflectiram sobre o caminho a tomar.

Marvel adoptando uma atitude solene começou: «chegámos ao momento mais perigoso da nossa fuga. Da maneira de obrarmos depende a salvação». Prévost observou: «e se nos capturam?». O interlocutor olhou o confiante e exclamou lacônicamente: «duvido.» O outro mais perspicaz soltou uma gargalhada acrescentando: «desde que estamos em território inimigo tudo é para temer». Marvel não se deixou iludir pela hipótese do companheiro e entusiasticamente continuou: «todavia com esperança». O seu confiante compreendendo o objectivo daquelas palavras encolheu levemente os ombros e juntando a expressão à palavra concluiu: «veremos».

Súbimemente divisaram uma patrulha. E de si para si Prévost comentou: «os meus pressentimentos confirmam-se». Dirigindo-se ao amigo disse-lhe: Marvel dispõe as tuas baterias. O artilheiro era bem intencionado. Aguardavam serenamente a aproximação dos seus captivos dispostos até à temeridade a venderem cara a vida. O cadenciar monótono da patrulha acentuava-se.

Aproximavam-se os hulanos.

Uma descarga retumbou na amplidão intimando-os; acobardados retrocedem e só a voz do sargento os incita ao ataque. O tiroteio succede-se e mercê dum estratagemma de que colhem efeito conseguem desbaratar os perseguidores.

A astúcia mais uma vez triunfara da frôça.

Contornaram os ligeiros declives adjacentes à fronteira e iludindo a vigilância alemã readquirem a liberdade há tanto almejada.

Pátria! exclamaram comovidamente sentindo a tentação de um sonho. Entregaram-se a um colóquio alegre confiados na providência que velava por êles.

Ouvia-se um canhoneio ininterrupto da artilharia anti-aérea alvejando os dominadores do espaço quando os dois profugos chegavam à fortaleza de Belfort.

«Quem vem lá!» gritou uma sentinela sentindo a aproximação de vultos. «Não atires meu velho, chegamos do Hotel de Murister».

Conduzidos à presença do governador relataram-lhe minuciosamente a odisseia. O velho militar pleno de comoção exclamou com ternura: «Bravo meus filhos. A França recompensar-vos há.» Marvel retribuiu comovidamente. «Oh! meu general, nada praticámos de valor.»

Extenuados, descaíram a cabeça lentamente caindo no solo.

O governador melancolicamente proferiu:

«Levem-me êsses valentes rapazes à ambulância.»

.....
Lá fora na explanada ouviam-se as sublimes estrofes de Rouget de Lisle.

*Carlos Lopes Antunes*¹

2.º ano geral de comércio

Uma valiosa oferenda

Cumpre-nos agradecer uma valiosa oferta que o pai do nosso desditoso ex-colega Isidoro José de Brito fez à nossa Biblioteca, acompanhada duma sentida carta em que agradece a modesta homenagem prestada por nós àquele belo rapaz precocemente arrebatado pela morte.

A absoluta falta de espaço inibe-nos de dar a relação dos livros que nos foram ofertados, o que muito nos magoa.

A Direcção

A tua voz

No mar da ilusão eu naufraguei um dia,
E agarrado febril à prancha salvadora,
Julguei ouvir, errando na água muda e fria,
A tua voz: orando em prece redentora.

E desde então, conquanto a luta fôsse embora,
Terrível, pertinaz, e as vagas à porfia
Me tentassem sugar em fúria arrastadora,
Eu saí vitorioso, cheio de alegria.

E a tua voz subtil que me salvou a vida,
Quando eu ia lançar-me em louco sorvedouro
Sem reparar, sem ver, — a crença já perdida —,

Foi quem me cruciou a alma cruelmente...
E quando a procurava, oh! desditoso agouro,
Sumiu-se sem eu ver, fugiu-me de repente...

Abilio Quadros

1.º ano médio de comércio



O mar e as minhas opiniões

Que vem a ser isto a que nós portugueses chamamos *O mar*, os franceses, *La mer*, os ingleses, *The sea*, os espanhóis... os alemães... etc., etc.

O mar, para os químicos, não é mais que uma combinação de hidrogénio e de oxigénio com 2 1/2 por cento de cloreto de sódio; para os filósofos, o mar é um deserto liquido onde predominam mistérios incognoscíveis; para o poeta é o mar um rosto adormecido de que nada altera a admirável pureza, quando nem uma ruga lhe vinca a superfície, e, quando encapelado, um velho cheio de cabe'os brancos, clamando enfurecido contra a mocidade; para os pescadores, o mar é a sua seara; para o marinheiro, o seu meio transportador que o conduz aonde êle quer, e muitas vezes o mar não quer; e, finalmente, os peixes, se falassem, diriam que o mar é o seu meio ambiente.

E, para mim, o que será o mar? Sim, modestia à parte, eu também tenho voto na matéria.

O mar para mim é... um mixto de tudo o que é para o químico, para o filósofo, para o poeta, para o pescador, para o marinheiro, menos para os peixes visto não ser o deles o meu meio ambiente.

Não sei se me fiz compreender: — Eu não sou químico, nem filósofo, nem poeta, nem pescador, nem marinheiro, nem peixe (embora saiba nadar); mas, como na *minha opinião* todas estas definições são lógicas, o mar para mim é um mixto das opiniões de todas estas espécies de homens.

Ainda não sei se perceberam; pois, mais claro do que isto... só água.

E agora... qual será o côr do mar? — A côr do mar é... será verde?, azul?

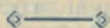
Diz-se que o mar não tem côr própria. — Nesse caso, na *minha opinião*, a côr do mar não é mais que uma vasta reverberação do firmamento.

É verdade... o que será o mar para os naufragos? — Muitas vezes o cemitério!... E bem triste cemitério, na verdade... porque o mar tem momentos em que, sendo sereno, tem mil encantos, mil coloridos!; mas também tem momentos em que, sendo feroz, — tornando-se irado logo que o mais leve sopro da nortada ou o mais pequeno pé de vento o convulsiona, — o mar, tem em vez de mil encantos, mil precipícios... Olhai, o homem de quem fala Livingstone, não receava os leões nem os tigres, mas tinha medo do oceano!... E contudo, eu não posso ver partir uma embarcação, navio de guerra, ou simples chalupa de pesca sem que todo o meu ser se não embarque a seu bordo!...

Têm a palavra os profissionais; quanto a mim, sou apenas um simples amador!...

Alberto S. Freitas

3.º ano oficial



Horas de temor

(Scena escolar)

São horas da lição. O curso impaciente
Entre um receio atroz aguarda o professor;
Na estrada ainda deserta, silenciosamente,
Os carros vão passando em constante fragor.

Virá? pergunta um nervoso e cheio de medo
Sem ter olhado o livro; «oh! é mais que certo»
Responde um companheiro amigo do folgado;
E o pobre do rapaz sentiu-se inquieto.

O tempo vai correndo. «Bem, podem sair»
Disse então o tenente. Caso de admirar
O Mestre não vir hoje. É engano com certeza.

A pouco e pouco saem. Nisto fêz-se ouvir
A voz do professor: «Façam favor de entrar»
Enquanto o curso olhava a singular surpresa!

Carlos Lopes Antunes

2.º ano geral do comércio

Ecos

Deu entrada no Hospital Militar da Estrêla com uma perna fracturada quando descia dum carro eléctrico, o nosso colega Fernando de Almeida Denis.

O *Profissional* em nome de todos os alunos, deseja seu rápido restabelecimento.

A Direcção



ADMINISTRADOR

A. B. da Costa

CORPO DE REDACÇÃO

J. M. Guimarães, João P. Antas

Redactor principal

Domingos L. Agostinho

Secretário

DIRECTOR

Mário dos Santos

N.º 53 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Outubro de 1922

UM PASSEIO

No Instituto, como em todos os internatos, torna-se conveniente a realização de passeios recreativos, onde os alunos possam expandir por momentos a sua alegria, o seu pensamento, desprendidos absolutamente dos cuidados provenientes dos trabalhos escolares. Nesses passeios, divagando sobre tudo, sem terem um assunto a que aplicar a sua atenção, os alunos poderão dar largas à expansão jovial que em tempos normais de trabalho nem sempre conseguem.

O Instituto, devido às condições especiais em que se encontra, e principalmente ao horário que é preciso cumprir à risca sem prejuízo de qualquer cadeira seja qual for, não tem podido deixar realizar esses passeios em larga escala, conquanto alguma coisa se tenha feito já, no pequeno espaço de tempo que decorreu após a sua fundação.

E assim, nós, acompanhados por professores que nos explicam tudo o que se nos oferece à vista, sentimos nascer por vezes dentro de nós o atractivo do belo que nem sempre possuíamos.

Um grupo de alunos a que eu pertencia, visitou nos fins do ano lectivo próximo passado, Sintra e Praia das Maças.

O dia estava esplêndido. O sol inundava

os campos duma luz doirada, dum calor fecundante. No céu não havia nuvens.

Chegados à estação de Sintra, dirigimo-nos ao palácio da vila. E dentro desse enorme edifício, rodeados de grandezas, preciosidades artísticas, reliquias imorredouras da nossa História sem par, recordações sublimes do que foi o esplendor da corte portuguesa, admirá-mos, relembra-mos, no luxo exuberante, nas formas garridas dos objectos, na magnitude das sedas e na abundância das riquezas, o esbanjamento do ouro vindo da Índia, a decadência de Portugal, os últimos anos que deruíram o regime deposto.

Nessas salas enormes, cheias de belezas architectónicas, de rendilhados artísticos, removeram-se até nós scenas históricas que o tempo jamais consegue apagar, algumas bem tristes e vergonhosas.

Percorremos todas as dependências e do principio ao fim, a mesma magnificência, o mesmo esplendor...

Saimos deste palácio e encaminhámo-nos para a Pena.

Subimos as alcantiladas encostas rodeadas de verdura, e lentamente, espalhando a vista pelos imensos panoramas que se nos ofereciam, chegámos finalmente ao ponto desejado depois de termos passado pelo castelo dos mouros, de que restam agora unicamente alguns destroços, mas que nos dão uma ideia, embora vaga, do que foram as suas rudes ameias

doutros tempos. E, ao depararem-se essas muralhas derruídas, povoam-nos o cérebro o arrôjo e a valentia de Afonso Henriques, que à custa do seu hercúleo braço conseguiu fundar e alargar esta terra que se chama Portugal.

Eis-nos no palácio da Pena. O mesmo esplendor que encontrámos no palácio da vila: preciosidades históricas, recordações dinásticas, caprichos reais, baixelas ricas, faianças, sedas, luxo, grandezas.

O panorama é vasto. A verdura a nossos pés é dum encanto extremo; balouçam as árvores levemente; chilream pássaros na copa do arvoredor; geme vagamente a água dalguma fonte correndo.

E nós saímos do parque afim de seguirmos para a Praia das Maças.

O carro tanspõe rapidamente a distância que nos separa e chegamos em breve ao nosso destino.

O mar em tôda a sua imponência brame perto de nós, estendendo-se magestosamente sobre a areia fina da praia. O horizonte é largo e a vista abraça a imensidade do oceano em tôda a pujança das suas águas esverdeadas. Lá muito ao longe, um navio fende lentamente as ondas e desaparece da nossa vista todo ufano.

É preiamar; as ondas pequeninas correm atrás de nós mansamente, docemente.

Alguus alunos nunca tinham visto o mar (!) e por isso extasiavam-se ante a grandeza do seu ser...

Há barracas na praia. Guardadas do ardor do sol, declinando um pouco já, acolhem-se sob os toldos grupos de forasteiras gentis chalanceando trivialidades na sua lingua: são espanholas.

Escutando o quebrar monótono das ondas sobre pequenos rochedos situados a um canto da praia, saboreamos a nossa frugal merenda. E o tempo passa. O sol procura esconder-se no ocaso.

E nós voltamos ao Instituto, cheios de recordações dêsse tão agradável passeio...

Abílio Quadros

2.º ano médio de comércio



No próximo número elucidaremos minuciosamente os nossos leitores acerca da eleição da nova direcção de *O Profissional*, que este ano foi revestida de um interesse desusado.

A Direcção

SIM!...

Era numa dessas noites de verão em que, devido à temperatura quente da estação, os habitantes da aldeia se dedicavam a certos trabalhos que o calor lhes não permitia praticarem durante o dia.

O círculo prateado da lua, então no seu quarto crescente, espalhava sobre a região os seus feixes de luz esbranquiçada, iluminando assim simultaneamente as casas da pequenita aldeia e as campinas que a rodeavam.

Uma leve aragem tornava mais agradável ainda o prazer dos trabalhos nocturnos.

Num dos campos que circundam a aldeia, um grupo de aldeãos procedia à esfolhada do milho. Algumas jovens faziam ouvir a sua voz cristalina, sonora, ao entoarem as canções regionais então mais em voga, quebrando assim o silêncio que envolvia a região, interrompido por vezes pelo conversar dos seroeiros.

Um gracejo de qualquer dos presentes dava origem a grande risada, mais ou menos prolongada pelos comentários engraçados dos outros.

E o serão, animado sempre, lá se foi prolongando até que, terminada a tarefa, regressaram a casa.

Mas se é certo que estes serões são nas aldeias um dos melhores divertimentos da mocidade, onde todos conversam despreocupada e desinteressadamente, onde se faz a propaganda de tôdas as boas e más acções praticadas nas vizinhanças, onde se satisfaz a curiosidade das velhas em geral bisbilho-teiras, também certo é que das conversações, a princípio simples e ingénuas de dois jovens, as suas imagens recíprocas começam a avolumar-se nos seus corações, imagens, que, muitas vezes, jamais poderão esquecer.

Assim sucedera nessa noite.

Tímido e receso, um mancebo, procurava tôdas as ocasiões para falar a uma jovem que, talvez sem dar por isso era o alvo constante dos seus olhares.

Aquele rapaz amava com tôda a força dos 20 anos, e na dúvida de ser correspondido ou não, nem se atrevia, sequer, a perguntar, receoso dessa resposta sêca e cruel: Não!

E era essa luta atroz para dominar a incerteza que o torturava e martirizava.

Mas quando, ao regressar à aldeia, os lábios daquela que era todo o seu encanto, se abriram para pronunciar, enquanto o peito arfava de contentamento, êsse doce monos-

silabo «Sim!», o seu coração trasbordava de alegria, batendo tão fortemente que parecia querer saltar do peito.

E horas depois, repousando das fadigas, do dia, as pálpebras cerravam-se-lhe involuntariamente, sonhando...

José Deodoco

Dois minutos em visita

Leonel Faria é um aluno muito estimado no Instituto. Inteligente, aplicado, sentindo na imaginação verdadeiras fulgurações de artista e aliando a estas boas qualidades os excelentes dotes de carácter que possui, tudo isso faz com que os seus condiscípulos nutram por ele o mais acrisolado carinho e a mais grata admiração.

Sofrendo de um abcesso na espinha dorsal, repousa desde o princípio do ano passado, à espera da cura que já vem breve, no Sanatório de Carcavelos.

Bastaria êle ser aluno do Instituto, se além disso, não fôsse um grande amigo nosso, para que nós, antes de nos despedirmos de Lisboa, ao iniciarem-se as férias grandes, o fôssemos visitar a agradável retiro onde se encontra.

E para lá nos dirigimos.

Sem conhecermos o local, guiados apenas por uns pequenos informes que nos deram, lá chegámos finalmente, secundados por uma senhora que muito agradavelmente nos ensinou a entrada no belo Hospital.

O edificio é vasto; em frente da fachada rodeia-o um pequenino jardim. Dum lado cerca-o um muro, e dos outros um pinhalzito, o mar, e a costa arenosa, que as ondas beijam docemente.

Entramos.

O nosso condiscípulo encontra-se no pinhal tomando os seus banhos de sol. É o mais velho de todos os doentes: os outros são ainda muito petizes. Deitados uns em macas, andando a pé outros, gosando as delícias da brisa marítima, olham-nos admirados, quando passamos por entre os pinheiros sob os quais descançam quasi em silêncio.

Surge-nos na frente o amigo Faria. Deitado de ventre para baixo sobre a maca, lá está êle, a barba crescida, a sorrir-nos admirado da inesperada visita.

Trocamos um apêto de mão, sincero, franco, e começam as perguntas mutuamente.

— O Instituto? pergunta êle, desejando saber o que se passara durante um ano in-

teiro a que não assistira. — Devem estar fartos de gosar, constantemente em festas: 1.º de Dezembro, Carnaval, Coliseu, Nacional e tantas outras... diz êle sintetizando em poucas palavras as festas de um ano lectivo.

E nós respondemos que tudo isso, comparado com o esforço do trabalho escolar, não compensa bem ainda a labuta com os livros. E por fim: — De facto, é um lenitivo e um compasso de espera nas aulas que se seguem constantemente. Mas, não julgues isso uma alegria franca, um prazer verdadeiro. Cada festa que realizamos não é mais do que outro trabalho, embora mais suave, porque acarreta o desempenho de outras missões.

E êle sorri-se e concorda connosco:

— Sim, é verdade; mas quem dera que me fôsse permitido fazer tudo isso, só para fugir a esta monotonia...

E procurando consolá-lo, deixamos-lhe ver a nossa bela impressão daquele sítio aprazível por momentos, mas certamente aborrecido para um ou dois anos de constante permanência...

— Tens aqui o mar a teus pés com suas ondas buliçosas, cheias de encanto, cheias de graça, onde a tua alma de artista poderá inspirar-se e fazer — quem sabe? — verdadeiras obras primas. Vê-se além o Bugio, o forte de S. Julião da Barra, a praia extensa, o céu azul...

Nós sentimo-nos bem ali naquele sítio tão agradável e divagamos também um pouco.

Falamos sobre tudo; tudo vem a propósito nesta ocasião, visto haver muito tempo que êle se afastou do nosso convívio.

Os outros doentinhos ali estão quasi todos sorridentes: uns fazem balões de sabão, outros têm junto à cabeceira os seus brinquedos; Faria tem sobre a maca um livro e um binóculo. As criadas vão-lhes dispensando os cuidados amigáveis, satisfazendo-lhes vontades, colocando-os melhor, ajudando-os a voltarem-se.

Espera-se o Doutor que vem ver os seus enfermos. Não o conhecemos, mas avisaram-nos de que não gosta de visitas extraordinárias. Este dia não é de visita... Procuramos evitar o seu encontro e depois das despedidas, saímos lançando aos doentes mais pequenos olhares de complacência, que êles agradecem sorrindo...

E o nosso condiscípulo Faria lá se ficou, talvez com uma saúde a mais do tempo de férias que não pôde gosar, enquanto nos afastamos do Sanatório...

Abílio Quadros

2.º ano médio de comércio

Prece à Virgem

Da Conceição Senhora, generosa,
Pérola santa! Virgem dolorosa,
Facho de luz que as trevas intimida...
Amo-te tanto! Quando na ermida
Em noites calmas te vou visitar,
A' luz mística e branda do luar,
Eu ajoelho como pobre asceta...
Meu coração Senhora, de poeta,
A's vezes, julga que te vê sorrir
Tão casta e santamente, como o abrir
Dum botão puro, de rosa celeste;
Entretanto, cicia a brisa agreste,
E eu peço-vos então, Senhora minha,
Ó minha santa mãe! Minha madrinha!
Para d'Ela me dares o coração
E' como tu Senhora, Conceição!...

Tão bela! Tão bonita! Tanta graça
Que tem o meu amor quando perpassa
À tarde junto a mim tão levemente!...
Os seus cabelos negros, um presente
Do bom Jesus que muito a ama também;
Que encanto, que beleza que ela tem
Quando saltita a passos miudinhos
Pelos jardins, estradas, por caminhos...
Faz-me lembrar um rouxinol vibrante,
Soltando comovido o seu descante
Por já não ver no campo lindas flores,
Nem os matizes de ervas com labores;
Quando canta, Senhora, que tristeza,
Que harmonia, que paz, e que pureza
Nessas canções que gosta de cantar
Bem junto a mim, em noites de luar;
Ouvide, por piedade, a minha prece,
Humilde como a onda que fenece:

A velha cotovia da tapada
Que alegrava co' a sua chilreada
Os velhos soutos, carvalhais antigos
Que talvez fôsem únicos amigos,
Ontem à noite, dizem, feneceu;
O marulhar do Tejo emudeceu,
A palidez marmórica da lua
É, mais acentuada, e 'tê na rua
Choram mais tristemente os violões,
Porque falta, Senhora, aos corações,
Amor! A sacra pérola celeste
Que desde o pequenino ao grande, deste!...
Quatro letras somente... e que poema,
Que mistério, que enigma ou dilema
Não encerra a palavra misteriosa?!...
Mas tudo nesta via dolorosa
Vai amando, sem nunca adivinhar
O muito que o amor nos faz pensar...

Mas tudo ama Senhora, o rouxinol
Morreu por uma 'strêla ao arrebol;
A cotovia, coitada... pela rosa
Que a luz do sol tornara mais formosa;
Vêde! Vêde que grande a extranha dor,
E, Santo Deus! Por causa duma flor...
Ama também a abelha agaloada
As lindas flores que vê junto da estrada;
O cão, ama o seu dono e companheiro,
Não trocando por êle o mundo inteiro;
Ama o leão a selva; o peixe o mar;
Ama o poeta a noite de luar;

O prado, a moita, os bandos de pardais,
O rio que vai beijando os salgueirais,
O céu azul, o murmurar das plantas
Que o veem inspirar, e vezes tantas
Como o arfar de branca e casta vela;
Tudo ama e amou, até as santas,
E eu, tende piedade, adoro-a a ela...

João Pires Antas
1.º ano geral

O SONHO

(Conto)

Sentados em torno do tio João, os três pequenos escutam atenciosamente os seus contos de fadas.

E' uma noite de inverno: a chuva açoitava as vidraças das janelas, que abanavam constantemente; os estampidos dos trovões sucedem-se uns após outros dum modo assustador; chispam brilhantes os relâmpagos enchendo de luz a modesta cazita ténueamente iluminada pela chama mortíça duma candeia. E os pequenos aconchegam-se amedrontados junto do tio João que lhes narra carinhosamente as falsas historietas muito interessantes com que os encanta.

O vento geme pelas frestas da madeira, assobiando lúgubremente.

Na lareira, um fogo acariciador crepita, estala, enquanto as fagulhas sobem ao céu desprendidas do brasido incendiado.

E o tio João, bom velho amigo das crianças continua os seus contos muito engraçados, única distração dos petizes nas grandes noites de inverno, que de dia passam uma vida quasi selvagem, na serra, de fraguado em fraguado, por entre penhascos abruptos, atrás dos rebanhos.

E enquanto a noite avança, o bom velhote conta a história dum rei muito avarento que viveu em épocas remotas, e que antes de morrer deixou os tesouros enterrados num pinheiral imenso, onde só de noite se poderiam ir buscar, desde que quem lá fôsse não temesse os lobisomens que se pretendiam opor à passagem. Os tesouros ficaram encerrados num grande caldeirão de cobre, mas ninguém sabe ao certo o sitio onde se encontram enterrados. Quem sonhar com o local deve lá ir à meia noite, em sêgrêdo, e ficará feliz. Até hoje já lá têm ido algumas pessoas mais ouvidas mas não conseguiram vencer o susto que lhes infundiram os fantasmas horrendos que encontraram no caminho. E foi tal o terror dêsses monstros que nem ao menos se ficaram lembrando do sitio onde o tesouro está.

E os petizes, cheios dum contentamento pueril causado pela narração singela só pensam na fortuna, que os não afaga. Ah! se fôsem ricos não iam no dia seguinte apascentar os seus rebanhos...

A noite está mais calma: rareiam os relâmpagos; os trovões são mais brandos; o vento quasi emudeceu; só a chuva cai dos beirais das casas, fazendo grande estrépito ao bater nas lages da calçada irregular.

E os pequenos, depois de abençoados pelo tio João, recolhem-se às suas camas, humildes enxérgas rijas, onde repousam a noite, enquanto o bom velho de crucifixo nas mãos implora compaixão do Senhor para que o tempo melhore... e descança em seguida também.

O silêncio em breve envolve a cabana, ouvindo-se de quando em quando o latir dos cães, o gemer do vento e o uivar dos lobos, que andam a monte, esfomeados...

Morfeu entra misteriosamente e prende o espirito do mais novo, lembrando-lhe o último conto que o tio João lhe ensinara junto à lareira.

Na torre da ermida soam compassadas as dôze badaladas da meia noite, que ecoam de vale em vale, de serra em serra. E o pequenito, sem conhecer o caminho, embrenha-se no pinheiral imenso em busca do ponto onde se encontra o caldeirão que tem dentro o tesouro real.

A noite está calma. Só a Lua encoberta pelas nuvens faz falta para alumiar o caminho. A escuridão é profunda. Pousa no chão o candeeiro e acende-o para se guiar naquele labirinto. Uma ave enorme passa junto dêle roçando as asas pelo seu corpo débil e o candeeiro apaga-se. Treme, mas recupera a coragem imediatamente e continua andando com cuidado, às apalpadelas, em busca do sitio misterioso.

Nos pinheiros esguios, ouvem-se silvos agudos, tenebrosos, de aves fantásticas. Na escuridão profunda voltejam vultos indecisos e vagos. Não teme nada; o tio João dissera-lhe que estas coisas só serviam para intimidar quem quisesse ir desencantar o tesouro.

Acende outra vez o candeeiro, e a ave maldita, — é a mesma, que êle conhece-a muito bem —, torna a apagar-lhe a luz que havia de ser o seu guia na conquista da fortuna... Mas não para, não se detém; põe a enxada ao ombro, a enxada com que deve desenterrar o caldeirão, e cautelosamente, muito a custo, vai-se aproximando de mansinho.

Auxilia-o a Providência: a Lua começa

agora a romper as nuvens densas, pouco a pouco, e eis que lhe surge o caminho desejado que procurava. Vê já o ponto onde se esconde a riqueza; numa cova, lá mesmo no fundo, rodeada de montes enormes com árvores gigantescas onde aves malditas soltam pios horripilantes.

Distingue melhor os fantasmas negros, muito negros, de faces cadavéricas, passando por êle, atravessando-se na sua frente, com gargalhadas sinistras e ferozes, ameaçando-o de que não levará o que pretende. Treme, vacila. Invadem-no calafrios, mas sem esquecer que tudo isto se desfaz caso êle tenha coragem — dissera-lhe o tio João —, torna-se forte e sem olhar para trás, aproxima-se mais e mais.

Sente-se agarrado e quasi desmaia de susto: é a enxada que se prende num galho saliente dum pinheiro. E atravessando por entre serpentes enormes, cobras fantásticas, lagartos hediondos, chega por fim ao ponto apetecido.

Senta-se; poisa no chão o candeeiro e a enxada e descança por momentos, fixando com um riso estereotipado nos lábios de puro contentamento, a terra ainda mexida onde o rei avaro guardou as suas jóias e o seu ouro secretamente.

Começa aqui a sua felicidade. Que alegria, meu Deus, quando chegar a casa com tão preciosa riqueza... — pensa êle — E começa fazendo a distribuição de uma fortuna tão grande, como nunca imaginou obter. Em lugar da sua humilde choupana, ergue-se um esplêndido palacete, rodeado de jardins cobertos de flôres mimosas; a sua noiva, formosa, encantadora, vestida de ricos brocados e de sedas finas, com jóias das mais raras, passeando a seu lado; tudo luxo; tudo primor; tudo grandeza!

Afasta êstes pensamentos fantasiosos e dispõe-se a desenterrar o precioso caldeirão. Nisto, um canto sublime enternece-o de tal maneira que não consegue erguer-se; em volta de si um bando de fadas qual delas a mais bonita, cobertas de túnicas de seda, com reflexos diamantinos quando o luar incide nas suas pregas simétricas. Sente-se enlevado pela suavidade do canto, mas só o tenta a sede do dinheiro que se encontra enterrado a seus pés. Mais tarde, — pensa — quando fôr homem, poderei ter então deusas como estas que me enterneçam e encantem também, desde que lhes pague com o meu ouro...

Procura erguer-se, e não pode. Prende-o à terra uma força magnética, sobrenatural. Desanima, e nem ao menos pode fugir, embora com grande mágoa de ver desfazerem-se num

momento os seus sonhos tão deliciosos. Acorre-lhe à mente benzer-se, redenção natural de todos os crentes, e como por encanto, vê-se novamente só, livre de todos os movimentos, capaz de finalizar o seu intento.

Levanta-se, pega na enxada e começa a desenterrar atenciosamente o grande caldeirão de cobre.

A Lua escondendo-se de vez em quando, prejudica-lhe a operação. Pega no candeeiro e acende-o benzendo-se antecipadamente e o candeeiro não torna a apagar-se. E continua cavando. O suor começa já a borbulhar-lhe na fronte; o seu trabalho vai-se tornando um pouco árduo sem aparecerem vestígios do que procura. De repente, um som cavo pende-lhe a atenção; e logo o caldeirão aparece em toda a sua magestade, enorme, luzido, conquanto estivesse sepultado havia muitos anos.

Fita o firmamento, agradecido, e pegando no tesouro com dificuldade e cheio de júbilo, põe-no às costas e encaminha-se para a sua pobre cazita, onde a essa hora se dorme ainda o primeiro sono. Chegado lá, todos se levantarão, admirados da sua proeza, e darão graças a Deus pelo bem que elle lhes vai fazer..

De vez em quando pousa para descansar e passados momentos pondo novamente o carrêgo às costas e algemado com o pesado fardo chega a casa por fim, completamente extenuado.

O suor cai-lhe das faces em grossas bagas. Abre a porta, entra, e torna a fechá-la outra vez, não vá alguém roubar-lhe o seu tesouro.

Destapa o caldeirão enorme e mergulha nas moedas reluzentes os mãos ávidas de dinheiro. Está saciado; a sua maior ambição realizou-se por fim. E' rico!..

E quando ia dar a boa noticia aos irmãos e ao tio João, este entra no seu quarto e chama-o para a labuta de todos os dias...

A noite avançara rapidamente; eram 5 horas. Despontava já a madrugada. A tempestade passara. O sol começava a corar o firmamento, limpo, azulado. A brisa matutina ciciava por entre as folhas do copado arvoredo que estava perto, enquanto um aroma agradável se evolava das hortas e pomares.

Sem atinar com o que se estava passando, o pobre rapazito, salta da cama presto, abrindo bem os olhos, estremunhado pelo sonho, e corre a um canto onde a sua fantasia tinha guardado o tesouro, pronto a desmentir as palavras do bom ancião...

Abílio Quadros

2.º ano médio de comércio

Adeus

Vou afastar-me já da minha terra . . .
Tudo está triste, silencioso e quedo:
Os vales, a campina, o rio, a serra,
As aves, a ermida, o arvoredo . . .

Gemem as fôlhas ciciando a mêdo
Canções de amor, - que lôgro em si encerra;
Ouve-se ao longe o mar muito em segrêdo
Dizendo à areia o crime de quem erra . . .

Há soluços e vozes suspirando
Por mim, que parto e volto não sei quando,
Ao lar, à terra qu'rida - encantos meus.

E eu parto; e cá ao longe, o peito a arfar
Distingo ainda alguém a soluçar,
Que me diz entre o pranto: adeus, adeus! . . .

Abílio Quadros

2.º ano médio de comércio

Ecos

Uma valiosa oferenda

Do pai do nosso desditoso ex-colega Isidoro José de Brito, a quem prestámos uma singela e modesta homenagem, ditada pela grande admiração que tínhamos por esse belo rapaz, recebemos uma carta singela mas expressiva que com a devida vénia publicamos esperançados de que elle nos não levará a mal tal atrevimento da nossa parte, e que só agora fazemos por absoluta falta de espaço no último número.

... Direcção de O Profissional

Acuso a recepção da sua carta de 24 de Junho p. p., bem como o exemplar de O Profissional.

A homenagem prestada à memória do meu estremecido filho sensibilizou-me profundamente, não só pelo saúdoso preito de amizade que ela representa, como também por constatar que a estima e o muito apreço em que elle tinha os seus antigos condiscípulos dos Pupilos eram bem merecidos.

Em meu nome, de minha Espôsa e de minhas filhas, isto é, daqueles que não mais esquecem o filho e irmão querido: «Muito obrigado».

Lisboa s/c. 30-6-22. Rua do Conde, 66, 1.º

Isidoro José de Brito

Ao mesmo tempo este senhor oferece à nossa Biblioteca, os seguintes livros que ou-

trora pertenceram ao nosso saúdoso condiscipulo:

O Conde de Monte Cristo, 4 volumes, de A. Dumas.

A mão do finado, 2 volumes, de A. Dumas.

A tulipa negra, 2 volumes, de A. Dumas.

Ivanhoé, de Walter Scott.

Plantas úteis das matas de Portugal, da Biblioteca do Povo.

Plantas úteis dos campos de Portugal, da Biblioteca do Povo.

Silvicultura, da Biblioteca do Povo.

O homem fóssil, da Biblioteca do Povo.

Esther—Athalie, de Racine.

Adolphe, de Benjamin—Constant.

Le Barbier de Séville ou *La Précaution Inutile*, de Beaumarchais.

Le jeu de l'amour et du hasard—Le legs, de Marivaux.

Chansons, de De Béranger.

Phèdre—Andromaque, de Racine.

Le Mariage de Figaro ou *La Folle Journée*, de Beaumarchais.

Les Fausses Confidences—L'épreuve, de Marivaux.

Namouna—Rolla—Une bonne fortune, de Alfred de Musset.

Le menteur—Pompée, de Corneille.

David Copperfield, 4 volumes, de Charles Dickens.

Croissilles—La mouche, de Alfred de Musset.

Un spectacle dans un fauteuil—La coupe et les lèvres—A quoi rêvent les jeunes filles, de Alfred de Musset.

Guillaume Tell, de Schiller.

La Comtesse d'Escarbagnas—Le Mariage Forcé—Le Sicilien ou *l'amour peintre*, de Molière.

Oedipe a colonie, de Sophocle.

Thérèse Aubert—Adèle, de Charles Nodier.

Tribly ou *Le Lutin d'Argail—Lydie* ou *La Réssurrection*, de Charles Nodier.

Rose et Ninette, de Alphonse Daudet.

La Métromanie, de Alexis Piron.

La Pucelle d'Orléans, de Schiller.

Gerfaut, 3 volumes, de Charles de Bernard.

Le Moulin de Nazareth, de Marcel Prévost.

La Fédor, de Alphonse Daudet.

Afonso de Albuquerque, poema de José Carlos Gouveia

Os ataques aos portos de Zeebrugge e Ostende, de T. Keble Bell.

Eusébio Macário, de Camilo Castelo Branco
Brasileira de Prazins, de Camilo Castelo Branco.

A corja, de Camilo Castelo Branco.

Amor de Salvação, de Camilo Castelo Branco.

Contos escolhidos, de Júlio Brandão.

No mar morto, de Silva Pinto.

O romance de um rapaz pobre, de Octave Feuillet.

Idílios, Cançonetas e Canções, de Bocage.

Iracema, de José de Alencar.

Côrte na aldeia, de Rodrigues Lêbo.

A menina de Kergant, de Octave Feuillet.

Mocidade Florida, de J. de La Brète.

Lágrimas e Tesouros, de Rebeio da Silva.

Petite Histoire de la Littérature Française, de Emile Faguet.

Théâtre, 2 volumes, de De Vigny.

Hernani—Marion de Lorne, de Vitor Hugo.

Jérusalem, de Pierre Loti.

Colomba, de Próspero Merimée.

A arraia miúda, de Faustino da Fonseca.

Líricas, de Luis de Camões.

O Infante de Sagres, drama de Jaime Cortezão.

Pedro o Cruel, de Marcelino Mesquita.

Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift.

Agradecemos muito penhorados, esta valiosa oferta, tanto mais valiosa quanto provável que o nosso infeliz colega se tivesse inspirado nestes livros para compor algumas das suas preciosas produções literárias.



O campeonato escolar de florete

Em cumprimento das disposições exaradas na *Ordem do Exército*, realizou-se no dia 20 de Julho do ano lectivo próximo passado, o campeonato escolar de florete.

Este campeonato deveria ser feito entre o Colégio Militar, Casa Pia e o nosso Instituto, mas, como as duas escolas primeiras se não inscreveram, realizaram-se os assaltos entre cinco condiscipulos nossos, visto ser cinco o número indispensável de concorrentes para que o campeonato se effectuasse.

No dia e hora marcados, comparecemos no Ginásio da Escola Militar, local destinado para esse fim, onde se iniciaram as provas. Estavam presentes entre outros officiaes, o sr. General Abel Hipólito Dig.^{mo} Comandante da Escola, e o júri presidido pelo sr. Coronel Viçoso May, e do qual faziam parte também os sr.^s Major Mendes Júnior, e Capitães Ribeiro Ferreira, Viriato Rodrigues e Luís Alberto de Oliveira, nosso instrutor de esgrima.

As provas decorreram com entusiasmo como era de esperar, ficando os assaltantes classificados pela seguinte ordem:

Mário dos Santos, Alfredo Tomé Serra, Abílio Quadros, Júlio Gonçalves, José Simões da Silva.

Creemos ter deixado bem impressionadas todas as pessoas que se dignaram assistir a esta prova, mostrando nós conforme ela decorreu, que o nosso esforço e o nosso trabalho não resultaram infrutíferos.



Abertura das aulas

Com a assistência de S. Ex.^a o Ministro da Guerra realizou-se no dia 16 do corrente a abertura do novo ano escolar.

O batalhão de alunos aguardou nos claustros da 1.^a Secção a chegada de S. Ex.^a, fazendo a 2.^a Companhia de alunos a respectiva guarda de honra.

Discursou o Ex.^{mo} Director do Instituto, fazendo o nosso condiscípulo Guimarães a apresentação dos alunos novos. S. Ex.^a o Ministro e fundador do Instituto, falou por fim, tendo palavras de carinho para o nosso estabelecimento de educação, retirando-se depois de passar revista ao batalhão e visitar as novas instalações de ensino.

Entre as pessoas que assistiram a este singelo acto, predominava o elemento oficial. A banda de Sapadores de Caminho de Fere executou varios trechos do seu escolhido repertório na portaria da 1.^a Secção.



O novo fardamento

Juntamente com a abertura das aulas inaugurou-se em 16 do corrente o nosso novo fardamento.

Foi finalmente suprida esta necessidade que dia a dia se acentuava ficando assim o actual fardamento mais compatível com a educação e instrução ministradas no Instituto.



Deixaram o Instituto no ano lectivo próximo passado, os nossos condiscípulos Ovídio de Oliveira, Tavares de Carvalho, Sérgio Domingues, Alberto Centeno Baptista, Jorge Galvão, e Carlos Lopes Antunes todos com os cursos incompletos.

Deixou de frequentar também o Instituto como externo, o 1.^o Sargento Alfredo Tomé Serra.

O *Profissional* apresenta-lhe as suas despedidas.

O Instituto no concurso escolar de Tiro

Devido à não comparência das outras escolas foi pela segunda vez ganha a taça *Fraternidade Militar*, pelos alunos do Instituto.

Os resultados foram os seguintes:

Armando Serra.....	144 pontos
José Lima Duarte.....	140 »
Luís Zúquete	119 »

Comparando, portanto, com os resultados do ano anterior, vemos que alguns progressos se fizeram nos nossos atiradores.



Campeonato escolar de Futebol

Encontra-se já no Instituto a taça de futebol ganha pelo nosso grupo representativo.

Esta taça tem um grande valor moral, porque há dois anos seguidos se encontrava na Casa Pia de Lisboa, ficando lá definitivamente se os nossos condiscípulos concorrentes não a tivessem disputado este ano com superioridade.

São dignos de louvor, porque desde há alguns anos que tendo concorrido a essas provas desportivas, só agora viram o fruto do seu trabalho.



Encontra-se quasi restabelecido da sua doença o nosso condiscípulo Almeida Denis.

Desejamos muito que ele volte ao nosso convívio dentro dum curto espaço de tempo.



Encontra-se gravemente doente no Hospital Militar da Estréla, o nosso ex-condiscípulo Pandaio, aluno do Instituto Superior Técnico.

Desejamos as suas rápidas melhoras.

Faleceu no dia 13 do corrente, o 1.^o Sargento sr. Neves de Almeida, bibliotecário da 2.^a Secção.

O finado era muito estimado no Instituto, causando a sua morte uma profunda consternação entre os alunos.

A família enlutada envia O *Profissional* a expressão sincera do seu pesar.

A Direcção.



ADMINISTRADOR
António da Costa

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, João P. Antas
Redactor principal
Domingos L. Agostinho
Secretário

DIRECTOR
Mário dos Santos

N.º 54 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Novembro de 1922

Relatório de Contas

(Exercício de 1921-1922)

Presados Camaradas:

Em nome da ex-direcção de *O Profissional* a que pertenci, tenho a honra de vos apresentar o relatório de contas durante o período da sua gerência, assegurando-vos desde já como facilmente vereis, que embora a nossa colaboração a dentro do mesmo não fôsse ótima, foi contudo muito regular.

A êle dedicámos sempre tôda a nossa boa vontade, todo o nosso esforço, para que a sua publicação fôsse regular, tanto quanto possível, o que de facto succedeu.

Modificámos a sua apresentação, pois tentámos ilustrar todos os números, mas em breve algumas dificuldades nos surgiram.

Uma delas, foi a de irmos lutar com o aumento de preço do papel.

Outra, foi a de ilustrarmos *O Profissional* e não obstante as enormes tiragens, as vendas não foram compensadoras.

Daí o tomarmos como percaução imediata o aumento de preço que o nosso mensário sofreu.

No entanto, posso afirmar que apesar de

termos grande número de exemplares em nosso poder, (o que trás para nós como consequência directa uma enorme desvantagem), o saldo que hoje venho aqui apresentar é de Esc. 145\$31, (cento e quarenta e cinco escudos e trinta e um centavos).

Eis, pois, o que nos foi possível conseguir, após todo o nosso trabalho, boa vontade, e dedicação que sempre tivemos pelo *Profissional*.

Eu próprio como ex-tesoureiro que fui, mostro-me plenamente satisfeito com o resultado, pois para tal, basta estabelecer um simples confronto e ver que os saldos positivos anteriores, (se bem que os haja negativos), podem considerar-se nulos, em relação ao nosso exceptuando o do ano lectivo de (1921-22) de cuja direcção também fizeram parte os meus colegas Santos e Quadros.

Vejamos, pois:

Em Novembro de 1920, apresenta-nos o livro Caixa o saldo de 47\$72, sem despesas de maior e com 4 anos de existência.

Em 1921, apresenta o saldo de 104\$43, saldo êste mais que duplo que foi entregue á Mutualidade do Instituto. O saldo actual mais que o triplo vem portanto confirmar as minhas ultteriores declarações. Aproveito o ensejo de nos encontrarmos aqui reünidos para chamar a atenção dos meus camaradas da 1.ª secção, visto que *O Profissional* o ano lectivo passado, teve lá uma venda

reduzidíssima, isto é, chegaram-se a vender 6 profissionais, quando das últimas tiragens que fizemos.

Isto, mostra-nos sobre tudo, o pouco interesse que ainda lá desperta o mensário.

Torna-se pois necessário que os nossos camaradas nos secundem mais, intercedendo também junto dos srs. professores e oficiais em serviço.

Feitas estas rápidas considerações, passo a ocupar-me mais propriamente do relatório.

Assim, abrindo o livro Caixa, no período que vai de 1 de Outubro de 1921 a 31 de Julho de 1922, aparece-nos o seguinte movimento:

DÉBITO

Saldo anterior.....	4530
Profissional.....	248505
Assinantes.....	176550
Cofre da 2. ^a Companhia.....	112510
Total.....	540595

CRÉDITO

Conselho Administrativo.....	222510
Cofre da 2. ^a Companhia.....	137528
Mutualidade.....	104543
Despesas Gerais.....	77514
Total.....	540595

Por consequência, este livro apresenta-se saldado.

LIVRO DE DEPÓSITOS

Apresenta-nos este livro um saldo a nosso favor de Escudos 145531.

Além do exposto, vou passar a descriminar mais nitidamente algumas destas contas:

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Esta conta que aparece creditada no livro Caixa pela importância de Esc. 222510, é devida às despesas feitas com papel e tinta de impressão.

(Vidé documentos).

DESPESAS GERAIS

Aparece também esta conta como a anterior creditada pela importância de Escudos 77514, principalmente por gravuras, transporte das mesmas, selos e expediente.

Foi ainda assunto deliberado pela direcção e votado por unanimidade, que a Mutualidade do Instituto fôsse entregue a importância de Esc. 115531, lamentando nós ape-

nas, que esta importância não pudesse ter sido maior como sempre foi nosso desejo.

A crédito do *Profissional* fica pois a importância de Esc. 30500, para fazer face às primeiras despesas que por ventura possa haver e que com a importância anterior perfaz o nosso saldo, isto é, Esc. 145531.

Creio pois ter frisado bem claramente os pontos principais do meu relatório e suas operações durante o período da nossa gerência e que me forçaram a vir aqui.

Por último, e para terminar, resta-me pois colocar a escrita à inteira disposição de quem por ventura tenha quaisquer dúvidas, e desejar finalmente à nova direcção os meus mais sinceros votos para o bom desempenho da sua missão.

António Baptista da Costa
2.º ano médio de comércio



De novo em cheque

A história que vou contar-vos e que há já tempo me vi obrigado a citar também, tem o seu tom de gracinha, mas daquela graça que enfada, e que, enfim, não tem graça nenhuma!

Mas vamos — por favor — à história que não é da carochinha e desculpai-me por voltar de novo à liça; mas é bom que todos conheçam este breve conto e portanto repeti-lo hemos tantas vezes quantas julgarmos necessárias para sua completa apreensão.

Existe na nossa República, uma escola, criada à custa de muitas abnegações e esforços sem par, que se destina a educar os filhos dos soldados do seu exército e a qual ainda existe mercê de não menores dedicações e desinteressado trabalho. Essa escola tem tido durante a sua curta existência grande número de educandos a maior dos quais talvez, já saiu do colégiozinho.

Para o caso interessam-nos apenas os ex-alunos, porque os outros... ainda os não largaram os contos de fadas e lobizomens.

Estes, enquanto internados, e alguns muito eloquentes e sabedores, faziam-se por vezes ouvir em notáveis improvisos e era nestes célebres discursos que afirmavam a sua maneira de pensar sobre o mútuo auxílio, que diziam eles - era preciso existir depois que saíssem do internato. Não sei mesmo se alguns desses sobreditos discursos estarão impressos ou arquivados; mas pela dúvida

«juro! — que tal convicção imprimiam às suas palavras, tanta filosofia empregavam nas sua proficientes palestras, que a assembleia quasi sempre se entusiasmava grandemente e sonhava venturas, inebriada por considerações tão justas. Eu, confesso o meu peccado — iludí-me também!

E... «não há mal que sempre dure... nem bem que se não acabe.»

Todo aquele entusiasmo, tôda aquela febre de vencer se extinguiu rapidamente, perdendo-se também o são critério, embora elle devesse presidir sempre, em espiritos que se prezam de ser educados.

Que tristeza! Que desalento!

Evidentemente que todos os que me dão a honra de ler este desataviado artigo, advinharam já de que escola e ex-alunos reza a historietta, que é bom que passe immediatamente ao tom de seriedade pois nunca se deveria encarar este melindroso assunto pelo lado da brincadeira!

E de nós, é infelizmente de nós que estou tratando. Centenas de rapazes saídos já do nosso convívio há muitos anos, um grande número com posição e saber suficientes para pensar bem, para meditar profundamente, têm-se eximido ao trabalho de criar uma amizade profunda entre si, e, mais ainda nos tem sido dado saber, que não poucas vezes se degladiam em lutas estérteis como se entre elles nunca pudesse e devesse existir uma íntima e sólida camaradagem.

E por ela clamámos nós em Março ultimo. Por ela, escrevemos agora, ainda que mal!

Cheios de pezar, cobertos de mágoa, fomos forçados a tratar novamente do assunto mas a tratá-lo desassombradamente e sem delongas, para que esta desagradável situação se não perpetue como é nosso desejo. Bem sabemos que algumas energias têm despertado... e não acreditamos que outras lhes tenham sido contrárias! No entanto, se é esta a verdade, se realmente entre elles, existe quem impeça o movimento organisador de alguns, é bom que alguém no — los aponte, pois se preciso fôr, indicaremos os seus nomes, para que todos saibam bem quem elles são.

E é bem ingrata a minha situação, que hoje clamo pela vossa amizade e junção — presados ex-colegas —! Bem sei que quando sair talvez não consiga — como vós, — trazer para o meu lado aqueles que andam arredios. Ah! mas nesse momento, farei o que é de justiça que se faça e que muito gostaria que se fizesse agora!

Expor ao latego dos outros, os que não

cooperam connosco, os que se opõem a que nos agrupemos, trabalhando em massa para o bem geral.

E para todos, trabalhando todos, um pouco muito pouquinho, será de breve e de fácil realiação esta pretensa regalia; para um, mesmo para uma dúzia, é trabalho muito violento.

Dizia eu em Março último no artigo que publiquei em *O Profissional* sob a epigrafe *Aos ex-alunos*.

«Os nossos ex-colegas — perdoai-me a franqueza — têm indiscutivelmente pensado muito pouco no facto de terem sido elles os primeiros que esta casa de educação lançou na vida prática e portanto de deverem ser elles os alicerces da obra grandiosa que o Instituto ansiosamente espera realizar e de criar uma atmosfera favorável às suas aspirações; e o resultado, o resultado de tanta preguiça que somente nos tem prejudicado, viu-se, vê-se ainda, e, se os meus presentimentos me não enganam, vê-se hão de futuro, não só porque é sempre difficil emendar os erros passados, — e esses só se corrigem com grande esforço e dedicação, — como ainda porque tenho a antecipada certeza de que os não consigo acordar do primeiro sono que desde a sua saída do Instituto, elles experimentam».

Ora, isto dizia-se e com razão, há já quasi 10 meses. E' bem de ver, que hoje, muito mais agravante é a sua situação, porque o tempo se encarregou de aumentar a sua ineptia. E nunca nós julgámos que durasse tanto este deplorável procedimento!

Mas enfim, seja o que Deus quizer! E, se por felicidade, lendo estas simples palavras no seu verdadeiro sentido — nos derem a prova formal do seu arrependimento, criando como é nosso desejo uma associação para os ex-alunos, terão — creiam firmemente — o nosso desinteressado e franco elogio, embora elle seja de nenhum valor, cessando ao mesmo tempo as culpas existentes. Mas também, se isto continuar como até aqui, terão, podem igualmente crê-lo, a guerra mais aberta e declarada, isto porque nos empenhamos em obter esta regalia geral.

No entanto, tenho a consoladora esperança, que talvez não seja precisa maior desarmonia.

Mesmo, que: «não há bem que se não acabe nem mal que sempre dure».

Mário dos Santos

2º. anno médio de comércio

As eleições

Iniciou-se um novo ano escolar, um novo ano de trabalho, e com ele um novo ano para a vida do *Profissional* que faz parte integrante da nossa vida, já porque coope-rando nós nas suas colunas, instruímo-nos e educamo-nos, já porque na sua manu-factura pômos em evidência a nossa vida fu-tura; e como nós vimos para o Instituto para nos instruímos, educarmos e para nos pre-pararmos para a vida, *O Profissional* que encerra esforço e trabalho nosso, está por conseguinte absoluta e completamente in-culcado na nossa vida escolar.

Este ano, ao contrário dos anos anterio-res, o acto eleitoral foi revestido do maior interesse que podíamos supor.

Constituíram-se partidos, muitos orado-res evidenciaram os seus dotes fazendo de-poimentos, e estabeleceram-se opiniões que foram calorosamente discutidas.

Oxalá que isto seja o prelúdio duma nova era de interesse e colaboração pelo *Profissio-nal*.

No dia 6 de Novembro, reuniram-se na sala do Teatro os alunos da 2.^a Secção com o fim de elegerem a nova redacção do *Pro-fissional* durante o ano lectivo 1922-23, com a assistência dos Srs. Director e Regente da 2.^a Secção.

Foi nomeado para tomar a presidência o aluno Fonseca, que agradeceu a honra com que o sr. Director o distinguiu nomeando-o para desempenhar tão honroso cargo, con-vidando em seguida para seus secretários os alunos Dias e David dos Santos.

Após a constituição da mesa, foi aberta a sessão e o aluno presidente convidou o alu-no Costa a apresentar o relatório da adminis-tração anterior, e perguntando quais os ora-dores que desejavam tomar a palavra, levan-tou-se o aluno Vilarigues.

Pelo relatório apresentado pelo aluno Costa conclui-se bem claramente o esforço, abnegação e boa vontade com que a admi-nistração transacta desempenhou o seu cargo, sendo, na generalidade, os membros dignos do maior louvor pelo desinteresse e fôrça de vontade com que intensificaram o seu traba-lho com o fim de que *O Profissional* saísse com regularidade e illustrado, melhoramento que nem sempre conseguiram, como afirma o aluno Costa em virtude do encarecimento da matéria prima e ainda pelo desinteresse, e pouco zêlo dos representantes da 1.^a Sec-

ção que chegaram por vezes a vender úni-camente 6 *Profissionais*.

A gerência que depôz o seu mandato na sessão de 6, foi sem dúvida nenhuma aque-la que mais se esforçou, até hoje, pelo progresso do nosso órgão e mais carinho lhe dedicou, pois consoante o relatório, o saldo obtido, foi, apesar do encarecimento do papel e das demais despesas que foram conseqüentemente muito mais avultadas, de 145\$31, importância já grande em relação aos saldos dos anos anteriores, que para vergon-ha dos seus dirigentes chegou a ser, duma vez, de 5 reis.

Depois de feito o seu depoimento e decla-rar à disposição de qualquer a análise da escrita, retomou o lugar, usando da palavra o aluno Vilarigues, que começou por apre-ciar os actos pouco correctos e a atitude de pouco zêlo com que os alunos da 1.^a Secção desempenharam os lugares que lhe foram conferidos, enaltecendo em seguida o bom desempenho da Administração que acabava de depor o seu mandato, pondo em relêvo o zêlo, competência e assiduidade com que o aluno Quadros, e em geral o restante cor-po, mostraram dando ao nosso órgão uma orientação tal, que provieram daí resultados proficuos.

Mas, ao passo que nobilitava uns, depre-ciava o procedimento do aluno Agostinho, que, diz o orador, mostrou durante o ano lectivo passado, pouco zêlo e competên-cia declarando que o seu carácter lhe não permitia aceitar um cargo, sem que lhe de-dicasse a mais insignificante parcela da sua atenção e do seu trabalho, reputando o pro-cedimento daquele aluno como baixo e desa-fiando-o depois para que o desmentisse.

Depois destas divagações, o orador dirigiu-se à mesa, lendo uma moção na qual con-vidava o aluno Agostinho a retirar a sua can-didatura, propondo em seguida que se supri-missem os alunos que nada fizeram em prol d'*O Profissional*.

Na altura em que o orador propôz a 1.^a parte da sua moção, o Sr. Director pediu li-cença para intervir, louvando o procedimen-to do aluno Vilarigues pela franqueza e desas-sombro com que fez as suas afirmações, de-clarando em seguida que se não podia tirar a ninguém o direito de voto, fazendo recair a segunda parte no mesmo caso.

O aluno Agostinho usou da palavra, mas sem se defender, antes pelo contrário forti-ficou as acusações feitas pelo seu antogo-nista, fazendo reviver as suas esperança de ser novamente eleito, na frase: espero o re-

POR acharmos altamente honroso para o Instituto, transcrevemos a seguir e com a devida vénia, um artigo que o Dr. Eduardo Pimenta publicou na revista *A B C* n.º 111, sob a epígrafe *A esgrima em Portugal (elogio do florete)*.

«O florete, arma de salão, com um manejo subordinado a regras de puro classicismo, tirou o seu nome dum radical etimológico, que significa, graça, frescura e elegância.

A lâmina quadrangular embola-se na ponta; é fina e elástica, leve para o jogo, subtil para os bofes.

Reduz-se a um pequeno círculo a superfície dos copos, cujo fuso se adapta intimamente à palma da mão e cujo balanceiro pesado, equilibra a arma facilitando a rapidez dos movimentos.

Nenhum esgrimista será perfeito sem uma longa aprendizagem do estudo de florete.

Por ela adquirirá a linha de elegância, as posições académicas, a flexibilidade de um felino e a vista apurada de uma águia.

A dedilhação pura da sensibilidade consegue transmutar a finta numa estocada certa, por uma passagem de ponta, com vertiginosa rapidez.

Toda a galanteria se resente num assalto ou na série de atitudes estilizadas, correspondentes às várias fases dos cumprimentos.

A esgrima de florete, educa e civilisa.

O ferro cai das mãos dum dos contendores é o adversário que lho levanta, suspendendo imediatamente qualquer gesto agressivo.

Não se fala durante a contenda; não se discute primas! não se saúda com o rosto coberto pela máscara; não se apertam as mãos com as luvas calçadas.

Quem assiste numa sala de armas, gosa o espectáculo em silêncio. Obedece-se cegamente às determinações do mestre.

Não se permite uma deslialdade. Quem é tocado confessa-o em voz alta; mesmo quando o toque não seja bem visível.

A modéstia é o complemento directo da correcção. O facto de ser vencido, longe de provocar despeitos, estimula os brios. Ser batido não é desonra; mas antes é estímulo para um trabalho afincado que assegura vitórias futuras.

Como todos os movimentos são rítmicos e como ao jogo dos músculos corresponde o rápido raciocínio, que descobre as intenções do adversário e provoca a acção defensiva e a resposta certa e apropriada, não é a esgrima do florete descuidado recreio, mas exercício fi-

O INSTITUTO NO CONCURSO MILITAR DE ESGRIMA

sico assegurado por um consciente trabalho cerebral.

As regras e preceitos do jogo moderam os ímpetos da impulsividade; modificam os instintos reprimidos pela reflexão; são um admirável tirocinio que assegura o domínio supremo da vontade, sobre as falhas de energia, a moleza do temperamento, as hesitações da indecisão.

Num torneio realizado na Escola Militar entre os alunos dos *Pupilos do Exército* se teve a prova real do que vale a esgrima como elemento de educação.

Nem um gesto desordenado, nem uma palavra mal soante; nem a mais leve incorrecção entre os alunos; o máximo respeito pelos superiores, a melhor composição e o mais varonil apurmo, testemunharam eloquentemente.



Os alunos que formaram o grupo de esgrima

Da esquerda para a direita: Simões da Silva, Gonçalves, Serra, Santos e Quadros

temente que nem tudo nesta terra se afunda num causal revoltante de insolência e grosseria, de desordem e indisciplina».

Obrigado, muito obrigado Sr. Eduardo Pimenta, pelas elogiosas referências que fez de nós. As palavras que hoje temos a honra de transcrever, enchem-nos de legítimo orgulho e são precioso estímulo para um trabalho ainda mais consciente da nossa parte.

A propósito, elucidamos os nossos estimáveis leitores de que se realizou já a distribuição dos prémios correspondentes ao 1.º, 2.º e 3.º classificados.

Ao acto, que teve lugar na Escola Militar no passado dia 20, assistiram além de muitas outras pessoas, S. Ex.ªs o Presidente do Ministério, e Ministro da Guerra.

sultado das eleições. Depois disto, prometen à Assembleia que trabalharia, e daria uma boa parte da sua actividade, para o incremento do nosso órgão, dado o caso de ser reeleito.

Como ninguém quizesse usar da palavra, procedeu-se à chamada, e cada aluno de per si depôz numa urna improvisada, o seu voto.

Terminada a votação, o sr. Director pôz um voto de louvor à Direcção transacta, que foi aprovada por unanimidade, sendo encerrada a sessão por falta de tempo, e transferida para a 5.^a feira próxima com a seguinte ordem do dia: escrutínio.

No intervalo de 2.^a a 5.^a feira, germinavam-se duas correntes contrárias.

Uma, opiniava, e esta era a de menos adeptos, que se não deviam aceitar as listas que estivessem cortadas ou com bonecos; e outros alegavam que deviam ser todas admitidas, os quais eram em muito maior número. Depois de vários debates no recreio, e no refeitório, foi apresentada a questão ao sr. Regente ficando, definitivamente assente que fôsem todas admitidas.

Ambas as colunas fizeram a sua propaganda, e chegadas as 16 horas de 5.^a feira, a mesa constituída pelo aluno Pinto que substituiu o Fonseca, secretariado pelos mesmos alunos, e com a assistência do Sr. Regente teve início na 2.^a Sessão.

Depois das praxes costumadas, o aluno Praça pediu a palavra, interrogando a mesa sobre qual o critério seguido para o escrutínio, alegando constar-lhe que a mesa estava no propósito de excluir as que não estivessem nas condições, contra o que se pronunciava, achando injusto esse procedimento, pelo que pediu à mesa que as apresentasse à aprovação da Assembleia, visto não haver regulamentos que regessem estes assuntos.

Sendo sujeitas à aprovação, foram aprovadas por uma grande maioria, contra o que um dos mais ferrenhos defensores do partido antagónico, o aluno Loureiro, protestou, alegando que as listas naquelas condições denotavam falta de educação, teoria esta que foi acolhida com não apoiados pela maioria aprovadora, apresentando depois uma moção em que limitava o direito de voto ao Curso Geral, Curso Especial e 4.^o Ano Oficial, proposta que não entrou em discussão.

Depois disto, entrou-se na ordem do dia, sendo convidados para escrutinadores os alunos Ribeiro Ferreira e Abrantes: procedeu-se, em seguida, ao escrutínio que deu o seguinte resultado:

Santos com 98 votos, Director
Antas com 77 votos, Redactor principal
Costa com 57 votos, Tesoureiro
Agostinho com 55 votos, Secretário

Após o conhecimento dos resultados, o aluno Costa apresentou a sua demissão, que lhe não foi concedida.

O aluno Agostinho pediu a palavra com o intuito de se justificar perante a Assembleia, das acusações feitas pelo aluno Vilarigues na sessão anterior, criticando-o pela maneira como lhe fez as alusões, e, prometendo a todos os alunos que votaram no seu nome, que os não faria arrepender de o ter dignificado aprovando-o para tomar parte na Administração do órgão, prometendo trabalhar e dispensar os maiores desvêlos e os maiores cuidados ao bom nome e progresso do *Profissional*.

O aluno Vilarigues retorquiu que os eleitores se arrependeriam de o ter eleito, prognosticando que o seu colega Agostinho, continuará olhando para o mensário com o mesmo desinteresse e pouca vontade que bem patenteou no ano anterior.

A estes debates, succederam-se apresentações de moções com o fim de regular e estabelecer definitivamente regras, que evitassem a repetição destes factos, que dão sempre lugar a grandes discussões em toda a parte, ao estabelecimento de rivalidades, enfim, para que de futuro estas praxes decorram com interesse, sem divergências tão pronunciadas nem teses tão calorosamente defendidas, isto é, que os factos se nos apresentem metódicos e singelos.

Parece-nos, a julgar pelo interesse que as eleições determinaram, que as intelegências e artes que se encontravam latentes e que se expandiram tão atroadoramente nas eleições, despertaram, fazendo nascer uma aurora de interesse mais visível, de amor mais carinhoso e de maior affecto para com o *Profissional*, o que nos leva a crer que a Direcção se verá seriamente embaraçada para arranjar papel e tipo para publicar a enormidade de artigos que afluirão.

Renato de Brito

1.^o ano médio de comércio



Por falta de espaço fomos forçados a retirar um artigo do nosso amigo Quadros do que pedimos desculpa ao exelente colaborador do mensário.

Publicá-lo hemos no próximo número.

À Tardinha

O sol beijava o oceano ao longe,
a brisa era suave, a vaga lenta,
o vento, solitário qual um monge,
a praia erma, só de amor sedenta;

Fragas, rochedos, horisonte aberto,
escarcéus rutilantes dêsse mar,
nâcar em conchas, beijos do deserto,
de Geová, ao imponente altar;

Na face cristalina, scintilante,
ora revôlta, ora a repousar,
ouvira-se um murmúrio sossurrante
não sei se de alegria, se pesar;

E foi-se distinguindo pouco a pouco
uma voz terna, de anjo ou querubim,
ou talvez mesmo alucinado louco
que em voz pausada e lenta disse assim:

Quando o sol agonisa no ocidente
'spargindo mil clarões avermelhados,
quando se inclina já como um doente
a quem lhe faltam maternais cuidados,
nesses momentos, tristes, de agonia,
eu gosto de no alto duma rocha
contemplar o fugir do rei do dia,
e então, que grande melancolia
no meu peito, Deus meu, não desabrocha.

Sim, porque é belo, lembrar outras éras,
em que no tópo altivo das galeras,
o meu pendão, arfava senhoril
qual linda rosa, nas manhãs de abril...
Sim! Nesse tempo em que ao fulgir da espada,
uma a uma, caía ajoelhada,
a soberba Castela, o Oriente,
a bandeira vermelha do crescente,
e com a cruz, aqui, no coração,
rasguei aos pés de Cristo o Alcorão.

Porque tiras, Senhor, a Portugal,
o seu montante heroico e sem igual?
Não me conhece agora já ninguém...
Aljubarrota, Torre de Belém,
são cicatrizes do meu peito antigo...
Leão sem garras, fera sem abrigo...
Silencioso olhou para o levante,
a noite vinha linda, constelada,
ouveu-se... então um grito lacinante:
— Dá-me, Jesus, a minha qu'rida espada!...

Jodo Pires Antas

1.º ano geral

O escultor

Após grande trabalho, a forma humana
Conseguiu burilar em pedra dura;
— É o símbolo fiel da desventura
A imagem da dor em prece arcana.

Das órbitas marmóricas dimana
A luz dum olhar morno de amargura,
E as linhas torneadas com doçura
Mostram do autor a ideia sobrehumana...

Mas nisto, olhando a obra, o grande artista,
Extasiado, louco de vaidade,
De tanto olhar julga fugir-lhe a vista;

E enquanto um nervosismo o ser lhe abala,
Empunhando o marteio em ansiedade,
Parte-lhe o busto e diz-lhe irado: fala!...

Abillo Quadros

2.º ano mécio de comércio

UMA SESSÃO HISTÓRICA

Calem-se as minhas palavras!
Emudeçam-se os meus lábios!
Que se veja cristalino e branco
o próprio coração da Pátria aben-
çoando os dois Heróis.

Leonardo Coimbra

A nossa terra está em festa! O grande Portugal de outrora, o gracioso jardim de lírios e de acácias, esta esplêndida terra de sol doirado e bom, vive, nestes auspiciosos dias, com um esplendor de epopeia, que nunca — talvez — foi atingido! É que a raça portuguesa, sente-se rejuvenescer, alargar, dilatar muito, muitíssimo, num crescer veloz, num crescer imenso! De norte a sul, desde o Minho cheio de vida e encanto, à canção de luz que é o Algarve, tudo brilha com mais folgar, com mais vontade, e com um não sei quê de belo e sublime que nos faz fortes e esperançosos!

Pois bem! Este alancear geral esta convicção de vitória que todos actualmente sentimos deve tornar-se o pão de cada dia para honra nossa, para orgulho da raça! Se a nossa Pátria ensinou ao Mundo a navegar e a voar, a dominar e a engrandecer, nada justifica a inépcia que vai passando, a descrença que quere extinguir-se!

Mas, — infelizes de nós! — elas vieram e poisaram tão tristemente, tão rudemente sobre as nossas vidas; enfiltraram-se tanto em nossos descuidosos espíritos, fizeram de nós um tão infame joguete de lutas, de dissensões e de malquerença que foi precisa para as começar a afastar uma energia doida, uma energia incomensurável. Mas tivemos-la, ou antes tiveram-na dois portugueses autênticos, duas figuras de bronze, dois bustos irrisos — Gago Coutinho e Sacadura Cabral!

E conseguimos assim o primeiro passo para a ressurreição!

Agora é continuar a obra grandiosa que foi encetada, mas continuá-la conscientemente e sem delongas,

Entre as homenagens que têm sido tributadas aos grandes detentores da glória máxima do atual lusiada, a uma me foi dado assistir — e por felicidade — àquela que maior importância revestiu. Refiro-me à Sessão do Congresso Nacional, que em honra de Gago Coutinho e Sacadura Cabral se realizou em 7 de Novembro passado na Sala das Sessões da Camara dos Deputados.

Descrever não posso — e creio que ninguém — o que foram essas duas sublimes horas em que se recordaram a par das peripécias da gloriosa travessia, todo o nosso património histórico! A nossa Bíblia os nossos homens; todas as qualidades da raça, as suas tristezas e alegrias, as vitórias e dissabores, tudo isso, como num hino a Portugal, foi fartamente relembrado pelos oradores, que em holocausto à Pátria e aos heróis fizeram daquela histórica sessão, uma aula de intenso patriotismo e de que todos trouxemos no coração uma ânsia de união e de concórdia!

No entanto, permiti que eu diga — embora em descontraídas palavras — o que foi essa grandiosa manifestação.

Eram 15 horas em ponto quando os gloriosos aviadores deram entrada no edifício das Côrtes. Ouviu-se na Sala das Sessões, o toque dos clarins o rumor das armas e a música tocando para anunciar a sua chegada. A multidão agita-se, freneticamente, loucamente, e como que por encanto, até que, minutos depois os dois heróis entram na sala acompanhados de alguns parlamentares e precedidos dos criados que envergavam os seus agalados uniformes de gala. De todos os lados fervem as aclamações e vivas, não cessando as palmas, ao que Gago Coutinho e Sacadura Cabral, correspondem, com imperceptíveis movimentos de agradecimento. A manifestação prolonga-se bastante e parece não acabar; porém, algum tempo decorrido, faz-se silêncio e o Sr. Presidente, Dr. Pereira Osório declara aberta a sessão em seguida ao que leu uma breve saudação do Congresso, sendo frequentes vezes interrompido com palmas e aclamações. Fala ainda o Sr. Júlio Ribeiro: senador democrático, que discursa superiormente, lembrando a nossa vida de aventura, mas aventura consciente, terminando numa Oração à Pátria, que ele considera imortal enquanto portugueses houverem.

No final foi imensamente cumprimentado.

Em seguida ouve-se na sala:

— Tem palavra o Dr. Leonardo Coimbra.

Loucura, entusiasmo! A assistência ergue-se como que impulsionada por uma oculta mola e aclama o extraordinário orador, que comovido toma o seu lugar na tribuna. Em seguida faz-se silêncio, silêncio absoluto!

Começa então a ouvir-se o Grande Mestre! A sua voz timbrada e fina ecoa por toda a Sala, encanta, domina e faz de nós seus perfeitos escravos! Vagueia, filosofa, diz muito, muitíssimo; descreve eruditamente o Atlântico, a raça portuguesa etc. e termina com esta frase só sua:

Calem-se as minhas palavras! Emudeçam-se os meus lábios! Que se veja cristalino e branco o próprio coração da Pátria, abençoando os dois Heróis.

Uma salva de palmas coroa o final do seu soberbo discurso. O orador agradece largamente a estrondosa oração que a assistência lhe tributou!

Em seguida o Sr. Presidente dá a palavra ao deputado liberal Sr. Cunha Leal, o qual no meio dum leve murmúrio, demonstrativo duma natural ansiedade, avança resolutamente para o seu posto. A sua figura impõem-se sobremaneira; aprumado, tranqüilo, Cunha Leal ante um religioso silêncio, começa lamentando — não ter o representante do seu partido, recaído noutra individualidade superior. Em seguida, recorda o interesse com que o povo seguiu a viagem aérea do Atlântico referindo-se assim à gloriosa travessia:

A viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, fez-se na hora de todos os desalentos! na hora em que os portuguezes deixavam descer os braços aconsoados e tristes!

Extraordinária ovação! Segue novamente, com grande ardor e palavra emotiva dizendo por fim! *Malditos aqueles que pretendem aniquillar uma Pátria... o feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, redimiu a Pátria e a República.*

O representante liberal foi no final do seu discurso imensamente cumprimentado por parlamentares de todas as facções políticas.

Falam ainda respectivamente pelos partidos, reconstituente, católico e monárquico, os Sr. Sá Cardoso, deputado, Lino Neto, deputado, e senador D. Tomás de Vilhena, tendo este ultimo senhor, pronunciado um brilhantíssimo discurso, no qual afirmou, não falar em nome de partido algum, pois — disse S. Ex.* — ali dentro só havia portugueses. (*Fol muito cumprimentado*).

Associou-se ainda à manifestação, o Sr. Coronel Viriato da Fonseca, deputado reconstituente por Cabo

Verde, o qual em nome dessa colônia, manifestou a sua admiração pelos arrojados aviadores afirmando que eles são o exemplo vivo das qualidades ancestrais da raça.

Por último, ergue-se o Sr. Ministro da Marinha, Capitão de Mar e Guerra Vítor Hugo de Azevedo Coutinho. Ao levantar-se, o brioso oficial que envergava o seu grande uniforme ostentando ao peito as suas condecorações entre as quais a banda da Ordem de Cristo a tiracolo, a assistência dispensou-lhe uma enorme ovação, certamente por ver em S. Ex.*, o homem que mais directamente contribuiu para que nada faltasse aos gloriosos aeronautas.

Feito silêncio, S. Ex.* explica o quanto de importante foi para o país a travessia do Atlântico levada a cabo pelos dois heróis que são: *Sacadura Cabral, um apaixonado da aviação (sic)... Gago Coutinho, um sábio que se deixou convencer pelo entusiasmo e paixão de Sacadura!*

O Sr. Ministro da Marinha, terminou por saudar os gloriosos aviadores afirmando que eles enobreceram a Pátria e prestigiaram a República.

No final foi abraçado por todos os seus colegas de gabinete.

É neste momento que Sacadura Cabral se levanta e pede a palavra!

O que então se deu não posso descrever! Palmas, delírio, aclamações, tudo isto fundindo-se num unísono impressionante, deram àquele extraordinário momento, a nota duma merecida e verdadeira apoteose!

No entanto, o distinto aviador, garboso, e despreocupado, tomara o seu lugar na tribuna, e feito silêncio, começou a ler o discurso, com uma serenidade digna de nota. Agradece em seu nome «no do seu estimável companheiro, os carinhos e manifestações de simpatia, de que têm sido alvos e tem esta frase, ditada evidentemente pela sua extrema modéstia.

... tem sido preciso todo o bom senso para evitar que, por sugestão, sejamos levados a acreditar que fizemos alguma coisa de extraordinário ou assombroso!

Faz a apologia, do Brasil como grande nação que é, e à qual ainda está reservado um futuro dos mais brilhantes na História Universal. Pede que acabemos com as revoluções periódicas, que — diz S. Ex.* — não constituem título de glória para ninguém. O arrojado aviador, que fôra interrompido inúmeras vezes pela multidão entusiasmada termina assim:

«Tornemos digna e grande esta Pátria que é de todos nós!»

Sacadura Cabral, bem como o almirante Gago Coutinho foram no final da sessão, alvos duma colossal e impressionante ovação, desfaldando-se neste momento algumas bandeiras enquanto que verdadeiros montes de flores caíram sobre os Heróis. E assim terminou a Histórica Sessão Nacional de 7 de Novembro de 1922.

A mocidade, parece, recuperou antigas normas! Tudo faz prever que seremos num espaço relativamente pequeno, o mesmo povo que assombrou todo o mundo, aquela mesma raça viril e gloriosa que caminhava na vanguarda da civilização e do progresso! A Pátria quer engrandecer-se, dignificar-se; e o seu povo — que tem uma descrença exagerada no futuro, no dizer de Sacadura Cabral — enveredará pelo caminho da virtude!

Para este *desideratum* trabalharemos todos indistintamente, porque urge tornemos infinitivamente grande esta esplêndida terra

*... a mais formosa e linda
Que ondas do mar e lumes do luar viram ainda.*

Mário dos Santos

2.º ano médio de comércio



ADMINISTRADOR
António da Costa

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, João P. Antas
Redactor principal
Domingos L. Agostinho
Secretário

DIRECTOR
Mário dos Santos

N.º 55 — 7.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Dezembro de 1922

“Gente nova”

Como adiante informamos, a Academia Portuguesa, tem já mais um mensário *O Gente Nova*, que se propõe defender e prestigiar o numeroso grupo de mancebos que hoje são a esperança da nossa Pátria — os académicos — corre já pelas mãos dos estudantes e também pelas dos sábios e professores.

Novos e velhos, colegiais e catedráticos, todos eles, vibraram por certo de delirante entusiasmo, uns pela saúde dos seus tempos de rapazes, em que as mesmas preocupações e desejos os invadiam e dominavam: outro, e estes com mais fé por verem realizado o que de há muito justamente ambicionavam.

E não é, com certeza uma futilidade, o que se projecta fazer; por isso cumpre, que todos concorram o mais possível e com devoção para essa obra de fé.

Se nós somos a esperança de melhores dias, se em nós se condensam e personificam, o brilhantismo e o ressurgimento do nosso Portugal, urge educar civicamente, dar mais fé e combatividade aos que por vezes se mostram descrentes, ao sofrerem os inúmeros revezes e contrariedades que são em resumo, as mais elucidativas manifestações da vida.

Eis portanto o que a *Gente Nova* pode fazer.

E justo é dizê-lo, muito tem que trabalhar para um dia poder considerar completa a sua missão — unir mais intimamente a academia de Portugal e *gritar bem alto aos descrentes, aos scéticos e aos renegados, que a vitalidade da raça lusitana não se extinguiu ainda.* —

Todos sabem como a onda de sangue tem caminhado triunfalmente no nosso país e como ela tem transformado os destinos do nosso estremecido torrão. E que não tem havido até aqui demonstrações firmes e positivas duma rigidez de fé, da parte da mocidade escolar portuguesa. Todos nós, mancebos ainda, nos devemos sentir envergonhados, amesquinhados mesmo, por termos assistido e ajudado a uma tal depravação de costumes e demais vergonhas que airoosamente se espalharam em Portugal sem que de nós partisse o mais pequeno gesto de indignação ou uma palavra de discordância.

Cabe pois, à *Gente Nova* lançar o gérmen duma sólida fraternidade e união, que começando pela escola, perdurará até à velhice; incitar os rapazes de Portugal ao cumprimento dos seus deveres sociais que nos valorizarão para o mundo.

E não nos demoremos muito! Olhemos a Grécia que está já recebendo a esta hora, o justo prémio dos seus desvarios. Quem seguiu de perto a inundação de paixões políticas, o extermínio sucessivo das enormes riquezas materiais e morais da pátria ideal

da arte sentir-se há de-certo, desconsolado e triste!

E que neste facto se resume o perigo das ambições desmedidas... é assim também que se morre quando não se sabe ao que podem chegar o abandono e enfraquecimento morais.

Avante, portanto, estudantes da minha terra; avante pelo nosso estremecido torrão pátrio!

Olhos fitos nas nossas mães, nos nossos irmãos, em tudo enfim que nos é amado, façamos altiva e gloriosa a *Pátria Portuguesa*.

Mário dos Santos

2.º ano mécio de comércio

RAÇA QUE DEGENERAS...

Pela Educação Física

O assunto que me proponho tratar nas colunas do nosso mensário é de véras melindroso para mim, porque sendo novo ainda, não tenho a verdadeira prática que estes assuntos requerem, e por isso não posso empenhar-me a fundo por eles como era meu objectivo.

O que exponho, não é por mim inventado não, é o resultado de várias leituras colhidas, são os ensinamentos dos peritos, dos mestres que a este ramo de educação se dedicam.

Como julgo útil, todos nós termos conhecimento dêles, acho bem repeti-los, fazer eco dêles em *O Profissional* pois que nada se tem dito a seu respeito.

Porém, para aqueles que sôbre o assunto, a sua caneta poderia conseguir um trabalho mais perfeito, eu peço licença para apresentar as minhas desculpas pelas deficiências que este meu artigo contenha, por isso que eu não passo dum simples amador destes princípios, na sua infância.

A mocidade urge pois, vibrar, quebrar o indiferentismo que ameaça a nossa raça, porque nós os rapazes de hoje, seremos os homens de amanhã.

Fortalecer a geração futura é o grande problema.

E como se poderá evitar o depauperamento da raça?

Certamente, modificando o meio.

Urge pois, criar um novo sangue, que seja bastante poderoso, preconizando-lhe a cultura física, para que a raça possa recobrar o seu vigor antigo e de que se acha bastante abalada.

Olhar pelos fracos é o que há a reparar...

Há bem pouco tempo que acabou a luta mais horrível em que toda a humanidade se envolveu.

Descadeada nos nossos dias, temos bem presente que ela teve por teatro principal, a Europa.

Troava o canhão e a metralhadora, brilhavam as baionetas e as lâminas das espadas, aeroplanos e hidroaviões cruzavam o espaço. Os navios sulcavam os mares...

Quem tudo isto dirigia?

Sem dúvida a força humana.

Era pois o braço potente do homem que movia todos os obstáculos.

E duma maneira geral, quem eram esses homens?

Eram aqueles cuja saúde física lhes permitia ainda ir combater nos campos sangüinolentos da batalha.

Nessa pavorosa luta saíram vencedores e vencidos.

Houve mortos e feridos, estropiados e doentes.

Glória aos primeiros que dormem o seu sono eterno.

Mas estes últimos que assim regressaram juntamente com os que combateram já não podiam partir; é a organização, ou melhor é a maneira como se acha constituída a sociedade mundial. E' pois a sociedade um sanatório de enfermos. E essa mártir França que dirá a tudo isto?

Recorrendo-se aos exercícios físicos remediá-los a este estado de coisas.

Criar-se-ão organizações mais fortes; pois que o homem são de corpo, é puro de alma.

António B. da Costa

2.º ano mécio de comércio



Clara

Clara é a luz de opala que o luar
Espalha em noites de calmante agôsto;
Clara é a chama do teu meigo olhar,
E a doçura sublime do teu rosto;

Clara é a aragem leve do sol-posto
Que traz suspiros doces, a chorar;
Clara é a graça do teu peito a arfar;
Clara é teu nome, o nome de meu gôsto.

E se ainda há graças que em ti não conheço,
É de-certo por isso que padeço,
Sem saber descobrir qual a razão;

Mas quando penso, creio adivinhar:
Esse segredo insano a desvendar,
Deve ser, Clara, a dor do coração...

Abílio Quadros

A Lua

Aquele rutilante astro que por vezes, occulto entre plúmbeas e densas núvens, procura dissipar as trevas que cobrem uma parte da superfície terrestre, tem sido objecto de inúmeras discussões científicas.

A lua, êsse astro que tem inspirado tantos poetas e apaixonado amantes, foi em épocas remotas, por muitos adorada. A ela lhe prestaram culto e lhe ofereciam sacrificios. Pelos grêgos e outros povos da antiguidade, era considerada a sua Deusa. Assim, para os grêgos era a casta *Phæbe*; para os fenícios a *Astratea* e ainda para outros, era a *Seléné*, e *Isis*.

Ela é a esperança de muitos que envolvidos pelo manto tenebroso da noite, em vão procuram enveredar no caminho que os leva ao destino ambicionado.

Em Janeiro, nas algidas e tempestuosas noites, a Lua, nessas alturas inacessíveis, espargindo o seu luar de prata, é a imagem consoladora de alguns que nela procuram conforto, dirigindo-lhe o seu olhar, atenciosa e apaixonadamente. Ne-la vêem uma figura um tanto sobrenatural e poética.

A astronomia, conquanto esteja em pleno periodo de desenvolvimento e florescência, ainda não conseguiu de todo revelar os misteriosos segredos que o astro encerra no seu âmago. O telescópio mais poderoso traz-nos a Lua a uma distância relativamente curta, comparada com os milhares de léguas que dista de nós, (mais de 94:000 léguas) mas ainda isso não basta. Contudo, dêste modo já nós poderemos observar a superfície do hemisfério visível; apresenta-se êste, completamente desolado, com aspecto triste e até sinistro; por toda a parte, só destroços, não havendo sequer, alguns indícios de vegetação e de habitabilidade, parecendo um planeta que outrora tivesse vida e fôsse habitado por seres análogos a nós. Supõe-se que tivesse sorrido as mesmas modificações que o nosso planeta, isto é, que todo aquele aspecto frio, fôsse causado por uma revolução interior, como violentíssimos tremores de terra, erupções e outros fenómenos, tanto mais que na crôsta lunar abundam montanhas e crateras de vulcões extintos.

As planícies não existem em tanta quantidade, mas no entanto, as poucas que existem, são duma extensão muito grande. A algumas destas planícies, (segundo Flamarion), pela singular configuração que apresentam deu-se o nome de mares, e até oceanos; tais são, o mar da *Serenidade*, o oceano das *Tempestades*, o mar da *Meditação*, das *Chuvas*, etc.

O mar da *Serenidade*, pode-se observar nitidamente a olho nú; acha-se completamente destacado do resto das manchas e é uma figura ovóide, negra, que se acha num dos bordos do disco lunar; por ocasião da lua cheia é que se pode ver bem.

As outras manchas são altas montanhas. Essas montanhas têm uma certa analogia com as ditas terrestres, e só diferem na designação, como os montes de *Tycho*, de *Copérnico*, de *Képler*, de *Herschell*, e outros; mas contudo la vamos encontrar os *Alpes Selenitas* e os *Pirinéus*, que como se vê são nomes terrestres.

As mais altas montanhas do nosso satélite, não chegam a atingir a altitude do nosso Everest. Exactamente como na terra, devem estar uma parte do ano, cobertas de neve. Como se sabe, a Lua tem as suas fases que são devidas à completa abstenção de luz num dos hemisférios. Ai é que a vista do homem inda não conseguiu entrar.

O hemisfério é sempre o mesmo e a invisibilidade é perpétua. O outro que é visível, sofre as alternativas da noite e do dia. Também se nota a existencia de dois polos, visto que em dois extremos opostos se vê um conjunto branco e brilhante, cada um dos quais forman-

do um semi-círculo, embora irregular. No que diz respeito à provável habitabilidade actual, segundo uns, é habitável e refúgio por conseguinte, quasi tôdas as condições de vida necessárias ao homem. Outros dizem ainda que é impossível a vida atendendo à enorme rarefacção de ar que lá se encontra, o que é opinião mais corrente e aceitável.

Apezar de tudo isto, a nossa fantasia mostra-nos lá coisas maravilhosas, riquezas consideráveis, delicias celestiais, etc., etc.

Quando será o século em que nós no máximo periodo de desenvolvimento, poderemos fazer possíveis comunicações com os selenitas?

E caso seja verídica a existência dêsses habitantes, será certo que a sua civilização é superior à nossa?

São estas duas perguntas a que por ora é impossível responder. Por enquanto, as hipóteses sucedem-se, mas de certo que um dia se poderá realizar o ideal de muitos astrónomos selenógrafos.

E agora nós apenas nos limitamos a observá-la nas suas diferentes fases, e sempre cá temos um «porquê» que nos deixa por algum tempo absortos, nos mistérios que a sua luz nos traz.

Antônio da Silva Carvalho

3.º ano oficial

Recordando...

Foi numa tarde bela, mas quasi à noitinha, que teus lábios pousaram sobre a face minha um beijo duma intensa e ardente paixão... mas oh! em devaneios que me subjugaram, êsses teus níveos braços meu corpo enlaçavam, sentindo já o teu inquieto coração; foi então, que nas faces tuas rub'risadas, um beijo troquei por dôres immaculadas.

O venerando sol deixára de brilhar, occultando-se nas montanhas do Al-fa-gar; a cor austera da noite, com altivez e admirando orgulhosa a luz extasiada, no trôno se assentou, de estrelas adornada, que beijavam a tua branca e pura tez, os teus áureos cabelos de Virgem ditosa ondeavam, ao sabor, da brisa carinhosa;

Tens puros lábios num frémito de loucura, um... amo-te, deixaram fugir com doçura, dito co'ma voz fraca, doce e encantadora; meu pobre coração num palpar incerto, agradeceu-te a medo, ao ver-se enfim liberto da dúvida terrível e desoladora.

Densas nuvens toldaram a bondosa lua porque um beijo fcgaz, pousei na face tua!

Aldemiro Encarnação Pires

1.º Ano geral

O carácter duma pessoa revelado pela sua respiração

É este um dos mais recentes aperfeiçoamentos duma nova ciência, em virtude da qual por intermédio dos raios X, se pode determinar o carácter duma pessoa, estudando os movimentos produzidos pelo diafragma durante a respiração.

Para esse fim, coloca-se um indivíduo cujo carácter se deseja conhecer, em frente dum alvo radioscópico, e o operador faz em face do diafragma as suas observações.

A idiomicrasia do carácter é assim revelada, pois que os movimentos que se operam no diafragma são quasi involuntários.

A ciência do carácter tem pois em atenção a aparência do tórax, as pulsações do coração e da aorta, e os movimentos respiratórios.

Estes factores são observados facilmente com uma grande máquina de raios X e são muito característicos;

Assim, diz-se ao indivíduo que respire profundamente.

Se o diafragma obedece prontamente, a pessoa em questão tem um temperamento dócil.

Se a respiração continua por muito tempo mas com a mesma intensidade o observado é perseverante.

Se a respiração não se faz imediatamente, é indício de que esse indivíduo tem um carácter reflectido e pesa portanto as consequências dos seus actos antes de os executar.

A firmeza com que o diafragma se contrai no fim da respiração, indica tenacidade de resolução.

Agora se a expiração segue instantaneamente à inspiração, a pessoa é mentalmente atenta e por conseguinte provavelmente dotada de rapidez no pensar.

Mas devemos também atender a que o diafragma não conserva a mesma forma durante os diferentes movimentos da respiração.

Quando se altera muito pouco, movendo-se para baixo e para cima, análogamente ao êmbolo duma máquina a vapor, a pessoa é exacta, calculadora, e adequada para os negócios.

Por outro lado, o temperamento artístico é revelado por um diafragma que se move às ondas, mudando de forma em cada uma das respirações.

O valor do estudo da ciência do carácter reside no facto de elle ser conhecido como atraz se disse e também saber qual o género de trabalho para que elle dispõe.

Pôsto que seja virtualmente impossível para qualquer pessoa, mudar o seu carácter, pode no entanto modificá-lo, e retirar o maior partido possível, das suas habilidades inactas.

António Baptista da Costa

2.º ano médio de comércio



SONETO

Jámais olvidarei teu puro amor
que me votaste em horas sorridentes;
mas oh!... teus olhos belos e atraentes
cerraram-se, e perderam o esplendor;

Depois... ai! torturantes sofrimentos
fenderam meu dorido coração;
a padecer, procuro sempre em vão
repelir tão atrozes pensamentos.

O único conforto que eu aceito
é juntar-me a ti no céu ridente,
todos os outros, anjo meu, — *regeito!*

Oh! do caminho etéreo não há traços,
por isso te suplico loucamente,
que me estendas os teus formosos braços.

Aldemiro da Encarnação Pires

1.º ano geral



Os teus cabelos

Deste-me enfim, e quasi por favor,
esses lindos cabelos d'ouro ardente,
que eu hei-de conservar eternamente
como reliquia d'esse nosso amor;

Dou-lhe carinho, beijo ternamente
essa argolinha que me causa dor,
quem ama, fantasia, é sonhador,
e eu sonho ver teu rosto de inocente,

Ao contemplar esse caracol louro
que resume o teu corpo, o meu tesouro,
sinto maior por ti minha paixão,

e é por isso que pergunto ao vê-los:
sendo tão frágeis esses teus cabelos
porque prendem mulher, meu coração?

João Pires Antas

1.º Ano Geral

Ao Luar

Os anjos como tu são
 Ó filha casta do luar,
 Se o pobre te estende a mão
 Não lhe dás teu coração
 Por ser êle o meu altar;

Quem me dera ser o pente
 Que os teus cabelos ondeia...
 Estar junto a teu peito quente.
 Ouvindo o cantar dolente
 Da tua voz de sereia;

Ao ver surgir o luar
 Luz dos amantes, tão bela,
 Eu digo como a sonhar:
 O meu amor deve estar
 Neste momento à janela.

Os teus lábios, lindos lindos,
 São de rubi marchetados,
 Teem segredos infindos,
 Que lembram versos benvindos
 De poetas inspirados

Da guitarra ouve os gemidos,
 São filhos do meu sofrer,
 São queixumes mais sentidos,
 A prece que a teus ouvidos
 Mal que chega vai morrer:

A minha lira, coitada,
 Essa geme mais baixinho,
 E' uma alma atribulada
 Que por Jesus foi fadada
 P'ra não ter nenhum carinho.

Nem um sorriso sòmente,
 Um olhar de compaixão,
 E' um cadáver vivente
 Que vai dizendo o que sente
 O meu pobre coração;

Quando ouvires cantar o fado
 Não rias, porque êle tem
 Tristezas de um desgraçado
 E o sorriso macerado
 De Maria de Belém,

Quando no monte, Jesus
 Morreu por nós divinal,
 Deixou do alto da Cruz,
 O seu coração de luz,
 As mulheres de Portugal;

Teu rosto é o firmamento
 Onde estão a tremular
 Êsses teus olhos, que o vento
 Por mais que sopra violento
 Nunca consegue apagar.

João Pires Antas

1.º ano geral

Meia Noite

Meia noite; junto da alvacenta Torre de Belém eu e a solidão, contemplamos absortos êsse manto esmaecido que o luar descuidadamente arrasta por sobre as águas dêsse Tejo, tão querido, tão glorioso, tão falado... Meia noite; a Torre d'Ajuda bate as 12 badaladas compassadamente e a Torre de Belém parece mais branca e o Tejo mais sereno. Nas águas desliza agora mansamente ligeiro barco à vela que depressa desaparece nas sombras projectadas das colinas fronteiras. Além o Bugio dimana a luz protectora do seu farol, ora branca ora vermelha. Não parece êsse Portugal antigo que ora rasga os mares, dissipa as lendas, despedaça as falanges indianas, ora dá o amparo protector a todo o fraco que dêle carece? Meia Noite; e as estrelas scintilam no nosso céu como gotas refulgentes no brocado mais azul.

Oh! como tudo isto é lindo! Como sinto bem ter dentro em mim o mesmo sangue dos bravos de Ajubarrôta e Diu!... Como a minha fantasia reproduz, agora, bem nítidas as tres naus balouçando-se serenamente, confiantes como os guerreiros que transportam em qualquer cousa, mais forte, mais possante do que êles próprios... Como eu vejo desfraldada ao vento a bandeira de Cristo a abençoar o torrão que lhe gravou a cruz em centenaes de combates... Passa agora junto a mim o nordeste e no seu gemido prolongado, julgo ouvir uma voz que diz: «Ditosa pátria que tais filhos tem» e tornar momentos depois: morrer, sim; mas devagar...

Um môcho, ali, sobre os Jerónimos solta o seu canto plangente como as cantigas dos mareantes do Norte; canta, ave temida! O teu canto que anuncia a desgraça, é para mim o revigoramento de todo o meu ser; porque tu quando os outros dormem, tu, dos altos das tôrres, velas, e percorres com a vista todo êsse espaço que o homem te abandonou com o medo às trevas. Canta, ave negra, que te vestes da mesma côr da batina dos estudantes, da sotaina dos eclesiásticos e da armadura de Eurico! Só lamento que o teu canto não desperte os heróis adormecidos pelo sono da morte... Uma hora!... e ao longe desfaz-se em convulsões o oceano já revôlto; o luar foge amedrontado, o rio encapela-se, brame o mar inteiro! A Vésper desmaia, e só permanece a rir das vagas oceânicas, branca de neve, linda, tão linda... a Torre de Belém.

João Pires Antas

1.º Ano geral

JUROS COMPOSTOS

Uma colocação a *juros compostos*, é, por definição, uma série de colocações a *juros simples* em que o capital aumenta de período para período, sendo esse aumento igual ao juro do período anterior.

Assim, o *juro composto* do capital C à taxa t , será:

no 1.º período, igual ao juro simples de C , ou

$$j = C t$$

No 2.º período, aumentando ao capital este juro, teremos o novo capital

$$C + C t = C (1 + t),$$

e o juro neste período (2.º) será

$$C (1 + t) t.$$

No 3.º período, o capital é portanto

$C (1 + t) + C (1 + t) t$ donde, pondo $C (1 + t)$ em factor, resulta

$$C (1 + t) (1 + t) = C (1 + t)^2$$

Por consequência, no período n será o capital

$$C (1 + t)^{n-1}$$

e o respectivo juro

$$C (1 + t)^{n-1} t.$$

Logo, o valor acumulado no fim do período n será então:

$$M = C (1 + t)^{n-1} + C (1 + t)^{n-1} t.$$

donde

$$M = C (1 + t)^n$$

ou, se fizermos, (para simplificação)

$(1 + t) = r$, teremos finalmente como fórmula do valor acumulado a *juros compostos*

$$M = C r^n$$

Desta fórmula fundamental se deduzem todas as outras fórmulas, necessárias para resolver os problemas de *juros compostos*.

Fórmula de juros (em função do Capital).

Sabemos por definição, que $J = M - C$.

Substituindo $M = C r^n$ vem:

$$J = C r^n - C = C (r^n - 1)$$

Fórmula do juro (em função do valor acumulado).

Sabemos de $M = C + j$, que o Capital $C = M - j$. Substituindo $M = C r^n$ vem

$$M = (M - j) r^n \text{ donde}$$

$$\frac{M}{r^n} = M - j \text{ ou}$$

$$j = M - \frac{M}{r^n} = M \left(1 - \frac{1}{r^n} \right)$$

Mas $r^n = (1 + t)^n$, donde

$$J = M \left(1 - \frac{1}{(1 + t)^n} \right) \text{ ou } j = M \left[1 - (1 + t)^{-n} \right]$$

Fórmula do Capital (Em função de M)
Partindo da fórmula fundamental, nós sa-

bemos que $C = \frac{M}{r^n}$. Aplicando os loga-

rítmos, vem $\log C = \log M - n \log r$

que é a *fórmula do Capital em função do valor acumulado*.

(Em função do juro)

Da fórmula que nos dá o valor do juro em função do Capital, $j = C (r^n - 1)$ ou

$$j = C [(1 + t)^n - 1], \text{ tiramos}$$

$$C = \frac{j}{(1 + t)^n - 1}$$

Fórmula de duração do empréstimo

Da fórmula fundamental, sabemos que

$$C = \frac{M}{r^n}.$$

Aplicando os log. vem $\log C = \log M - n \log r$.

Tirando o valor de n , será:

$$n = \frac{\log M - \log C}{\log r}$$

Apontamentos de *Álgebra Financeira*, do 2.º ano médio de comércio.

Continua

Uma grande lição

Tarde alta; o Tejo anseia; a brisa geme. — Almas de Portugal, gentes da nossa terra, heróis, indómitos guerreiros soldados valorosos, marinheiros audazes sábios conspícuos, talentos raros, poetas da saúde, do amor, do sofrimento, vinde vinde, assistir à lição da mocidade, ao ensinamento dos pequeninos.

E todos acorrem com amor, com carinho, ao apêlo da Pátria, trasbordando júbilo e vaidade. Do norte ao sul, de tôdas as direcções, o povo surge, o povo chega, cheio de vida e vigor, cheio de alegria e bondade.

Aproxima-se com galhardia, sorridente, vigoroso, mostrando assim que ainda não se esgotou a tenacidade desta raça que dizem decadente, que julgam abatida.

E todos se aproximam do Tejo esperando ansiosamente a chegada dos dois arrojadados vencedores do ar. E a alma da Pátria que quere receber, que deseja abraçar, reconhecer, o feito valoroso, heróico, dos que honram a nossa terra, e levantam acima dos partidarios o nome sagrado de Portugal. E a gratidão de um povo bom e generoso que vem provar o mais augusto reconhecimento perante os bravos que por êle se sacrificam, enviando-lhes num beijo diamantino de criança o mais puro affecto dum coração de pomba.

E o Tejo soluça esmagando-se de encontro às muralhas resistentes, graníticas.

Aproxima-se a hora da chegada, o solene momento da chegada. Paira no ar uma sensação estranha, singular, que inebria os corações, arrebatava as almas, prende os seres. E qualquer coisa de desconhecido e inexplicável que nos dá mais vida, mais vigor, fazendo-nos vibrar a sensibilidade emotiva de gratidão e respeito. E um fluído magnético incompreensível, que nos faz verter as mais puras lágrimas cristalinas de satisfação e de orgulho.

E as escolas aproximam-se pouco a pouco. Os futuros homens de amanhã avançam airoso, tendo nos lábios um sorriso de alegria e no rosto a expressão sacrossanta da bondade. E em breve o magestoso Terreiro do Paço se coalha ordenadamente de assistentes que esperam o momento sagrado do desembarque.

Em todos os corações, em tôdas as almas, existe neste instante um único pensamento; as atenções imutáveis, os olhares prescrutadores alongando-se sobre o Tejo, o mostram

claramente. Não existem rivalidades, desapareceram os ódios, acalmaram-se os ânimos irrequietos, estoicos, e só, a palavra *Pátria* afflora aos lábios trementes de vaidade, e às mentes que na sua mudez denotam a mais alevantada eloquência.

Começa a impregnar a atmosfera, uma chuva miúdiinha, impertinente, mas ninguém se afasta de onde está, perfeitamente enlouquecidos duma ardente fé patriótica que bem prova o espírito nacional.

Espalham-se no ar os silvos das sereias e os apitos dos navios. Os corações palpitam, fremem. Agitam-se palmeiras doidejantes sob as quais hão de passar triunfalmente os vencedores das alturas...

Ei-los que põem pé em terra, em terra sagrada de Portugal!

E as almas ajoelham orando numa prece fervorosa a vitalidade da nossa raça, a vigorosidade do nosso sangue.

O momento é sublime, grandioso. Silvam sereias, soam harmoniosos os acordes da *Portuguesa*, estrugem palmas, agitam-se palmeiras, ouvem-se soluços de prazer, há risos francos e honestos, chovem flôres — as mais puras flôres dos jardins de Portugal — sobre as cabeças descobertas dos grandes mestres da aeronáutica.

E os pequeninos entes, os futuros cidadãos de amanhã desfilam perante a tribuna dos dois arautos da nossa terra, muitos sem comprehendem o valor do seu arrojado empreendimento cheios de admiração, sorridentes, vendo nêles as figuras magistrais do nosso tempo.

Que grande ensinamento à mocidade escolar! que imponência sublime para a formação dos precoces caracteres! que grandioso exemplo para os que um dia hão de ser os dirigentes dos nossos destinos, os destinos da nossa terra!...

Mais tarde, quando a idade invadir os seus lares, os jovens escolares recordar-se hão indubitavelmente dêste dia que constituirá uma data imorredoura nos seus corações juvenis...

Abílio Quadros

2º, ano médio de comércio



Em virtude dos inúmeros trabalhos tipográficos, o mensário sai com um atraso de alguns dias, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

A Direcção

1.º de Dezembro

No dia 1.º de Dezembro, comemorando a nossa independência, realizou-se uma pequena festa, à qual assistiram além do Ex.^{mo} Director os snr. professores e oficiais do Instituto e que decorreu no meio do entusiasmo geral.

Recitaram os alunos: Marcelino, Santos, Freitas, e Sacavém que disse um interessante soneto de Silva Guisado que achamos curioso publicar.

Honra de Pae

Aos gloriosos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Um pobre lavrador já de idade avançada,
Vivendo de um passado em que ostentou grandeza,
Com dor funda lamenta, essa triste frieza
Com que os outros ao vê-lo o salvam pela estrada,

Qualquer podengo vil lhe ladra com estranheza,
Qualquer rafeiro o força a rojar sua enchada,
E o velho lavrador co'a alma acabrunhada,
Segue sempre, sorrindo aos ceus e a natureza.

A seus filhos lembrando essa forte vontade
De buscarem no p'rgo a imortalidade,
Azorragando a face, a quem ao pae quer mal,

Com epopeias de honra e cheias de imprevisto...
Oh Mundo! Repara! Os meus filhos são isto!...
E o lavrador sou eu o velho Portugal.

Coruche *Henrique Victor da Silva Guisado*

No final o Ex.^{mo} Director distribuiu vários prémios pecuniários que o nosso professor de caligrafia e Dactilografia, snr. Larcher, deu aos seus alunos mais classificados; houve um momento de saúde quando foi chamado o nosso colega Leonel Faria, que se encontra no Sanatório há já bastante tempo.

O Ex.^{mo} Director fez a entrega da taça escolar ao aluno Carlos Alberto ex-capitão do nosso grupo de *foot-ball*, que no ano lectivo findo ficou vencedor. A Orquestra ocupou como sempre, a parte primordial da nossa festa, que terminou com o que muito desejávamos, isto é, feriado.

A Direcção

A respeito dos desafios do Campeonato Escolar de Foot-Ball, de que o Instituto, também faz parte, *O Profissional*, publicará em 25 de Maio uma curiosa descrição acompanhada de algumas gravuras.

A Direcção

Ecos

Jaime de Mascarenhas;

Recebemos e agradecemos o livro de sonetos *Horas Distantes* da autoria do nosso presado ex-colega Sr. Jaime de Mascarenhas.

Dispensamo-nos de a criticar porque nos julgamos incapazes de a fazer com autoridade. No entanto registamos com prazer que a imprensa em geral lhe dedicou algumas palavras de encitamento e louvor, chegando o *Seculo* a afirmar que poucos começam como ele com tanta fortuna e sob tão bons auspícios.

Ao nosso antigo camarada enviamos pois, as nossas felicitações por ter sido o primeiro a colocar uma obra na Estante de honra da Biblioteca do Instituto.



Deixaram temporariamente o Instituto os Srs. Coronel do C. E. M. Fernando Freiria e Major do G. A. M. Vitorino Guimarães, respectivamente Director e Regente da 1.ª Secção, por terem sido nomeados, o primeiro para Ministro da Guerra e o segundo para Ministro das Finanças.

Por esse motivo tomou a Direcção do Instituto o Sr. Tenente-coronel do C. E. M. Tasso de Miranda Cabral e a regência da 1.ª Secção, o Sr. Tenente-coronel do C. E. M. Ferreira Chaves.



«Gente Nova»

Apareceu este semanário académico, sob a direcção literária de Rui Freiria.

A sua apresentação é excelente e encerra colaboração de eruditos professores e escritores, como Leonardo Coimbra, Augusto de Casemiro etc.

Ao novo colega que teve a gentileza de permutar connosco, desejamos inúmeras felicidades e longa vida.



«Colégio Militar»

Recebemos e agradecemos os dois últimos números de *O Colégio Militar* porta-voz dos alunos do colégio que tem este nome.

Tem bela e interessante colaboração.



«Ecos do Instituto»

Saiu o número relativo ao mês de Outubro, do periódico das nossas colegas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, as quais tiveram a feliz lembrança de dar ao seu mensário uma apresentação tipográfica idêntica à de *O Profissional*.

Sinceramente penhorados com a prova de consideração que nos foi dada, agradecemos às gentis colegas, que ainda não tiveram a gentileza de no-lo remeter.



«Almada-Sport.»

Registamos com prazer a permuta do nosso colega sportivo *Almada Sport*.

É um interessante semanário... cuja leitura muito interessa a maioria dos alunos.



Temos recebido igualmente e em devido tempo *«O Sport de Lisboa»*, *«Os Sports»* e a revista *Football*.

A Direcção